

MEMORIAL DESCRITIVO



CARLOS DANIEL PÉREZ

SIAPE 1542741

Memorial Descritivo apresentado à
Universidade Federal de Pernambuco
como parte das exigências para fins de
promoção para a Classe E, com
denominação de Professor Titular da
Carreira de Magistério Superior.
Resolução 03/2014 - UFPE

**Vitória de Santo Antão
2024**



*A mi mamá, Petty,
la persona que siempre confió en mí
y me apoyó incondicionalmente en todas mis decisiones*

Lembro que sempre fiquei maravilhado com o mar; quando criança, durante meus longos verões em Mar del Plata, passava horas observando o ir e vir das ondas, ouvindo aquela mística canção marinha. E aquele mar que me obnubilou na minha infância continua, sem saber, a minha verdadeira vocação. Sempre fui atraído pelo desconhecido, me apaixonava por empresas difíceis, e o mar é uma gestão complicada.

Eu definiria o mar como aquela grande caixa de surpresas que tem sempre algo novo para nos ensinar; ou o compararia com uma caixa de bombons, daquele tipo que você nunca sabe qual bombom vai pegar. Sorte, aquele condimento mágico que torna cada tarefa imprevisível. É este adjetivo, imprevisível, que mais me atrai aos estudos marinhos, e é por isso que defino o biólogo marinho como um cego orgulhoso da sua cegueira. Que mais emocionante!, que mais intrigante! e que nada mais desafiante!, do que os segredos que o mar protege. Descobrir esses mistérios significa retirar um a um os infinitos véus que vestem as águas marinhas, que na sua dança maquiavélica nos embriagará com os seus feitiços de beleza e imensidão.

Por isso, mar, hoje eu te desafio; tirando teus véus e alcançando a divisar tua silhueta virginal entre a bruma; e juro que morrerei com os lábios salgados e o coração úmido por ter mergulhado na tua alma azulina.

Carlos Daniel Pérez

Prólogo da Tese de Doutorado

PRÓLOGO

Escrever um memorial acadêmico é uma atividade gratificante já que é rever o caminho percorrido, mas aí é quando o termo "memorial acadêmico" fica impossível de separar de um "memorial de vida". Pelo menos da minha parte, não tenho como separar, porque todo passo acadêmico sempre ficou atrelado a um passo, a uma escolha de vida. Não tem como relatar a minha trajetória acadêmica sem contextualizar com os eventos da minha vida que tornaram essa trajetória possível. Por isso meu memorial não será um simples curriculum comentado, será uma contextualização cronológica dos fatos acadêmicos imersos em um turbilhão de acontecimentos e realizações pessoais. Não farei citações bibliográficas sobre minha produção científica, nem detalharei todas as atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão. O curriculum vitae, em anexo, informa precisamente estas atividades.

Poderia dizer que a minha bússola, o que me indicou sempre o caminho foi meu coração, sempre acreditei nas suas escolhas e fui refém delas. Não acredito em escolhas boas ou ruins, as vezes não enxergamos o motivo de uma escolha ruim até saber onde nos leva, assim tenho como lema um provérbio judaico que diz que "tudo é para o bem", acredito na beleza oculta e em que tudo o que fazemos é para um bem futuro. Otimismo extremo? Pode ser, ou fruto de resiliência adquirida ao longo da vida.

As pessoas quando nascem, são como um quebra-cabeça, cada uma vem incompleta, com algumas peças que demonstram sua essência, mas ao longo da vida esse quebra cabeças vai se completando. As peças que o preenchem não são nada mais nem nada menos que pessoas, pessoas que vamos conhecendo ao longo de nosso caminho e vão nos completando. Algumas pessoas nascem com mais peças, outras com menos, algumas precisam de mais que outras, mas todas precisam de pessoas. Eu nasci, como todo mundo incompleto, e ao longo de meu caminho fui coletando essas peças, às vezes encontramos peças que pensamos que são de nosso quebra-cabeça e tentamos, ou forçamos encaixá-las, mas não adianta, com o tempo elas caem, se desprendem. Não é fácil achar nossas peças, é um desafio, uma tarefa que leva a vida toda. Ninguém sabe quantas peças tem, nem quantas

peças nos faltam para completá-lo, mas isso não interessa, o desafio é ir atrás delas, o resto se faz sozinho. Mas é um quebra-cabeça muito complexo, sem imagem de referência, todo branco e com milhares de peças diferentes, sem guia nenhum. Então, vocês se perguntarão: como encontramos as peças? Cada uma das minhas peças foi coletada seguindo minha bússola vermelha, meu coração.

Ao longo do texto vocês verão inúmeras peças de quebra-cabeças com nomes diferentes que ilustram as páginas (arte de minha filha Macarena), vão ter as quinas e as bordas, as peças especiais (de cor azul mais escuro), peças em forma de patinhas (em referência aos cachorros da minha vida), as peças-complemento (são peças incompletas que se complementam com as minhas), e as demais peças que conformam meu quebra-cabeça.

Então convido vocês a percorrer o caminho que construiu a vida de um biólogo, taxonomista de essência e apaixonado pelo mar.

SUMARIO

PRÓLOGO	iv
Crônica de uma felicidade anunciada	7
1. Incompletude: Era Sem-Paula	8
Minhas bordas	8
Deus é um gato	14
À procura das peças	15
O caminho	21
2. Completude: Sou Com-Paula	34
Os complementos	34
Nossa diáspora: Brasil	42
Nosso Lar	54
3. A vida acadêmica	57
ENSINO	57
EXTENSÃO	61
PESQUISA	64
➤ Projetos coordenados e financiados	64
➤ Formação de recursos humanos	68
➤ Participação em Congressos e Eventos Científicos	71
➤ Produção bibliográfica	75
➤ Myprecious	79
➤ Inovação	79
➤ Ad hoc	80
GESTÃO	81
COROLÁRIO	83
ANEXO. Síntese curricular	85

Crônica de uma felicidade anunciada¹

As crônicas são marcadas por relatar fatos ou acontecimentos históricos, com personagens, tempo e espaço definidos. O qual se encaixa perfeitamente para o formato de um memorial, personagens e espaços escolhidos, e o tempo...

Como podemos medir o tempo? Minutos, horas, anos...E como se mede meu tempo? Muito fácil, meu tempo se mede de duas maneiras: sem a presença de Paula e com a presença de Paula.

Paula, hoje posso falar que sou eu, porque agora compreendo que antes de Paula eu era só uma parte de mim. Também poderia definir meus dois momentos temporais, como Incompleto e Completo, já que o que me fez atingir a completude foi Paula. Então a nomenclatura está mais adequada, convido a percorrer estas duas etapas da minha vida, etapas onde se formou um homem, um eterno cientista.

E vou me propor um desafio, para mim um enorme desafio, como se trata de um memorial, vou utilizar como fonte de busca e pesquisa unicamente minha memória, não vou consultar ninguém (ou quase ninguém), o que ficou na minha memória irei considerar que foi o mais relevante, sou de filtrar bastante as lembranças, já irão me conhecendo. Vamos?

¹ O título é uma analogia da obra do autor Gabriel Garcia Marques publicada em 1981, que li durante minha adolescência intitulada *Crónica de una muerte anunciada*.



1. Incompletude: Era Sem-Paula

Minhas bordas

As bordas de um quebra-cabeça são as que definem ele, essas peças são as primeiras e talvez as mais importantes. Bordas indefinidas obrigam a uma busca às cegas das demais peças, mas a definição das mesmas não depende de nós, as peças das bordas estão na nossa formação, em nosso entorno quando crianças. Por sorte, tive bordas firmes e bem definidas, o que me facilitou a busca das demais peças.

Nasci em 10 de novembro de 1966, em Buenos Aires, na Argentina, no Dia da Tradição, em referência ao nascimento do poeta argentino José Hernández que escreveu o poema narrativo *Martin Fierro*, um clássico que narra a vida de um *gaucho*². Antigamente não tinha aula nesse dia e eu achava o máximo que o dia de meu aniversário fosse feriado. Amo o meu dia, de fazer festa, e desde sempre gostei de bolo de chocolate com todas as velas, sim, todas, até hoje; não me enrolem com vela de números, quero todas.

Minha família é bem ramificada, filho único, mas com três irmãs; uma mãe e dois pais. Nunca liguei para laços sanguíneos, acredito em laços. Não me comprometo com parentescos pelos parentescos em si, me comprometo com pessoas e amo incondicionalmente a quem escolho. Meus pais se separaram quando eu era bem pequeno, acho que com dois anos; e morando com minha mãe aparece a primeira lembrança.

Me encontro em um terraço, dia ensolarado com algumas nuvens, o chão é de azulejos terracota, antigos, desgastados pelo tempo, e dois besouros rinocerontes enormes são parte de minha brincadeira: colocar pauzinhos entre os "chifres" deles e ver como eles os quebram. Ficava horas brincando e olhando para eles. Também tenho lembranças de montar "terrários", aquários com terra onde colocava todo bicho que achava, aranhas, besouros, tesourinhas, louva-deus, minhocas, etc. que eram o terror da minha mãe, porque obviamente sempre algum habitante escapava.

² Na América do Sul, o *gaucho* é um homem mestiço de sangue espanhol e indígena que, entre os séculos XVIII e XIX, habitou as pampas. A palavra é de origem quíchua e deriva da palavra "huachu", que se traduz como "sem pais" ou "órfão".

Meu ensino começa aos seis anos na Escuela N°11 Distrito Escolar 3ro. Dr. Ricardo Gutiérrez do bairro de Monserrat em Buenos Aires, Argentina. A *Escuela Primaria* na Argentina corresponderia ao Ensino Fundamental I, na minha época eram 7 anos (*siete grados*). Toda minha formação acadêmica foi em instituições públicas de ensino, na formação basal geralmente se estudava na escola mais perto da sua casa (você tinha vaga garantida pela proximidade de sua casa à escola), já no ensino Fundamental II e Médio se procuravam escolas públicas específicas. No caso, a minha escola ficava em frente da minha casa, onde morava com minha mãe, Petty; o meu segundo pai, Ignacio (Nacho); minha nova irmã, Fabiana (4 anos mais nova que eu) e a sua avó, *Doña Luisa*. A minha escola era de tempo integral, entrava bem cedo, tipo 7h e saía por volta das 16h. Era muito legal, adorava ir à escola. Por volta das 9 serviam o "café da manhã", fazíamos uma longa fila para pegar um pedaço de pão francês e um copo de *mate cocido*³, em épocas melhores podiam dar um copo de leite *La Serenísima*⁴. Mas eu preferia o *mate cocido*. As aulas iam até meio dia e parávamos para o almoço. Isso era complicado para mim, nunca fui fácil para comer de pequeno, bastante *cri-cri*. Não comia verduras cruas, só tomate, mas sem pele; inspecionava a comida com a meticulosidade do cientista que iria me tornar, e isso fazia dos meus almoços na minha infância um verdadeiro tormento. Tem duas coisas que aprendi a odiar com fúria: a polenta e a sopa de Vitina⁵, comidas de fácil realização e baratas que eram servidas com frequência nos almoços. Hoje em dia nem posso sentir o cheiro. Às 16h voltávamos para casa, tomávamos "*La leche*"⁶ mirando "*la tele*"⁷, fazíamos a tarefa de casa e saíamos correndo para a rua para brincar, com os mesmos amigos que tínhamos passado o dia estudando; quando o sol sumia era hora de voltar, dependendo da estação do ano entre 7 e 8 hs. Banho, jantar assistindo *la tele* e dormir.

Aqui vale a pena fazer um parêntese da sociedade dos alunos da escola pública, um convívio feliz, grato e necessário, que toda sociedade deveria ter.

³O **mate cocido** (*chá-mate*, em português) é uma infusão típica das gastronomias da América do Sul. É preparado colocando-se erva-mate tostada em infusão com água quente, ou fervendo a erva-mate tostada em água. Coa-se e serve-se em xícaras.

⁴ Marca típica de laticínios argentinos

⁵ Marca de sêmola de trigo de cozimento rápido e fácil.

⁶ merendar

⁷ televisão

Miguel

Lembro até hoje o nome de meus colegas de "grado". Tinha German Martin Wertheimer, filho de mãe psicóloga que morava no prédio colado à escola, e também tinha Juan Carlos Segade, que era o filho do porteiro do prédio de German. Tinha Gabriel Pensado, filho do dono da "Confiteria Los Dos Chinos"⁸ e Ulisses Valentim, filho do jogador de futebol brasileiro Paulo Valentim, estrela na década de 50 e 60, mas que a jogatina e o alcoolismo os levou a morar em um *conventillo*⁹ nos anos 70. Ulisses às vezes ia descalço e sempre com a mesma camisa de futebol da seleção brasileira. Convivíamos com as diferenças, tanto econômicas quanto sociais, e aprendemos que o respeito estava acima de qualquer diferença. O negro Ulisses, o gordo Fabián, o cabeção Juan Carlos, o "petiso"¹⁰ Carlitos, **éramos todos iguais nas nossas diferenças.**

Néstor

Walter

Minha família era de classe média, minha mãe dentista e Ignacio, empregado da empresa nacional de telefonia, Entel. Meu pai, Rodolfo, era empregado bancário, tesoureiro do Banco Espanhol, casado com Mary. Os meus finais de semana se dividiam entre meu pai e ir a algum dos meus lugares favoritos: Museu Argentino de Ciências Naturais 'Bernardino Rivadavia' e o Zoológico. O dia que meu pai me pegava dependia se ia ter jogo de futebol do *Club Atlético River Plate*, se River jogava em casa era domingo, caso contrário podia ser qualquer dos dois. River Plate é um time de futebol, o mais importante da Argentina e um dos mais famosos do mundo. Meu coração é vermelho e branco desde que nasci, e devo essa benção a meu pai e meu avô, José. Meu "abuelo" José é do qual herdei o palhaço que levo na minha alma, procurando sorrisos como moeda de troca e achando felicidade entre as lágrimas. Acho que isso impulsiona uma das minhas principais características, o otimismo; ou vice versa. Meio copo vazio ou meio copo cheio? Copo cheio sempre.

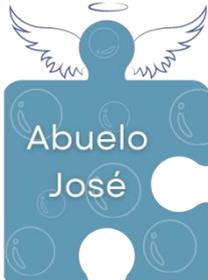
Rodolfo

O futebol é uma das minhas paixões. Outro dia pensei que coisas me emocionavam, e o futebol é uma delas. Um sentimento inexplicável que gera sensações além do raciocínio, paixão sem razão. Então domingo com jogo de

⁸**Los Dos Chinos** foi uma das mais tradicionais confeitarias de Buenos Aires, Argentina na década dos '70

⁹**Conventillo** (Cortiço em português) é a denominação dada em alguns países da América do Sul, a uma casa cujos cômodos são alugados, servindo cada um deles como habitação para uma família, geralmente de baixa renda

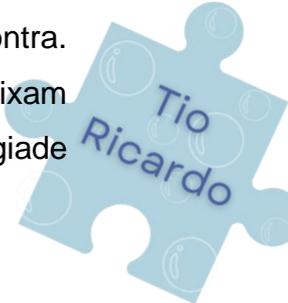
¹⁰baixinho



River, meu pai me pegava cedo, íamos para casa de meus avôs, *abuelo* José e *abuela* China. Minha *abuela* cozinhava essa comida caseira única, essa que deixa gravado os cheiros nas nossas lembranças, carícias de vó. *Ravioles com tuco e estofado*¹¹ são as mãos de minha avó amassando, mexendo, me abraçando. Após almoço, eu e meu pai nos dirigíamos para o Estádio Monumental do bairro de Nuñez, os jogos antigamente eram por volta das 16 hs. Toda a atmosfera que envolvia o jogo era fantástica, na ida no carro escutávamos a prévia na rádio, estacionar, ir andando esses quarteirões envolvidos por bandeiras e camisas da multidão, subir os degraus intermináveis e ir escutando o latejar do estádio, aguardar a saída do time, cantar até o cansaço, pular, gritar um gol de forma desesperada e abraçar a meu pai, esse momento era de nossa conexão. River, paixão, amor.



O outro dia do final de semana era dia de cultivar meu biólogo interior, como falei antes: Museu ou Zoológico. Mas não eram passeios corriqueiros de qualquer criança que vai ver o elefante ou o *Tyrannosaurus rex*, eram visitas científicas. Eu tinha um caderno onde anotava todas as informações dos animais que visitava. Nome científico, nome popular, distribuição, hábitos, etc; bom, tudo o que aparecia escrito na plaquinha do recinto. Depois alimentava esse caderno com informações que achava no meu livro de cabeceira, o dicionário. Sempre me pergunto como seria minha infância no mundo da internet, com todo o conhecimento a um clique de distância. Mas eu só tinha um dicionário antigo, gordo e com esse cheiro fantástico de biblioteca milenar. Meu objetivo era conhecer todos os animais que existiam, tinha outro caderno tipo Agenda telefônica, e lá anotava os animais que ia achando na sua letra inicial correspondente. Meu interesse por saber e conhecer era incentivado por Ignacio, ou Nacho como todos o chamavam, que através dos diálogos e dos jogos fortalecia esse espírito inquieto e avassalador de ir atrás das respostas. Uma de nossas brincadeiras era muito simples: sortear uma letra e falar nomes de animais, até um não saber; e o não saber para nós era um gol em contra. Nacho nunca me deixou ganhar a nenhum jogo, geralmente os pais deixam ganhar aos filhos para incentivar eles a que podem triunfar, mas a pedagogia de



¹¹ Ravioli com molho de tomate e carne guisada



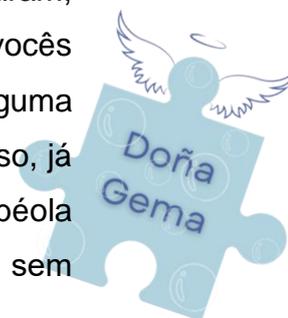
Tia
Mary

Ignacio era o oposto. Você vai conseguir por méritos próprios, e isso tornaria muito mais valorável cada sucesso obtido.

Nosso jogo de cabeceira era o *Scrabble*¹². Obviamente ganhar a Ignacio ao *Scrabble* era impossível, mas tentar era uma odisséia mágica. Passava horas mergulhando no dicionário tentando aprender novas palavras. Essa motivação de tentar me superar a cada partida, me incentivava a ir por mais, a não desistir. Um dos dias mais felizes da minha vida foi quando finalmente o venci, e foi nesse momento que percebi que tudo isso tinha sido uma longa aula, uma construção de caráter, de nunca desistir de mim mesmo, de poder lograr o que eu quisesse; ele me olhou, sorriu orgulhoso e falou: hoje você não ganhou de mim, você ganhou de si mesmo.

O biólogo já estava desenhado, minha fascinação pelos bichos, qualquer bicho, minha curiosidade por saber e ir atrás do conhecimento. Mas tinha outra atividade que me cativava e que encerrava o tipo de biólogo que iria me tornar: colecionar. Colecionar o quê? quase tudo. Moedas, cédulas, selos, *marquillas de cigarrillos*¹³, caixas de fósforos, conchas marinhas, cartões telefônicos e figurinhas, obviamente. Taxonomia. Sempre fui um taxonomista, sem sequer saber o que era isso. A taxonomia é essa arte maravilhosa de descrever nossa biodiversidade. Descrever, organizar, colecionar, sempre foi meu fascínio, minha vocação, e tempo depois, seria minha profissão. Então, biólogo taxonomista de vocação, mas qual grupo zoológico? Onde desempenharia minhas tarefas? Como falei, meu coração me indicaria o caminho.

Um dos recantos preferidos para minhas atividades taxonômicas era na casa de meus tios, tio Chiche e tia Mary, anjos protetores que me adotaram, seres de bondade incomparável. Às vezes a vida é difícil de entender, se vocês os conhecessem, afirmariam que seriam os pais perfeitos, mas por alguma razão não podiam ter filhos biologicamente, e o destino se empenhava nisso, já que quando finalmente minha tia milagrosamente engravidou, contraiu rubéola e perdeu o tão ansiado filho. Mas... o destino, esse caminho maluco sem



¹²**Scrabble** (mais conhecido no Brasil com o nome de **palavras-cruzadas**) é um jogo de tabuleiro americano em que dois a quatro jogadores procuram marcar pontos formando palavras interligadas, usando pedras com letras num quadro dividido em 225 casas.

¹³Maços de cigarro



Waze¹⁴ disponível, me colocou na vida deles. Primos-irmãos da minha mãe me acolhiam enquanto meus pais trabalhavam e assim foi meu segundo lar.

Passava muito tempo com eles e adorava ficar na sua casa, e brincar com *Dandy* e *Colita*, meus primeiros amigos de quatro patas. Minha tia, uma cozinheira excepcional, uma artista culinária, tudo o que ela "criava" era um deleite para meu paladar. Mas a *pasta frola*¹⁵ de marmelo... hummmm, é sentir o Paraíso na boca. Meu tio, sem lugar a dúvidas, está no pódio das quatro pessoas mais bondosas que conheci na vida, junto a minha Abuela China, minha esposa Paula e meu sogro Pedro. Meus tios, paradoxalmente, me apelidaram de "*Bicho*" ou "*Bichito*" (porque, segundo conta o relato da Tia Mary, eu aparecia por debaixo dos lençóis como um bichinho); e assim me chamam até hoje. Lá tinha uma *vitrina*¹⁶ onde guardava "mis cosas"¹⁷ e sentado em um banquinho de madeira passava horas fazendo taxonomia.

Assim como Ignacio acendeu a chama da competitividade e da autoconfiança (***eu posso obter tudo o que me proponha***); meu tio Chiche me ensinou que o caminho a seguir era da honestidade, da justiça, da prudência e da gratidão. Se somarmos a isso, o legado de meu Abuelo José e meu pai, de olhar a vida de forma alegre e divertida, da empatia e cuidado da minha abuela China e minha Tia Mary, e da força e determinação da minha abuela Chilón, tinha achado minhas bordas, agora era só ir atrás das peças que meu coração me deparava, contando sempre com o apoio incondicional da minha mãe. Minha mãe mais que um guia foi um apoio e contenção das minhas escolhas, sempre me incentivando e elogiando tudo, mas tudo o que fazia, mesmo sem fazer; era bom olhar para ela e ver o orgulho refletido no seu rosto, um amor incondicional além do racional.



¹⁴aplicação para dispositivos móveis, baseada na navegação por GPS e que contém informações de usuários e detalhes sobre rotas a seguir.

¹⁵clássico da culinária Argentina de origem italiano, uma torta com massa crocante coberta por uma camada de doce de marmelo ou batata enfeitada com tiras delgadas da mesma massa, dando forma de quadriculado romboidal sobre a capa do doce.

¹⁶ Móvel de estrutura metálica ou de madeira com prateleiras e porta de vidro que permite destacar objetos colecionáveis, livros ou até mesmo louças.

¹⁷ minhas coisinhas

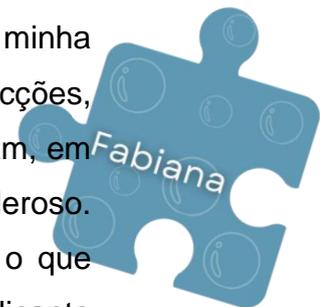


Deus é um gato

Acho que vale a pena dedicar um tópico para minha relação com Deus, já que vocês já leram sete páginas e nunca mencionei ele. A maior parte da minha família é católica, praticante de ir a igreja, principalmente os membros femininos basais (mãe, avós e tia). Então como parte de toda infância de criança católica, estava o doutrinamento nos dogmas católicos. O batismo você não tem como optar, já que são teus pais e padrinhos que te incluem no cristianismo, proporcionando a bênção e a graça de Deus ao recém nascido. Você está salvo. Mas o segundo sacramento da Igreja Católica, a Eucaristia ou Comunhão foi um caminho difícil para mim. Por um lado a pressão da minha família (minha mãe, meus avós, meus tios) e por outro lado minhas convicções, não me fechava tudo o relativo a Igreja, não acreditava no que me falavam, em definitiva, não tinha fé na Igreja, como tampouco em um Deus todo poderoso. Fiz sete vezes o catecismo, sei de cor a missa católica, questionava o que tentavam me pregar, mas finalmente me submeti ao último pedido suplicante da minha mãe: "*Carlitos, por favor tomá La comunión por tus abuelas y tu tia, y dejate de joder!!!!*"¹⁸. E assim foi como tomei a comunhão junto com minha irmã Fabiana (4 anos menor que eu) e encerrei meus compromissos familiares para com a Igreja e com seu Deus.

Quando me perguntam se eu acredito em Deus, eu sempre respondo que não posso responder essa pergunta, porque para mim Deus é um gato, um paradoxo. Erwin Schrödinger (físico austríaco) em 1935 criou um experimento mental para explicar as superposições na mecânica quântica. Simplificadamente, o experimento consistia em um gato preso dentro de uma caixa sem transparências, junto a um frasco de veneno e a um dispositivo que podia liberar o veneno de acordo com as condições internas da caixa, cujas variações eram aleatórias. Após uma hora, só saberíamos se o gato está vivo ou morto abrindo a caixa, essa incerteza está ligada ao estado de superposição quântica que acontece quando é desconhecido o estado de um corpo, neste caso do gato, e em nosso caso Deus. Se não pudermos identificar o estado, diremos que este corpo está em todos os estados (vivo/morto, existe/não existe). Então não me considero ateu, já que estaria afirmando o estado "Não

¹⁸ Carlitos, por favor, toma a comunhão por tuas avós e tua tia e deixa de encher o saco!!!!



existe", por enquanto fico com o paradoxo de superposição dos estados, até que algum dia alguém possa abrir a caixa e verificar o estado de Deus. A ferramenta que dirime o paradoxo é uma ferramenta que vai além de abrir ou não a caixa, é a fé na existência dele; e para quem a tem, não importa abrir ou não a caixa, porque Deus é a fé mesma. No meu caso, infelizmente, não tenho essa fé; que tentaram semear e cultivar firmemente, mas não vingou. Minha fé está em mim, em minha esposa, em meus filhos, na minha família, nos meus amigos, em definitiva, está no amor. Que como falei, é o que indica meu caminho...

Por isso é um erro aqueles que querem provar a existência de Deus, assim como os que pedem provas de sua existência; porque a fé, meus amigos, se pode moldar, cultivar, nascer com ela, mas não se prova.

Sou agnóstico, não acredito nem deixo de crer em Deus, apenas acredito que a razão humana não pode provar a existência dele.



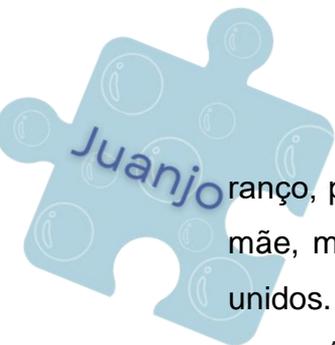
À procura das peças

Antes de terminar a *Escuela Primaria* (quarta ou quinta série) nos mudamos de bairro, fomos morar no bairro de Once, Lavalle 2051 PB 3; que ficava bastante distante da escola (uns 40'), por isso as últimas séries me obrigaram a acordar mais cedo e pegar o *colectivo*¹⁹ 60, comecei a andar de ônibus sozinho aos nove anos, toda manhã era uma aventura. Eram outras épocas onde a gente podia ter aventuras na rua, nem se pensava no perigo de uma criança andar sozinha, e eu andava muito sozinho. No ano 1976 nasceu minha irmã Vanessa e com ela chegou Bachi, uma pastora alemã que seria minha amiga inseparável. Já não estaria mais sozinho. E em 1981 completo meu bingo de irmãs, com a chegada de Diana, a vida toda pensei que iria ter três filhas (eu era louco pelo seriado *La Familia Ingalls*²⁰ no qual Charles Ingalls tinha três filhas Mary, Laura e Carrie), mas a vida me presenteou com três irmãs, que foram o clube de fãs mais fiel que alguém poderia ter: Fabiana, Vanessa e Diana. Em outro contexto poderia ter sido ferreamente odiado por elas, já que sempre me colocavam como o menino perfeito e era, sem querer, um referente. Mas elas, no lugar de incorporar um sentimento de repulsa ou



¹⁹ Ônibus

²⁰ Os pioneiros no Brasil, série com nove temporadas de 1974 a 1983.



ranço, porque às vezes até eu ficava incomodado com as “lambidas” da minha mãe, me olharam sempre com muito amor e orgulho e por isso somos muito unidos.

Aos 13 anos entrei na *Escuela Secundaria*, que corresponderia à segunda metade do ensino fundamental e ao ensino médio. Na época existia exame de ingresso à Universidade, então você fazia os cinco anos da Secundária e depois aplicava a prova de ingresso à universidade; mas duas escolas tinham acesso direto: Colegio Nacional de Buenos Aires e a Escuela Superior de Comercio Carlos Pellegrini. Todas escolas públicas. Só tinha um porém, você fazia um ano a mais e entrava direto ao curso escolhido. Isto porque ambas são escolas pré-universitárias que dependem diretamente da Reitoria da Universidade de Buenos Aires, inclusive professores da Universidade davam aulas nas escolas. Nessa idade eu tive um *insight*²¹: **para ser biólogo tinha que estudar na universidade**. Eu tinha tão incorporada a idéia de que eu seria biólogo quando crescer que não tinha me tocado que existia um caminho para chegar lá. Incrível. A Escola Carlos Pellegrini ficava perto da minha casa, então a escolhi, já que me dava entrada à Universidade sem ter que fazer o exame de ingresso. Se bem que na época da minha escolha não me toquei que o título que outorgava era o de Bachiller²² em Ciências Comerciais; obviamente não foi uma escolha bem programada ou pensada, mas por sorte deu certo. Só que a escola tinha um exame de ingresso bem concorrido, tomei algumas aulas particulares de matemática e castelhano, fiz as provas (acho que foram dois dias) e passei. A escola tinha três turnos, manhã, tarde e vespertino, as melhores notas escolhiam o turno, eu fiquei a noite. Uma das provas era de inglês, e o nível de inglês indicava a turma ou divisão, sendo um bom nível e 6 baixo nível. Eu fiquei na quarta divisão.



O turno vespertino ia das 17:20 às 21:40, razão pela qual passava quase todo o dia sozinho em casa com minha amiga inseparável Bachi. O melhor turno, você tinha o dia todo livre, o único problema eram as aulas extras. Educação física a gente fazia na Cidade Universitária, local que reunia

²¹ termo que descreve a percepção súbita e profunda de uma verdade, uma compreensão intuitiva ou uma nova perspectiva sobre algo

²² segundo grau


 Raul

várias Faculdades e que ficava bem distante, na beira do Rio da Prata. Uma vez por semana, às sete ou oito da manhã, era torturante, no inverno era de noite ainda. E aos sábados nos últimos anos tínhamos aula de Prática Contábil às sete da manhã na escola.

A escola secundária é o período de forjar amizades, essas que ficam para a vida toda, essas peças difíceis de achar, mas uma vez encaixadas não soltam nunca mais. Sempre fui muito eclético nos meus relacionamentos, assim como na música, filmes, na vida toda. Assim tinha Raúl e Verónica, formávamos o trio CVR; eram minhas amigas, com elas compartilhava o meu lado mais sensível. *Raúl Pablo Melcón Mercury Orlando Saavedra Rodriguez Patela Cuiule Pozzo Chotreaux* era um cara incrível, excêntrico, muito companheiro, estávamos sempre juntos, infelizmente aos 15 anos foi diagnosticado com deficiência renal e nos deixou muito jovem, perder alguém de tua idade foi muito forte, foi a prova de que a morte não tem lógica. Saudades Raulito.

Verônica foi esse amor idílico, platônico; grande amiga com a palavra justa no momento exato. O lado mais sanguíneo, impulsivo, eu vivi com Hernán e Oscar, futebol, jogos, noites, “minas”²³. Mas Oscar foi essa peça dourada, única, “a figurinha difícil do álbum”, somos irmãos da vida. Aprendíamos e aprendemos muito um do outro, nos apoiamos e nos incentivamos continuamente para ir sempre por mais. Culpado em despertar em mim o lado judaico, uma atração impensada, não pela religião, e sim pelos preceitos. Sou um judeu agnóstico. Todas as noites das sextas feiras dos últimos dois anos da escola secundária eu passei na casa de Oscar. Oscar é um judeu praticante dos costumes religiosos, e o Shabat²⁴ é uma delas. Como falei todos os sábados dos dois últimos anos tínhamos Prática Contábil às 7 da manhã na escola, e todas as sextas feiras nos reuníamos na casa de Oscar para fazer as tarefas do sábado (na realidade para copiar os livros de contabilidade do “Camelo” Victor Goldín, aluno aplicado que gentilmente nos passava as


 Verónica


 Oscar


 Hernán

²³ Meninas

²⁴É o sétimo dia da semana na religião judaica e é dedicado inteiramente ao descanso. O shabat começa com o pôr-do-sol na sexta-feira e termina ao anoitecer de sábado. O shabat está rodeado de normas e restrições escritas na Torá que ditam o que podem fazer e que atividades são proibidas durante o dia sagrado.

resoluções), passávamos a noite na casa dele até sermos acordados por Sarita, doce mãe de Oscar.

No segundo ano da escola tiveram dois acontecimentos, dois sinais que me marcaram o caminho futuro. Sempre fui capaz de ver e interpretar os sinais, os pequenos sinais que a vida vai nos deixando. Disciplina Francês, segunda prova, as provas eram feitas usando o livro *Alouette*, para tentar me ajudar fiz algumas anotações pequenas no próprio livro, conclusão a professora percebeu e reprovei a disciplina. Disciplina Caligrafia, esta matéria tinha a função de aprender diferentes tipos de letras e grafias, e a cada mês o professor mandava fazer um trabalho específico, era mês de Setembro, mês da educação em referência ao grande Domingo Faustino Sarmiento, pai da educação argentina. O professor geralmente nem olhava os trabalhos. No dia da entrega, eu tinha esquecido completamente, então no recreio, peguei o trabalho do mês anterior em homenagem ao General Don José de San Martín, mudei o título e pronto. O professor começou a caminhar pelos corredores olhando os trabalhos, e decidiu parar no meu banco e falou: “Não sabia que Sarmiento tinha cruzado a Cordilheira dos Andes”. Conclusão me fez sofrer todo o quadrimestre para aprovar a disciplina. Estes dois eventos me ensinaram a nunca, mas nunca, escolher o caminho mais curto, pode ser aparentemente mais simples, mais fácil; mas o caminho do sucesso é aquele que requer esforço e dedicação. Mais importante que chegar, é como se faz o caminho.

Minha memória não é muito boa para guardar nomes dos professores, mas teve um que marcou profundamente minha educação, o Professor César Daniel Lázzari, professor de castelhano, o tivemos nos dois primeiros anos, mas depois participei de várias Oficinas Literárias que ele oferecia de forma particular. Possuía uma maneira ácida, incisiva e provocadora de dar aulas. Por exemplo, quando se referia a Fabian Henig, o aluno mais baixinho da turma, ele falava: *Henig, suba ao rodapé e responda!!* Eu era apaixonado pelas suas aulas e pela forma de chegar aos alunos, todos o adorávamos, nos sentíamos perto dele; me ensinou que o professor não deve dar aula desde um púlpito, que para chegar aos alunos deve-se estar perto deles, ser parte deles, entendê-los, desmistificar a





idéia do professor como um ser perfeito, sem dúvidas nem defeitos. Enxerguei em Lázari o professor que iria me tornar algum dia.

No terceiro ano da escola, era necessário escolher a orientação dos últimos anos: Científico ou Comercial. Escolhas, e como falei desde o início, minhas escolhas sempre foram feitas pelo meu coração. Vocês pensarão, se Carlos era um biólogo de nascença, com certeza escolheu Científico; mas minha escolha foi Comercial. Todos meus amigos seguiram esse caminho e fui com eles. Direito comercial, Direito, Finanças, Organização comercial e empresarial, prática contábil, Economia política, Contabilidade e Teoria da prática contábil: Socorro!!!! Esse é o preço que a amizade vale para mim.

Nessa época a Argentina vivia a última ditadura militar (1976-1983), mas sinceramente a gente vivia em uma bolha, sem ter conhecimento das atrocidades contra os direitos humanos que aconteciam no país (aproximadamente 9.000 pessoas mortas ou desaparecidas). A fatídica e ridícula Guerra das Malvinas, que aconteceu em 1982, acelerou o final da ditadura, e a tão ansiada recuperação do estado democrático em 10 de Dezembro de 1983. A volta da democracia teve repercussões imediatas no nosso dia-dia, e aí percebemos o regime militar que vivíamos na escola. Controlavam estritamente nosso uniforme (calça cinza, camisa celeste, gravata azul marinho, meias azuis marinho, sapatos pretos e blazer azul marinho, e em inverno era aceito um suéter decote em V, azul marinho logicamente; as meninas era igual só que em lugar de calça era jumper²⁵ cinza), não podia aparecer marca nenhuma (me lembro das famosas meias *Penguin* que eram vetadas pelo pinguinzinho branco que aparecia no cano), nem tonalidades diferentes ao padrão. O cabelo era tema à parte. Os meninos, cabelo bem curto, tinha que ter quatro dedos entre o final do cabelo e a gola da camisa; e se o tamanho ultrapassava o limite... você era acompanhado a uma sala onde cortariam gentilmente seu cabelo. A democracia trouxe a liberação geral, era lógico de uma transição até um pouco exagerada, passar de ir na beca militar a cabelões, calças rosas, minissaias e chinelos. Mas a principal mudança que nos atingiu, especificamente aos alunos do Carlos Pellegrini e do Nacional de Buenos Aires, foi a idéia genial de mudar a forma de ingresso à Universidade.

²⁵ Peças femininas que se assemelham a um macacão em sua parte de cima e sua parte de baixo é formado por uma saia, muito comum em fardas de escolas argentinas.

Quando falo de Universidade, estou falando da UBA - Universidad de Buenos Aires (pública e gratuita). Tiraram o exame de ingresso e colocaram o Ciclo Básico Comum (CBC)²⁶, um curso de um ano específico para cada carreira. Nos lascamos!! Iríamos fazer 6 anos para entrar diretamente na Universidade, mas agora teríamos que fazer um ano a mais do CBC, sete anos, loucura. Por sorte, o Governo achou um termo médio e o nosso sexto ano foi híbrido, com disciplinas incorporadas ao nosso currículo do CBC, e só faríamos por fora as específicas de cada carreira. O CBC era um curso de um ano com seis disciplinas, duas comuns a todos os cursos: Introdução ao conhecimento científico e Introdução ao conhecimento da sociedade e do estado. Estas duas fiz na escola junto com as matérias do sexto ano. Depois tinham quatro específicas de cada carreira. No meu caso duas obrigatórias: *Biología* e *Matemática I*, e duas optativas, eu escolhi (não sei por que) Estatística y Probabilidades e *Recursos Naturales Argentinos*. O turno vespertino da minha escola me ajudou a poder conciliar com o CBC que era pela manhã, assim pude fazer meu sexto ano com o CBC em 1985, e iniciaria meu ansiado curso de Licenciatura²⁷ em Ciências Biológicas no ano de 1986.

Só pra constar, não fui um aluno brilhante, se só considerarmos a cruel e rígida nota. Aluno nota 8. Mas minha adolescência foi brilhante, assim como minha infância. Minha vida sempre foi equilibrada, nunca deixei de desfrutar e me divertir. Poderia ter sido um aluno nota 10, claro que sim, mas isso me tiraria tempo de jogar bola, assistir milhares de seriados (*Os Pioneiros*, *O Homem Biônico*, *A Mulher Maravilha*, *O Incrível Hulk*, *Super Agente 86*, etc.), dedicar tempo a minhas eternas coleções, jogar futebol de botão, fazer taekwondo (fiz durante dois anos e cheguei a faixa Amarela com verde - 7º gub), estar com meus amigos... em definitiva ser completamente feliz.

²⁶O CBC é o primeiro ciclo acadêmico da UBA, comum a todos os estudantes e carreiras de graduação. O objetivo é que todos os alunos iniciem o segundo ciclo com a mesma base de conhecimento, nivelando assim, aos estudantes que chegam de diferentes instituições de ensino médio tanto da Argentina quanto do exterior.

²⁷ Lembrando que na Argentina Licenciatura corresponde ao Bacharelado do Brasil e o Professorado à Licenciatura.



O caminho

A carreira da Licenciatura em Ciências Biológicas da Facultad de Ciencias Exactas y Naturales da UBA no ano 1986, seguia o Plano de Estudos de 1984, o qual contava com aproximadamente 5.500 horas distribuídas em sete anos, sendo o primeiro ano do CBC (seis disciplinas, 576 horas), o CPB (Ciclo Profesional Básico) de 3,5 anos de duração, 13 disciplinas e 2900 horas/aula e o CPS (Ciclo Profesional Superior) com 10 disciplinas ou 9 + Monografía de Conclusão de Curso, e uma carga horária aproximada de 1960 horas/aula. Vale a aclaração que cada disciplina poderia ter uma carga máxima de 272 horas. O CPS era montado de uma série de eletivas (mais de 50) disponibilizadas e era orientado por um professor que era o Tutor do Plano de Estudos. O ano acadêmico tinha dois quadrimestres, e geralmente eram cursadas duas disciplinas por cada período.

O primeiro contato foi com Biología General, era um anfiteatro enorme, entrariam facilmente umas mil pessoas, lá na frente um cenário, um quadro negro e o professor Alberto Kornblihtt (hoje um prestigioso geneticista de referencia mundial e Director do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas - CONICET). Minha letra nunca foi muito bonita, mesmo com as aulas de caligrafia da minha escola, mas rotundamente a Universidade acabou por aniquilar alguma forma de beleza e originou um tipo de escrita inédita, que misturava letra cursiva com alguns sinais de Estenografía ou Taquigrafia. Na minha escola secundária aprendi Taquigrafia e Mecanografía, a primeira serviu para criar uma simbiose com minha letra e a segunda me ofereceu uma ferramenta que me propiciou meu primeiro emprego. Na década de 80 apareceram os primeiros computadores na sociedade, e as lojas e empresas começaram a informatizar todos seus dados, e um cara que escrevia sem olhar no teclado a uma velocidade de 45 palavras por minuto era um excelente candidato. Assim foi como arrumei trabalho em uma loja de móveis em Haedo, localidade na província de Buenos Aires, que ficava em frente a estação de trem. A tarefa encarregada era passar todos os dados dos clientes para o sistema em aqueles monitores verdes. Foi um trabalho temporário porque a Universidade demandava muito tempo, depois cheguei a trabalhar na empresa que Ignacio (meu segundo pai) montou de telefonia, onde eu podia

montar meus horários e assim ter meus próprios recursos. Mas voltando a Faculdade, na Argentina não existem turmas como aqui, a Universidade é mais livre, cada aluno tem sua estrutura curricular que monta com os tutores, então não é fácil fazer amizade já que você não fica muito tempo com os mesmos colegas. Então você praticamente tinha colegas de disciplinas, as quais eram muito concorridas. As do Ciclo Profissional Básico algumas tinham 200-300 alunos, e você tinha que estar super antenado, para poder acompanhar e anotar o que o professor falava. Pensemos em uma época sem internet, sem celulares, sem data-show, sem retroprojektor, com livros limitados nas bibliotecas, e a única fonte de informação: o professor, sua fala e o que anotava com giz no quadro negro. E aí minha rapidez para fazer anotações que só eu entenderia (na maioria das vezes) foi essencial para ter o conteúdo ministrado. Pablo Irusta foi meu primeiro colega universitário, com ele transitei os primeiros anos, nos complementamos muito bem e fomos derrubando uma a uma as matérias que se apresentavam.

Mas... em 1988 enquanto fazia um curso de inglês com meu amigo Raúl conheço a Marta. Resumidamente, foi um *culebrón*²⁸ mexicano, mas vale a pena que vocês conheçam, porque vão perceber que o caminho que vai levar ao local onde estou atualmente, sempre foi guiado pelo meu coração. Alguém deixa sob meu livro de inglês uma mensagem: “sou **Marta**, sua colega de inglês, nunca nos falamos, queria te convidar para beber alguma coisa” e me deixava o telefone. Obviamente meu espírito sanguíneo de Escorpião me incentivou a ligar. Um detalhe, eu não sabia quem era ela, foi um encontro às cegas. Saímos, tomamos algo, não gostei, mas ela sim gostou. Ela quis sair de novo, eu estava solteiro, então falei para levar uma amiga e eu um amigo. Conclusão, namorei **Marcela** por dois anos.

E qual é a relevância desta história? Marcela hoje seria catalogada como uma pessoa tóxica, uma dessas peças que você força no quebra cabeças, não era uma peça do meu, com certeza, mas a segurei por dois anos, anos de muitas lágrimas, anos que deixei de lado amigos e obviamente desandou o curso de biologia. Me perdi, mas não estava consciente que havia

²⁸ Novela televisiva sumamente longa e de acentuado caráter melodramático. As clássicas são as mexicanas.

me afastado do meu caminho. Pensava que era feliz. Iludido. Secou todas as minhas lágrimas, nunca mais voltaria a chorar.

Perdi algumas disciplinas, fiquei sem colegas, mas em uma aula de campo nos bosques de Palermo de Buenos Aires da disciplina Ecologia, na qual tínhamos que pintar e contar formigas, conheci meu *alter ego*, Gabriel Marchesini, essa pessoa na qual me reconheci, era como minha própria caricatura. Nos identificamos ao instante e fomos sempre genuínos. Puxamos o nosso lado mais louco, mais palhaço, o mundo não existia. Era o que me trazia alegria nesse período funesto, me tirava da realidade. Uma das peças mais complicadas de encaixar em qualquer quebra cabeças, já estava colada no meu. Compartilhamos a paixão pelos bichos, cursamos juntos Invertebrados II (Arthropoda), viajamos em aula de campo às Cataratas do Iguaçu, para coletar bichos para montar um Artropodário. Minha cabeça pirou de vez, me achei completamente na biologia. Queria trabalhar com insetos, aranhas, essa disciplina foi um marco importante na minha formação. Era taxonomia pura, todas as aulas práticas observando, usando chaves de identificação, montando coleções, isso era eu, isso sempre fui eu. Algumas disciplinas eram promocionais, se você tirava média 7 passava direto, mas outras tinham final sempre. Invertebrados II era com final, nunca vou me esquecer, a final era na sala do professor, era oral. Entrei, a sala era um museu, enorme, com prateleiras de madeira com vidros com insetos e aranhas, o professor me convidou a sentar e pegou um vidro com um lindo louva-a-deus, “o que é isto?” me perguntou; um sorriso enorme apareceu subitamente no meu rosto e respondi: “um *mamboreta*²⁹, da ordem Mantodea, parente dos cupins e das baratas.” Foram 15 minutos onde me senti realizado, não queria que acabasse, eram os papos que tinha com Ignacio, eram as buscas incansáveis no meu gordo amigo, o dicionário, e em quanta enciclopédia achava no meu caminho, era isso que eu queria. Mas a toxicidade de Marcela não me deixava crescer, estava andando na lama, cada vez mais seca, pesada.



²⁹Nome genérico que se dá na Argentina e no Uruguai para o louva-a-deus

A única maneira de sair do mundo tóxico de Marcela era que ela mesma me indicasse a saída, eu não podia sair sozinho. E foi assim. Uma das tantas mentiras que tinha como foco me machucar, me fazer sentir mal, foi a que me acordou. Criou uma intriga de traição, que me despedaçou e quebrou todo o sentimento que sentia por ela; e quando percebeu que me perdia, recuou, mas já era tarde demais, tinha me libertado.

Isto aconteceu no final do ano 1989. Com minha família passávamos os verões em Mar del Plata³⁰, as férias eram longas, começavam em dezembro e as aulas voltavam em março. Nesse verão, eu parecia anestesiado, me deixei levar pelo tempo, ia onde me levavam e uma vez mais meu coração me falou: **“Recalculando”**.

Uma história que parecia se repetir, uma noite sai com amigos e conhecemos três meninas, eu sinceramente me sentia como que estava em uma experiência extracorpórea, parecia flutuar sobre meu corpo e observar o que estava fazendo, quase sem vontade própria. Fiquei com **Ana**, saímos o verão todo, os seis juntos e em março de 1990 estava namorando **Carol** e me mudando para Mar del Plata, a 400 km de Buenos Aires.

E biologia???? Na Universidad Nacional de Mar del Plata - UNMdP tinha o mesmo curso, então pedi transferência e reconhecimento das disciplinas cursadas. O trâmite foi muito fácil já que eu vinha da melhor Universidade do país, geralmente o tráfego de alunos seria ao inverso, mas como falei, nunca contrariei meu coração, então fui lá sem questionar. A ida a Mar del Plata foi facilitada porque minha avó Chilón tinha um apartamento incrível a duas quadras da praia Bristol, perto do Cassino em um dos melhores bairros da cidade. Minha família sempre me apoiou nas minhas decisões, mesmo sem entender elas às vezes. Recebia semanalmente remessas de comida da minha tia Mary e da minha mãe e obviamente sustento financeiro.

Todas as quatorze disciplinas que tinha cursado na UBA foram reconhecidas, na realidade Física I e II e Ecologia Geral tive que voltar a Buenos Aires para fazer as finais pendentes. O Plano de Estudos do Bacharelado em Ciências Biológicas da UNMdP estava estruturado em 4 anos do ciclo básico em que devem ser cursadas e aprovadas 20 disciplinas

³⁰ A cidade balneária mais famosa da Argentina



obrigatórias, e um ano do ciclo superior em que são escolhidas disciplinas de diferentes áreas do conhecimento, principalmente em Ecologia e Biodiversidade, Biologia Marinha e Biologia Molecular. O ciclo superior incluía a aprovação destas disciplinas optativas e do Projeto Final, que poderia ser uma Tese de Licenciatura ou um Exercício Profissional. Além disso, antes do final do 3º ano, um teste de tradução para inglês deveria ser realizado e aprovado.

Em total fiz 24 disciplinas, sendo 14 na UBA e 10 na UNMdP, além do teste de inglês e a Monografia de Conclusão de Graduação. No ciclo superior você escolhia uma área e montava o quadro de optativas com o aval de um professor tutor, eu escolhi Biologia Marinha e fiz optativas como Biologia de Celenterados, Biologia Pesqueira, Oceanografia Biológica, Criptógamas e Ecotoxicologia entre outras. Decididamente havia me afastado do que em Buenos Aires pensava que seria minha linha de pesquisa, que era na taxonomia dos insetos ou aracnídeos. O que era certeza é que seria um taxonomista, e o mar me aguardava. O marido da minha irmã Fabiana era mergulhador e me convidou para fazer o curso básico, e fiz meu batismo no Brasil, mergulhando na costa de Florianópolis, me apaixonei, tinha achado meu universo paralelo, onde me sentia livre, o mar me inundou.

A minha mudança a Mar del Plata e os trâmites de transferência me atrasaram um quadrimestre e comecei no segundo de 1990, culminando meu curso em dezembro de 1992 com a defesa da minha monografia com uma orgulhosa nota 10, e uma média geral de 8,25, pelo que recebi o Diploma de Graduado Distinguido.

A vida em Mar del Plata, no início, foi bem solitária, mas bem tranquila, sustentada pelo namoro com Carol, uma menina muito doce e companheira que me permitiu entrar em um mundo impensado, o do Centro Navarro do Sul. Um clube espanhol da comuna de Navarra onde a família de Carol participava ativamente de diversas atividades culturais e sociais, e tinha um grupo de jovens no qual rapidamente me integrei. Foi muito importante para mim já que sempre estive rodeado de amigos e de atividades, principalmente as peladas de futebol. Mas o que o Centro Navarro me permitiu foi explorar a fundo o lado criativo e cultural, fui editor da revista dos jovens, escrevi e participei de três peças de




 Fatiga

teatro, atuei no coro e fui integrante do corpo de baile do Centro. Isto me permitiu realizar minha primeira viagem internacional para participar da Escola de Verão para Jovens em Pamplona, Navarra, na Espanha em 1991. Adotei definitivamente a cultura navarra e me apaixonei pela história e costumes dessa região. Voltaria em 1995 para desfrutar dos Sanfermines³¹. O meu namoro estava integrado totalmente ao grupo de amigos do Centro Navarro, fazíamos tudo juntos e tive peças importantes para o fortalecimento do meu caminho em Mar del Plata, Marcelo, Ricardo e principalmente Waldy. Este último merece uma menção especial, era um menino de família muito humilde, não tínhamos absolutamente nada em comum, mas fomos excelentes amigos, até morou um tempo comigo, mas infelizmente um acidente automobilístico o tirou da minha vida.



O curso de biologia ia muito bem mas não tinha em vista um futuro claro, e foi no corredor do segundo andar da Universidade que me topei com uma peça muito importante que mudaria a minha vida e daria foco ao rumo do biólogo que iria me tornar: o Dr. Maurício Oscar Zamponi. “Carlos, não quer fazer a monografia com cnidários?” Ele me conhecia porque eu tinha cursado a sua disciplina Biologia de Celenterados e inclusive foi minha primeira experiência docente sendo *Ayudante de Segunda* (a estrutura docente no curso era a seguinte, tinha o professor titular da disciplina, um chefe de trabalhos práticos, ajudantes de primeira, estes dois últimos eram graduados e ajudantes de segunda, que seriam como nossos monitores). Eu sem pensar falei que sim e entrei no LABIC -



Laboratório de Biologia de Cnidários. Lá trabalhavam três doutorandos: Gabriel Néstor Genzano (trabalhava com hidróides), Adriana Carmen Excoffon e Fabián Horacio Acuña, ambos trabalhando com anêmonas do mar, Adriana mais na parte reprodutiva e Fabian na ecológica. O laboratório era pequeno, cada um tinha seu local de trabalho e no meio tinha uma bancada com o material óptico,



³¹ A Festa de San Fermin, conhecida como Sanfermines, é uma festividade espanhola da cidade de Pamplona (Navarra) que vai de 6 a 15 de julho, a mesma mistura tradições religiosas em homenagem a San Fermin e as famosas corridas de touros pelas ruas.

Paulo

uma lupa e um microscópio; à esquerda um grande janelão que dava ao jardim do campus e uma biblioteca com bibliografia básica do grupo; e na direita uma escrivaninha que era do Dr. Zamponi, com uma máquina de escrever Olivetti. Tinha uma mesa amarela quadrada pequena onde se faziam as reuniões científicas e também era o local de almoços e comemorações, sempre regadas com bons vinhos. Um costume do laboratório que nunca consegui incorporar foi a do *mate* ou chimarrão, isso de passar a bomba de boca em boca não era para mim. Eca!! O tema que o Dr. Zamponi me propôs foi com ecologia de anêmonas do mar, a idéia era comparar morfologicamente duas populações diferentes de três espécies de anêmonas do mar da costa marplatense: “*Estudo morfológico comparativo das espécies Phymactis clematis Dana, 1849, Bunodactis reynaudi Milne-Edwards, 1857 e Bunodactis marplatensis Zamponi, 1977 (Cnidaria: Actiniaria) entre as regiões entremarés de Mar del Plata e Santa Clara del Mar*”. Comecei em 1991 e fiz a defesa em 23 de dezembro de 1992 com todos meus colegas de trabalho como membros da minha banca de avaliação. A minha monografia tinha muito trabalho de campo, já que tinham coletas sazonais nas diferentes praias e os meus amigos do Centro Navarro me acompanhavam e ajudavam nas coletas. O dia-dia no laboratório era muito divertido, o Dr. Zamponi era uma figuraça, um personagem difícil de descrever, seria o Homer Simpson da Ciência, olhava o mundo sempre desde a perspectiva acadêmica, com uma lógica pessoal sem sentido e com as anedotas mais absurdas e bizarras jamais contadas. Pioneiro do estudo dos cnidários na Argentina, principalmente com hidróides e anêmonas do mar, e com uma enorme visão de futuro, formou um grupo de pesquisa muito sólido e reconhecido. Em 1991 participei do meu primeiro congresso, e foi logo internacional, começando com a saga do COLACMAR. O Congresso Latinoamericano de Ciências do Mar se realizava a cada dois anos em diferentes cidades de Latinoamérica. A quarta edição foi em 1991 na cidade de Coquimbo no Chile e eu acompanhei a meu colega Fabian Acuña que ia apresentar um trabalho de anêmonas.

Nessa época ainda morava na casa que minha avó Chilón tinha em Mar del Plata, mas aí meu avô Carlos (na realidade o padrasto da minha mãe) decidiu me convidar a sair da casa gentilmente, através de uma carta que dizia: “Por favor retire seus pertences e enseres e deixe a casa” e tinha um prazo

Silvina

Fabián

definido. Enseres??? Essa palavra criou um abismo, o tom por demais protocolar diante do total desconhecimento por trás dessa decisão, trouxe um desconforto principalmente na minha mãe e na minha avó, nunca procurei saber o por quê. Não vou atrás de respostas que não merecem perguntas. Enseres??

Em outubro de 1993 minha avó Chilón, atuando nas sombras, me comprou uma casa. Alvarado 4228. Uma casa lingüiça, longa sala, passando pelo banheiro desembocava em uma cozinha-comedor e no final o quarto, a esquerda um grande pátio descoberto. A parede do quarto limitava com uma sala velatória, e como o bairro era de ciganos, aturei inúmeros velórios e os rituais com as “choronas” (mulheres que tem a função de chorar a noite toda ao lado do defunto). Mas fiquei imensamente feliz com minha primeira casa, tinha meu próprio teto, incrivelmente minha avó não o conheceu. A morte é uma palavra que em certa parte de nossa vida é abstrata, imperceptível; a usamos de forma fútil, sem perceber que nos vai atingir em algum momento, de alguma forma. Tarde de 18 de dezembro de 1994, toca o telefone, era Miguel, caseiro da quinta da minha avó, “assassinaram a Chilón”. A morte tinha chegado, um dia chegaria, e percebi que não tinha a ver com o fim, e sim com como lidar com as ausências. O mundo desabou para minha família, golpe duríssimo e eu assumi, sem querer, o papel de receptor de angústias e, ser, a partir desse momento, o que confrontaria a morte cada vez que ela decidisse aparecer. E apareceu várias vezes...

Após terminar minha graduação obtive uma Bolsa de Pesquisa, na categoria Iniciação, da Faculdade de Ciências Exatas e Naturais da UNMdP com duração de dois anos (1993-1994) e como parte da bolsa fiquei *adscripto* a disciplina Biologia de Celenterados (As *adscriptiones* eram cargos não remunerados, com duração de um quadrimestre, em que era desempenhada uma função de professor auxiliar, colaborando na resolução de problemas ou na preparação/desenvolvimento de trabalhos práticos laboratoriais). E aí começaria meu longo caminho de bolsista, seriam 14 anos ininterruptos. A condição de bolsista a priori parece ruim já que é instável e não outorga uma segurança em longo prazo, mas, por outro lado, obriga a você se exigir ao máximo para manter a qualidade, e a bolsa, claro. O tema da minha bolsa foi um divisor de águas na minha vida acadêmica. A minha monografia foi

realizada com ecologia de anêmonas do mar, mas como já falei, no laboratório já tinham duas pessoas trabalhando com anêmonas além do Dr. Zamponi; então Zamponi me lançou um desafio. "*Carlos, você não quer trabalhar com octocorais? É um grupo que nunca foi trabalhado na Argentina, mas vai ter que se virar sozinho porque eu não sei nada, só posso te dar o apoio logístico do laboratório. Pensa e me diz*". O bom do trabalho proposto era que o mesmo era puramente taxonômico já que era um grupo do qual nada se sabia, e isso foi o que me fez decidir por encarar esse grande desafio. Esses dois anos de bolsa me dariam a base para montar um bom projeto de doutorado, o qual iniciaria em 1995. Quando falo de base me refiro a criar tudo, já que não tinha bibliografia nenhuma, foram quase dois anos coletando informações. Lembrem-se que não existia internet, a coleta de trabalhos científicos se realizava através do pedido aos autores por meio de cartas ou por cartões pré-definidos para pedir separatas (cópia do trabalho publicado em revista). Neste caso você só preenchia os dados do autor, o título do trabalho e assinava. Enviava-se como um cartão postal. Mas esse procedimento de montagem da bibliografia demorava muitos meses; meu mecanismo era o seguinte: pegava uma separata, olhava os trabalhos do autor citados nas referências, e pedia esses trabalhos via cartão de pedidos; essa retroalimentação bibliográfica a realizava inúmeras vezes. O material que me ajudou muito foi a tese de doutorado do Dr. Clovis Barreira e Castro, do Museu Nacional do Rio de Janeiro, ele tinha defendido no ano de 1990 e me enviou uma cópia com fotos originais em 1995. Clóvis foi o primeiro taxonomista de octocorais na América do Sul e uma peça muito importante na minha formação, muitos anos depois publicaríamos alguns artigos em co-autoria.

O bom que a coleção de octocorais do laboratório era bastante numerosa, fruto de várias campanhas oceanográficas realizadas no Mar Argentino. Mas minha cabeça realmente pirou quando visitei a coleção de Invertebrados do "*Museo Argentino de Ciencias Naturales Bernardino Rivadavia*" em Buenos Aires, o mesmo local onde tinha passado vários finais de semana na minha infância. O curador Alejandro Tablado me acompanhou à sala de coleções e me falou: "são todos esses armários". Fiquei sozinho. Uma sala enorme, armários com grandes portas forravam todas as paredes e no meio grandes mesas para apoiar e examinar os espécimes. O cheiro do tempo

me embriagava, abri a primeira porta e uma chuva de poeira milenar gerou um espirro estridente, e comecei a rir, estava feliz, só pensar em estudar algo que ninguém tinha estudado gerava uma mistura de ansiedade com curiosidade, desvendar os mistérios que guardavam esses armários era uma missão apaixonante. O Museu me emprestou todos os lotes de octocorais os quais levei para Mar del Plata, já tinha material para começar meu caminho na taxonomia dos corais moles.

Neste mesmo ano participei do meu primeiro congresso apresentando trabalho científico fruto da minha monografia (*Metodología para La cuantificación de algunas estructuras de valor taxonômico em Actiniaria*), foi no V COLACMAR, o segundo da minha saga realizado em La Paz, Baja California Sur no México. Uma boa estratégia dos congressos em saga, como os COLACMAR, é ser precavido. Em cada congresso se resolvia onde seria a próxima sede, então uma boa dica era fazer amizade com residentes das mesmas; foi assim que em Coquimbo, durante o IV COLACMAR, conheci ao mexicano Carlos Sánchez Ortiz, o qual me acolheu gentilmente durante minha estadia em México e consolidamos uma amizade, inclusive passei uns dias no Distrito Federal do México na casa de seus pais. O VI COLACMAR que seria realizado em Mar del Plata, Argentina em 1995, seria minha vez de acolher o meu xará.

Em 1994 termina o namoro com Carol, depois entenderia por que meu coração me guiou até ela e até Mar del Plata, e finalmente em 1995 começo meu doutorado. O doutorado na Argentina não tem a estrutura escolar do Brasil, me refiro a turmas com ingressos determinados por um calendário e com uma grade de disciplinas definidas. O Doutorado em Ciências Biológicas tinha uma duração de 5 anos e era comandado pela Comissão de Doutorado (CD) da Escola de Posgrado da Faculdade de Ciências Exatas e Naturais da UNMdP. Para a admissão a CD avaliava os antecedentes acadêmicos e a formação do estudante, assim como o plano de tese e o currículo do orientador e o local de trabalho. Estando tudo isso em ordem, você era admitido. Para poder obter o título de Doutor, além de defender a Tese de Doutorado, o aluno deveria obter, ao longo da realização do projeto, um número mínimo de 28 Unidades de Valorização Acadêmica (UVACs). Cada UVAC correspondia a 12 horas de carga horária de disciplina teórica, 24 de disciplina teórico/prática ou

36 de exclusivamente práticas. Além disso, o aluno devia cumprir os seguintes requisitos: a) Realização de atividades docentes na UNMdP durante um quadrimestre, e um segundo quadrimestre colaborando em atividades docentes ou participar em ações de gestão ou extensão no transcurso do doutorado; b) Demonstrar conhecimentos de idioma inglês e c) Pelo menos uma publicação relacionada a área do doutorado em revista especializada com arbitragem. As UVACs poderiam se obter através de cursos de doutorado e pela publicação de artigos científicos (máximo 5 UVACs por publicação), mas pelo menos 18 deveriam ser por disciplinas cursadas, e quatro de uma disciplina de formação humanística. A acreditação dos UVACs se realizava ao longo do doutorado, por meio de análise da CD. No meu caso apresentei 28,25 UVACs provenientes de seis disciplinas, incluindo *Filosofía de las Ciencias* como humanista e 5,75 UVACs referentes a oito publicações científicas. Durante o doutorado colaborei na disciplina Biología de Celenterados (seria uma espécie de estágio-docência) e participei como membro graduado no Conselho do Departamento de Ciências Marinhas da UNMdP (minha primeira ação de gestão universitária) e das primeiras bancas de concursos docentes. O meu projeto de doutorado se intitulava "*Taxonomía, distribución y diversidad de los Pennatulacea, Gorgonacea y Alcyonacea del Mar Epicontinental Argentino y zonas de influencia*", título horrível!! Incrivelmente não tinha a palavra octocoral nem Cnidaria, coisas de meu orientador. O doutorado foi sustentado pela obtenção de duas bolsas do CONICET (*Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología*)³²: Iniciação (1995-1997) e Aperfeiçoamento (1997-1999). A situação econômica na Argentina nessa época era boa, na realidade era uma ilusão, o povo curtia a paridade dólar/peso, a bomba iria explodir nos anos 2000; mas para mim era ótima, ganhava 800 dólares por mês, tinha casa própria e podia fazer o que mais gostava, viajar. Assim foi como realizei uma das viagens mais marcantes. Em julho de 1995 aconteceria na cidade de Noordwijkerhout na Holanda o VI ICCB (*International Conference on Coelenterate Biology*), o qual era uma oportunidade única de fazer um combo: Sanfermines em Pamplona, Espanha (6-14/07) e o Congresso na Holanda (16-21/07).

³² Principal organização dedicada à promoção da ciência e tecnologia na Argentina, dependente do Chefe do Gabinete de Ministros da Nação.

No ano 1994 aconteceu o Encontro de Centros Navarros da Argentina em Mar del Plata e participou o conjunto de jota³³ *Aires Navarros*. Fiz amizade com os integrantes, principalmente com Eduardo Agorreta e as irmãs Foral Lopetegui (Isabel, Yolanda e Guadalupe) e me convidaram para ir aos Sanfermines do ano seguinte. Fui com um colega do Centro Navarro, Pablo, e nos hospedamos na casa de Eduardo. San Fermin é uma festa única, são nove dias de dança, música, vinho, onde se mistura o lado religioso com a peregrinação de San Fermin e o lado pagão com os *encierros*³⁴ e as touradas. Após viver os Sanfermines, a família das irmãs cantoras me convidou uns dias a Benidorm, praia turística na costa mediterrânea da Espanha e de lá comecei a minha peregrinação para Holanda. Bus até Madrid e de lá trem até Holanda. Me lembro que uma das conexões foi em Paris, estava literalmente embaixo de uma das cidades mais icônicas que não conhecia, tinha alguns minutos livres, então corri para uma das saídas e me lembro de estar subindo as escadas rolantes e ir aparecendo vagarosamente a Torre Eiffel, fiquei parado, absorto, era a prova viva que estava na Europa; e aí lancei o dogma de viagens que assumiria a partir daí: *calma, vou visitar na minha próxima viagem*. Voltei três vezes.

O ICCB era o congresso específico de cnidários, uma oportunidade única de encontrar todos os especialistas, e para ir consegui a ajuda económica da UNESCO através da *Intergovernmental Oceanographic Commission* que me outorgou um cheque de U\$S 300,00. Lá apresentei os primeiros resultados da minha pesquisa com octocorais: *The family Renillidae Gray, 1860 (Cnidaria, Pennatulacea) from Subantarctic region*. O primeiro grupo taxonômico que trabalhei foram os pennatulaceos, as pena do mar, especificamente o gênero *Renilla*. Publiquei seis artigos referentes a esse gênero, o primeiro deles publicado na revista *Animal Biodiversity and Conservation* (antiga *Miscelânea Zoológica*) de Barcelona, Espanha, em março de 1995, titulado *Revision of the genus Renilla Lamarck, 1816 (Octocorallia, Pennatulacea), with descriptions of two new species from the Sub-Antarctic region*. Foram as primeiras duas espécies que descrevi: *Renilla musaica*

³³Dança espanhola praticada numa grande parte do território de Espanha

³⁴Realizam-se todas as manhãs entre o dia 7 e 14, envolvendo centenas de pessoas que correm à frente de seis touros nas ruas da cidade de Pamplona, levando os animais desde os currais até a Plaza de Touros, onde acontecerão as touradas na tarde desse dia.

Zamponi e Pérez, 1995 e *R. octodentata* Zamponi e Pérez, 1995. Para um taxonomista descobrir novas espécies é o ápice da sua pesquisa, seria como para o colecionador de selos achar o mais raro. Com os anos aprendi a arte da taxonomia, uma arte minuciosa, delicada, detalhista, mas que requer uma postura forte para defender as descobertas e um espírito intuitivo para propor elas.

Um ponto chave na minha vida científica foi a dinâmica do LABIC, dinâmica que incorporei desde que entrei em 1992. A dinâmica de produção científica era voraz, parecia uma linha de produção, e se você não entrava no ritmo ficava fora. Por exemplo, nos anos que fiz meu doutorado (1995-1999) publiquei nove artigos científicos. Um detalhe importante é explicar como é o sistema científico argentino, já que além da carreira docente de professor universitário, também existe a Carreira de Investigador Científico y Tecnológico (CIC) do CONICET. O objetivo desta Carreira é promover a dedicação plena e permanente dos investigadores ao trabalho científico e tecnológico original, estimular todas as áreas de interesse nacional e promover a transferência dos resultados da investigação para a sociedade. Para ingressar na carreira o CONICET lança um edital, e se o pesquisador é selecionado deverá indicar o local onde desenvolverá suas atividades, logicamente com a aprovação da instituição em que atuará, que pode ser uma instituição pública ou privada do país, geralmente uma Universidade. A admissão poderá ser feita em qualquer uma das categorias (Assistente, Adjunto, Independente, Diretor e Superior) de acordo exclusivamente com o mérito, idade e formação do candidato. Se o pesquisador escolheu uma Universidade como local de trabalho, ele será incorporado a algum laboratório onde realizará suas pesquisas e poderá colaborar em alguma disciplina. Então na Universidade vamos ter professores concursados e pagos pela Universidade e pesquisadores de carreira do CONICET com salários pagos pelo CONICET. O que diferencia é a função principal de cada um, no primeiro caso a docência e no segundo a pesquisa. No LABIC, com exceção de Adriana, todos eram pesquisadores do CONICET, então dedicavam 90% do tempo à pesquisa e isso se refletia na produção científica. Eu sempre fui um pesquisador, nunca pensei em ser professor, eu queria ser um cientista, um naturalista, tirando um a um os infinitos véus que cobriam a biodiversidade. Nesses anos no LABIC me sentia totalmente

realizado, focado unicamente na taxonomia dos octocorais, passava horas contando milhares de escleritos³⁵ no microscópio e desenhando tudo no meu caderno de pesquisa, eu era aquele menino brincando com osbesouros rinocerontes no terraço da minha infância.



2. Completude: Sou Com-Paula

Os complementos

Nos quebra-cabeças tem peças de diferentes origens e funções, como falei no início deste memorial as bordas são fundamentais, são os limites, o marco que determina as bases e a essência para definir a pessoa. As bordas não se procuram, elas se incorporam no nascimento e quando crianças, são nosso berço, nosso cuidado parental. As demais peças são o desafio de achar durante nossa vida, e tem umas que são muito difíceis de encontrar: os complementos. Ao nascer viemos com várias peças incompletas, com contornos assimétricos e deformados, essas peças são parte de outra específica, são parte do complemento. Quando juntos fica uma peça uniforme, perfeitamente simétrica, única. Sempre lutei contra o mito popular encabeçado pelo Fábio Jr das metades da laranja como símbolo do amor perfeito. As metades da laranja são exatamente iguais, não tem sentido você procurar uma pessoa exatamente igual a você para passar o resto da vida, seria uma loucura, uma tortura, pelo menos no meu caso. A pessoa perfeita é aquela que me complementa, que fortalece minhas virtudes, melhora meus defeitos e incorpora características que não possuo, essa unidade resultante será indestrutível, será eterna, e atingirá a felicidade plena. Achar esses complementos é a tarefa mais difícil, depende muito do acaso, mas principalmente da fé, da fé em você mesmo. Por sorte, sempre confiei em mim mesmo e isso me levou a achar meus complementos.

O VI COLACMAR seria sediado em Mar del Plata e organizado pelo Departamento de Ciências Marinhas da UNMdP, participei da Comissão Organizadora, especificamente na Comissão de Festas. Foi realizado de 23 a

³⁵ Microestruturas calcárias de sustentação encontradas nos octocorais

27 de outubro nas instalações do Estádio Mundialista de Futebol José María Minella. Nesse congresso o Dr. Zamponi recebeu duas pesquisadoras brasileiras, o Dr. as chamava de “garotas”, a Dra. Erika Schlenz e a Dra. Maria Julia da Costa Belém, ambas reconhecidas especialistas em taxonomia de anêmonas do mar, com as quais eu já tinha feito um dos cursos de meu doutorado. E foi precisamente no dia 23 de outubro de 2024 que achei a peça mais preciosa, o meu complemento. Entrei no prédio, subi as escadas e fui em direção ao local onde estavam Zamponi, meus colegas de laboratório e as “garotas”, era na sessão de painéis. Zamponi me chama e diz: “*Vem Carlos, quero te apresentar a Paula*”. Nossos olhares se cruzaram, se encaixaram, senti um *insight*, algo indescritível, uma verdade revelada, era ela, era eu, os complementos. Aí compreendi ao meu, às vezes, incompreendido coração, entendi o caminho que havia percorrido, as pessoas que tinha conhecido, tudo foi para chegar a ela. Não houve declaração, nem pedido, foi natural, foi como que ambos sabíamos que éramos nós. O dia 24 está gravado nas nossas alianças, foi o dia do primeiro beijo, de nosso primeiro voo, não foi amor à primeira vista, foi a explosão do amor reservado, guardado para nós, a gente estava se procurando, e quando os complementos se encontram, e essa peça única, perfeita, é montada, a unidade está feita para sempre. Paula foi embora no dia 26, me lembro de seu rosto na janela do ônibus que a levaria para Buenos Aires, coloquei minha mão no vidro frio e senti o contato dela, não estávamos tristes pela despedida, estávamos felizes porque finalmente a gente tinha se encontrado. O resto é a história de amor mais incrível. Quando Paula chegou ao Brasil se encontrou com um ramo de rosas, eu queria que ela soubesse que não tinha sido um sonho, era real. A comunicação era complicada, não só pelo idioma, mas pelos meios mesmo. Tinha carta e telefone, e recém começava a internet. Na minha Faculdade só tinha um computador e na dela dois, passamos horas por dia escrevendo no sistema DOS nos computadores enormes com tubos de raios catódicos (como as TVs da época) e monocromáticos verdes. Assim fomos nos conhecendo e aprendendo o idioma do outro. Minha preocupação não era saber se ela estava apaixonada ou não, minha preocupação era que ela não duvidasse da minha paixão, então o desafio era driblar a distância, os 8000 km que nos separavam, semeando e cultivando nosso amor através de chats via DOS, cartas,

telefonemas e presentes. Em janeiro fui para Recife visitá-la e conhecer sua família. Ao sair do avião me vem duas sensações: um bafo abrasador e um cheiro estranho que nunca tinha sentido (vinhoto), esse foi meu primeiro contato com Recife, cidade na qual moraria cinco anos mais tarde. Paula estudava biologia na UFPE e defendeu sua monografia em janeiro de 1996. Lá conheci a Dra. Elga Miranda Mayal, que era sua orientadora e futuramente cumpriria um papel fundamental no meu caminho acadêmico. Paula tinha ganhado uma bolsa da Agência Espanhola de Cooperação Internacional (AECI) para fazer um estágio de quarenta dias no Laboratório de Anatomia Animal da Facultad de Ciencias Biológicas y del Mar da Universidad de Vigo na Espanha sob a supervisão do Prof. Antonio Palanca Soler e posteriormente, os pais dela a tinham presenteado com uma viagem turística pela Europa, um tour desses que você conhece 15 cidades em 12 dias. Então combinamos que eu a encontraria na Europa após seu estágio, mas... Duas características fortes da minha personalidade são a ansiedade e o dramatismo. Quando voltei de Recife no final de janeiro, tinha perdido oito quilos, fruto da fusão da minha incompatibilidade alimentar e térmica (basicamente vivi um mês a base de arroz com azeite e queijo ralado e suco de acerola ou graviola) e só voltaria a ver a Paula na metade de março para realizar o tour pela Europa. No meu estado não aguentaria. Tic tac, tic tac. Uma semana depois já estava em Vigo. O Prof. Palanca Soler oficializou minha estadia no seu laboratório, o que configurou o meu primeiro estágio no exterior e permitiu, logicamente, ficar com Paula. Vocês se perguntarão como eu tinha tanta liberdade para ir quase dois meses à Europa no meio do meu doutorado, o ponto chave era meu relacionamento com o Dr. Zamponi, eu era o queridinho do laboratório, era como que ele realizava seus sonhos frustrados através das minhas ações. Lembrando que o doutorado não era um curso com calendário de disciplinas, e Zamponi sabia que quando eu me sentava na bancada trabalhava a full e rendia. Esses quase dois meses na Europa com Paula foram fundamentais para definir nosso futuro. Durante nossa estadia em Vigo todo final de semana aproveitamos para conhecer alguma cidade, assim fomos a La Coruña, Santiago de Compostela, Viana do Castelo e Porto. Em março começamos o tour saindo de Madri, e foi no hotel de Salamanca que literalmente testamos nosso futuro. Paula entrou no banheiro e antes de me falar que tinham

aparecido duas linhas azuis, peguei suas mãos, olhei nos seus olhos e falei: “*Quer se casar comigo?*”. Ela, com lágrimas nos olhos, balançou a cabeça e nos abraçamos. A afastei e falei: “*Vai ser Macarena*”. Nove meses depois, Macarena nasceria em Mar del Plata, Argentina.

Então, nosso mundo balançou e nosso tempo avançou em velocidade 4x. Paula deveria voltar a Recife e informar a sua família que estava grávida, que iria se casar e morar na Argentina. Um coquetel molotov ao qual seus pais, Pedro e Beth, sobreviveram. Em abril Paula chegou a Mar del Plata e começamos nosso idílio que já leva 28 anos. Nos casamos por civil em Buenos Aires em junho e no 19 de julho de 1996 fizemos a cerimônia religiosa em Recife. Se perguntarão o porquê de fazer uma cerimônia religiosa se eu sou agnóstico, mas sempre gostei da cerimônia católica e de ver minha esposa vestida de branco. “*Você quer ser a lua de todas minhas noites e a dona eterna do meu coração?*” foram meus votos que selaram nosso casamento. Outro porém era o futuro acadêmico de Paula, já que ela tinha acabado sua graduação, e o Dr. Zamponi tinha jurado que eu seria o seu último doutorado. Me plantei diante de Zamponi, sabendo de sua debilidade por mim, e falei: “*Dr. tenho uma notícia, eu não vou ser o seu último doutorando*”, “*Por que Carlos?*” me perguntou, “*Porque Paula vai fazer o doutorado com você, ela vai ser a última, caso contrário eu vou ter que trancar e ir morar no Brasil*”. E foi assim que nos estabilizamos em Mar del Plata, Paula fazendo seu doutorado com anêmonas do mar, eu continuando com meu projeto e ambos aguardando a chegada de nossa peça mais desejada, Macarena.

O ano 1996 mudou nossos mundos de pés a cabeça, e começamos um novo mundo, o mundo dos Pérez Gomes. Em 16 de novembro às 13 h, no Hospital Privado de La Comunidad de Mar del Plata, meu coração foi abraçado pelas pequenas mãos de Macarena, a minha princesa a qual estava aguardando fazia 30 anos. O próximo passo era conciliar os nossos doutorados com o cuidado de Macarena, lembrando que não tínhamos nenhuma ajuda familiar, o único apoio foi da família de meu amigo Marcelo Domingo. A mãe dele, Haydée, e a irmã Verônica, elas foram nossos anjos da guarda enquanto nós estávamos na Faculdade. Uma grande ajuda foi que a





Haydee

Universidade tinha um Jardim Maternal para os filhos dos docentes, técnicos e alunos, mas demorou uns meses para arrumar vaga para Maqui. Então no primeiro ano de Macarena passamos trabalhando no LABIC e com excursões diárias de Paula indo amamentar Macarena em casa ou no Jardim.

Mas isso iria ficar ainda mais difícil, já que uma das condições que o Dr. Zamponi colocou para aceitar orientar Paula no doutorado foi que deveríamos mudar nosso local de trabalho para a Estação Costeira Dr. Juan José Nágera, isto não foi um capricho já que realmente o laboratório não comportava



seis pesquisadores. A Estação Costeira J.J. Nágera é uma dependência da Faculdade de Ciências Exactas e Naturais da UNMdP, situada a uns 25 Km ao sul de Mar del Plata, uma meia hora de viagem. Após o nascimento de Macarena compramos nosso primeiro carro, incrivelmente brasileiro, um Chevette azul quatro portas, seminovo, e meu tio Chiche nos deu de presente os tanques de gás. O gás na Argentina na época era muito barato e fazíamos uma boa economia dado nossas viagens diárias ao trabalho. Somado a mudança de local de trabalho, em 1997 iniciamos a reforma da casa, já que a nossa só tinha um quarto, com a invalorable ajuda financeira de meu grande amigo Oscar e o sempre presente Tio Chiche. Durante esse período, nos mudamos temporariamente a um apartamento de veraneio que tinha meu Tio Alberto que ficava no centro da cidade, mas em 1998 já estávamos instalados na nossa nova casa, e Macarena com seu flamante quarto rosa. Essa época foi de coração apertado, já que deixar Macarena oito horas por dia no jardim foi muito duro para a gente, mas sabíamos que todo esse sacrifício seria pelo futuro de nossa família. Economicamente estávamos mais estáveis, com casa própria, eu com a bolsa de Aperfeiçoamento do CONICET e Paula com a bolsa de doutorado da AECI. Além disso, Paula fazia mousse de chocolate que vendíamos na lanchonete Darwin que ficava em frente ao campus da UNMdP e eu tinha montado um clube de *Scrabble* no Centro Navarro, onde além de cobrar mensalidade, vendia bolo com café que preparava Paula. Isto nos permitiu além de comprar nosso primeiro carro, fazer algumas visitas a Recife. A Estação Nágera tinha uma estrutura bastante precária, principalmente porque tinha pouca gente efetiva na mesma. Éramos seis pessoas diariamente, a caseira Marité (bronca por fora e doce por dentro), o pessoal do laboratório

de Helminologia, a Dra. Delia Mabel Suriano, a sua técnica Lucy e sua doutoranda Juliana, Paula e eu. O Dr. Zamponi ia todas as quartas a passar o dia trabalhando lá. A estação Nágera começou como uma estação experimental de cultivo de camarões, mas essa atividade estava bastante abandonada. Localizada a cem metros do mar, em inverno o vento frio tornava a estação em um freezer, já que a mesma não tinha calefação. Me lembro que Paula trabalhava de casaco e com uma estufa a óleo entre as pernas. Mas as instalações para pesquisa eram diferenciadas, por exemplo, tínhamos água do mar encanada que saía por uma das torneiras, o que tornava os experimentos mais viáveis. Saíamos cedo de casa, deixávamos Macarena no jardim, e íamos para Nágera, levávamos comida e geralmente almoçávamos com o pessoal de parasitos ou quando o clima ajudava, íamos até a beira do alcantilado para almoçar junto ao mar. Um quatro horas voltávamos, ansiosos pelo abraço de nossa princesa e afrouxar o aperto diário de nosso coração. A vida em Mar del Plata era muito boa, a cidade é fantástica, após o trabalho passeávamos com Macarena pelos inumeráveis parques, ou dávamos uma volta pela orla, foi uma época muito feliz.

Assim foram meus últimos anos do doutorado, que defenderia em 28 de maio de 1999 com nota 10. Minha banca foi formada pelo Dr. Ricardo Bastida (professor da casa com o qual cursei a disciplina Ecologia Bentônica durante meu doutorado, excelente profissional e pessoa), a Dra. Estela Lopretto (Universidad de La Plata) e o Dr. Néstor Cazzaniga (Universidad Nacional del Sur). O trabalho final constava de 254 páginas, com descrições detalhadas das espécies, chaves de identificação, um glossário tetralíngue dos termos citados (espanhol, inglês, francês e alemão), e capítulos de cnidoma, biogeografia e importância biotecnológica dos organismos estudados. Estava orgulhoso do fruto do meu trabalho, das inumeráveis horas sentado frente à lupa, do longo tempo gasto nas trocas de correspondência com os especialistas, e da minha paciência e segurança de que conseguiria realizar um trabalho pioneiro no estudo dos octocorais. A autoconfiança que desenvolvi nas partidas de *Scrabble*, nessas longas tardes frias de outono com Ignacio, me tornou um taxonomista seguro de suas decisões e disposto a enfrentar as opiniões da comunidade científica.

“A amplitude do tema escolhido e a falta, em nosso país, de aportes prévios -exceto do próprio autor- referidos ao conhecimento taxonômico, geográfico e bioquímico dos Pennatulacea, Gorgonacea e Alcyonacea do mar epicontinental argentino, exigiram ao Lic. Pérez um esforço que, sem dúvidas, rendeu resultados altamente positivos, tanto na proposta inicial como na fase interpretativa dos resultados obtidos. Na opinião dos assinantes, a contribuição do Lic. Pérez ganhou em originalidade no âmbito da biologia marinha, como fixou as bases para futuras pesquisas concernentes a representantes de Octocorallia em águas do Atlântico argentino”; versava o relatório conclusivo dos membros da banca. As bases estavam construídas, seguramente com mais erros que acertos, mas construídas pela minha paixão e pela minha voracidade obsessiva de ir atrás do conhecimento.

Com o final do meu doutorado veio o início de uma peça complementar que não sabia que faltava. Quando você pensa que não cabe mais amor no seu coração, porque o que sentia por Paula e Macarena era o ápice (eu falava para Macarena que eu a amava até a girafa mais alta subida ao elefante mais grande subido a nuvem mais alta do céu), recebemos os primeiros sintomas, era Thiago, nosso doce de coco. Em 24 de fevereiro de 2000, às 23:55 no mesmo Hospital que tinha nascido Macarena, chegou minha completude total. Quando você tem a benção de ter filhos, as suas prioridades mudam, tudo

parece etéreo, supérfluo, o foco está na felicidade deles, a missão da minha vida é manter Macarena e Thiago sempre felizes, e Paula? se faço felizes a meus filhos, farei feliz a Paula, sempre alinhados, sempre juntos. O melhor de ser pai é escutar essa palavra da boca de teus filhos, uma carícia à alma, não sei se sou o melhor pai do mundo, e não me interessa, sempre dediquei meu tempo ao máximo para compartilhar com eles, sou amigo e cúmplice, sou incondicional, sempre.

No ano 2000 obtive uma prorrogação da Bolsa de Aperfeiçoamento do CONICET por um ano, e preparei minha proposta de ingresso na Carreira do Investigador. A mesma foi rejeitada, no ano 2000 tinha 11 publicações científicas fruto de meu doutorado, e o motivo mais contundente da negativa de ingresso foi que tinha muitas publicações em coautoria, sete das 11. O Dr. Zamponi tinha o costume de se colocar como primeiro autor dos trabalhos até



você se tornar doutor. Na avaliação, o CONICET outorgou 100% do Fator de Impacto para as publicações como primeiro autor e 50% nos casos de coautor. Obviamente fiz pedido de reconsideração (o qual foi obviamente rejeitado) e pontuei uma situação hipotética: Watson e Crick (os descobridores da hélice dupla no DNA) tentam ingresso a Carreira do CONICET, Watson tiraria o dobro de pontuação que Crick, o qual talvez não ingressaria. Absurdo. Esta situação se repete atualmente nas diretrizes da Capes, na Área de Biodiversidade, na avaliação dos docentes nos programas de pós-graduação, aqueles trabalhos científicos com mais de seis autores (não sendo o autor principal, final ou de correspondência) não contam, se colocamos esta regra contextualizada no âmbito de incentivo (da própria Capes) a trabalhos interdisciplinares e a internacionalização, parece que estamos em uma situação paradoxal, por não falar ridícula ou sem sentido.

Essa rejeição me abalou muito, o sentimento de impotência e injustiça é um dos piores que eu posso sentir, fiquei temporariamente sem norte, o que faria? Mas... como *tudo é para o bem*, a negativa foi a porta para procurar nosso futuro no Brasil. Paula não tinha mais futuro acadêmico na Argentina, só após se nacionalizar que poderia optar por intentar o ingresso na Carreira do CONICET, não tinha opção de bolsa nenhuma para estrangeiros, e somado a "ameaça" que minha sogra tinha feito quando Paula foi fazer o doutorado na Argentina ("*Paula se doutora e vocês vem morar em Recife, viu*"), o jeito era ver as opções que tínhamos no Brasil. Através do contato que Paula tinha com a Prof. Dra. Elga Miranda Mayal (tinha sido seu orientadora do TCC e queria muito que ela voltasse para trabalhar com ela), consegui que o Departamento de Zoologia da Universidade Federal de Pernambuco me desse a anuência para concorrer a uma bolsa do Edital para Pesquisador Visitante do CNPq, paralelamente solicitei uma bolsa de pós doutorado no CONICET. Sempre tive a estratégia do Rambo, de atirar para todo lado para atingir algum alvo, sempre precatado, já éramos quatro.

No ano 2000 realizei minhas primeiras atividades de extensão, reconhecidas pela Ordenança do Conselho Acadêmico da Faculdade de Ciências Exatas e Naturais da UNMdP (OCA 259), com identificação de octocorais da coleção do *Museo Argentino de Ciencias Naturales "Bernardino Rivadavia"* e de cnidários do Departamento de Química Orgânica da Faculdade

de Ciências Exatas e Naturais da Universidad de Buenos Aires, meu trabalho começava a ser reconhecido.

Em 14 de dezembro de 2000 recebo a carta do CNPq com a aprovação do pedido de bolsa de Pesquisador Visitante com o projeto: *Taxonomia, sistemática, ecologia, distribuição e filogenia dos cnidários Octocorallia do litoral pernambucano e do Arquipélago de Fernando de Noronha. Farmacologia dos metabólitos secundários dos corais moles*, para trabalhar em regime de dedicação exclusiva em atividades de pesquisa e ensino de acordo com as demandas do local de trabalho, no caso o Departamento de Zoologia da UFPE. A bolsa tinha duração de um ano (01/01/2001-31/12/2001), mas consegui renovar duas vezes, ficando com a bolsa até 31/01/2004.



Beth

Nossa diáspora: Brasil

Recomeçar... deixar teu lar, a casa onde nasceram teus filhos, a organização diária das atividades familiares, o local de trabalho, teus amigos, tudo isso com dois filhos pequenos, indicaria um nível de estresse, ansiedade e nervosismo entendível, mas no meu caso não senti nada disso. Outra das minhas características marcantes é a praticidade. Macarena com quatro anos e Thiago faria um ano em fevereiro, eles estavam bem se a gente estava bem, tinha bolsa e teríamos o amparo da família de Paula, minha nova família. Tudo sob controle. Fui adotado rapidamente pela minha *host family*; Beth, dessas mães que querem ter todas as filhas debaixo das asas, super preocupada pelo bem estar de suas filhas e netos e uma alma caridosa como poucas; Pedro, ou *Petrus* como chamava ele, como falei anteriormente, está no pódio das pessoas mais bondosas que conheci, um ser com uma ética e moral inquebrantáveis e um papo cáldo e gostoso, passava horas escutando suas histórias de infância na sua fazenda do Rio, deixou



Andrea



Pedro

saudades. Depois, tinham as irmãs, Andrea e Fernanda, e Marcelinho, filho de Andrea, dos meus sobrinhos falarei mais para frente, quando estiver o time completo; mas Andrea e Fernanda sempre me fizeram sentir parte da família, nos sentimos acolhidos desde o



Fernanda

primeiro momento e isso tornou mais fácil nossa adaptação. Passamos uns meses os quatro no quarto de Fernanda (gentilmente foi dormir no quarto dos pais) até que arrumamos um apartamento para alugar no Condomínio Morada Recife Antigo no bairro de Cordeiro, perto da UFPE; anos depois compramos esse apartamento no qual moramos até hoje. Na minha casa de Mar del Plata deixei um amigo do Centro Navarro morando com a sua família, mas a idéia era vender a mesma, para isso deixei um poder absoluto a meu grande amigo Marcelo (grande pelo tamanho -pesava 200 kg e pelo nível de amizade), mas.... Anos depois por acaso descobri que ele tinha hipotecado minha casa, não pagou as parcelas e minha casa ia ser leiloadada, consegui um restinho de dinheiro. Eu perdi a casa, mas ele perdeu um amigo. Vida que segue.

Nosso novo local de trabalho na UFPE foi no NEC-LACE (Núcleo de Estudos de Cnidários-Laboratório de Ambientes Coralinos e Estuarinos) que coordenava a Prof. Elga Mayal, figura complicada, controversa e difícil de lidar, mas que nos abriu as portas e nos ofereceu a logística necessária para retomar nossas pesquisas. Foi assim que criamos o Grupo de Pesquisa em Antozoários, o GPA, o qual cadastrei no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq e apresentei no I Simpósio dos Grupos de Pesquisa da UFPE realizado em



2001. Meu primeiro estagiário foi Bruno Gustavo Tenório da Silva, aluno da Licenciatura em Ciências Biológicas com o tema de Biodiversidade do octocorais do litoral de Pernambuco. Um dado interessante foi que



até chegar a Recife nunca tinha visto um octocoral vivo (sempre material de museus ou campanhas oceanográficas), trabalhei desde 1992 com o grupo e foi recém em 2001 que mergulhando, em Porto de Galinhas, vi a maravilhosa *Carijoa riisei*, o coral floco de neve, a qual se tornaria um das espécies mais estudadas por mim (publiquei oito artigos referentes a sua ecologia, biologia reprodutiva e fauna associada). Também ampliei minhas linhas de pesquisa e incorporei o estudo dos zoantídeos, grupo muito abundante nos recifes costeiros do Nordeste, principalmente com a espécie *Palythoa caribaeorum*, a famosa baba

de boi, que cobre extensas áreas dos recifes expostos ao longo de todo o litoral. E dei continuidade a uma linha secundária que tinha começado na Argentina, através da parceria com o Dr. Jorge Palermo, do Departamento de Química da Universidad de Buenos Aires, a de farmacologia dos metabólitos secundários de octocorais, e continuei aqui incorporando a baba de boi, baseado em relatos que levantei de pescadores que indicavam o uso do muco para pancadas e machucados. Então o GPA, liderado por mim e por Paula, tinha como linhas principais a Sistemática e Taxonomia, a Ecologia e a Farmacologia dos cnidários antozoários do Atlântico Sul Ocidental, com ênfase no Nordeste do Brasil. Tentei que Bruno continuasse minha formação original com taxonomia de octocorais, Daniele Vilanova encarou o estudo dos zoantídeos (taxonomia e fauna associada) e Carolina Soares iniciou os estudos de farmacologia com a baba de boi. Esses, somados a Luciana Gusmão que trabalhava com taxonomia de anêmonas de mar (orientada por Paula) foram os primórdios de um grupo que me enche de orgulho; sempre orientamos os alunos em função do grupo, funcionamos como uma colônia de coral, onde cada pólip/aluno produzia em prol da colônia, trabalho colaborativo mesmo em projetos diferentes, e em um ambiente de cordialidade e alegria, característica que sempre levei em todo âmbito que me desenvolvi. Olhando para atrás, orientei 44 alunos de Iniciação Científica, a maioria com bolsa PIBIC (UFPE, FACEPE ou CNPq), muitos deles seguiram a vida acadêmica e outros foram por diferentes caminhos; mas todos eles me fizeram crescer, não só como profissional e docente, porém como pessoa, e sou muito grato a todos eles, foram peças muito importantes.

Também rapidamente comecei minhas atividades docentes tanto no Bacharelado como na Licenciatura de Ciências Biológicas da UFPE, em 2001 ministrei várias aulas na disciplina Zoologia dos Invertebrados Inferiores, e participaria de várias disciplinas tanto nos cursos de graduação (Invertebrados Superiores, Celenterologia, Ambientes Coralinos, Sistemática Filogenética, Anatomia Animal Comparada e Sistemática e Biogeografia) como na pós graduação de Biologia Animal (Biologia de Invertebrados, Sistemática e Evolução e Nomenclatura Zoológica). E foi nas salas de aula onde aprimorei meu português, aprendi o idioma com os alunos, era um cara de 35 anos falando como um menino de 18, nunca me acostumei a falar Senhor ou

Senhora, oxe!! era “você” para todo mundo com esse toque nordestino, visse? Demorei em me adaptar com alguns costumes, mas principalmente, em esquecer alguns argentinos, como nos cumprimentos. Me lembro que a primeira vez que conheci Pedro, o pai de Paula, o abracei e dei um beijo; ele com seu delicado jeito gentil, falou "Opa, Opa" se afastando um pouquinho. Então, nada de beijos entre homens, só aperto de mãos ou bater os ombros afastando os rostos, se fossem parceiros. Aqui somos cabra machos!! Também teve um momento constrangedor nos primeiros dias de aula, eu não agüentava o calor de "*Hellcife*" e fui dar aula vestindo bermudas e uma camisa de manga curta; na segunda semana fui chamado pela Diretora do Centro de Ciências Biológicas e me falou que o professor deveria demonstrar um padrão com sua investidura, que não podia se vestir como os alunos, deveria impor respeito. Eu pensei várias coisas para responder, mas preferi pedir desculpas justificando meu desconhecimento dos costumes locais e que iria dar aula de calça e camisa de manga comprida. Conclusão, hoje muitos professores vão de bermuda e até alguns de *Crocs* brancas, e não se perdeu o respeito.

No final de maio de 2001 aconteceu uma dessas coisas que faz você olhar para o céu e falar: Seria isso? Em 16 de maio recebi uma carta do CONICET onde me informavam da outorga de uma bolsa Interna de Pós Doutorado pelo período de dois anos na UNMdP na Argentina. Foi uma carícia a meu orgulho, foi olhar para trás e sentir que não fiquei no meu país por escolha própria, e não por falta de opções.

Nesse mesmo ano recebi o convite para participar do Workshop "Ações e áreas prioritárias para conservação da biodiversidade em Pernambuco" organizado pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente do Governo de Pernambuco, para montar o diagnóstico de biodiversidade de octocorais de Pernambuco, que resultou na publicação do Atlas da Biodiversidade de Pernambuco no ano de 2002. E nesse mesmo ano sai publicado o primeiro trabalho com meu primeiro aluno Bruno "Diagnosis del conocimiento de la fauna de octocorales de La Región Nordeste de Brasil" na Revista Tropical Oceanography. Foi meu primeiro trabalho aqui, me senti cravando a bandeira. Gente, cheguei!!!

Nossa vida estava mais tranqüila, as crianças iam ao Colégio Visão pela manhã, as pegávamos, almoçávamos em casa e de tarde voltávamos ao



laboratório, e aí que aparece uma peça fundamental, alguém que cuidou dos nossos filhos com um amor e paciência inigualável, Cícera. Não foi empregada, secretária ou babá, foi um anjo em quem confiamos e que nossos filhos adoravam. Eterna gratidão!! Vale a pena relatar como era nossa volta do trabalho, sempre com essa culpa de não estar com eles, cada minuto sem eles era um minuto perdido, isso sentíamos. Geralmente estavam no parquinho brincando com Cícera, a gente nem subia, dávamos as mochilas para ela e ficávamos lá, brincando com eles, rodando o gira-gira para uma fila enorme de amiguinhos "Azeite, vinagre ou picante?" perguntava para saber a velocidade que iria impor ao giro (sempre picante obviamente), e cada giro era ver a cara de satisfação de Maqui e Thiago, rostos de felicidade, não queria que os giros acabassem nunca.



Em 8 de abril de 2003 recebi uma carta da Dra. Daphne Fautin (a papisa das anêmonas e referente mundial nos hexacorais) me convidando a organizar um Workshop de sistemática de octocorais no marco do 7th International Conference on Coelenterate Biology (ICCB), edição seguinte a que eu tinha comparecido na Holanda em 1995. Guau!!!! O congresso seria realizado na University of Kansas. Infelizmente não tinha recursos para ir, mas organizei o Workshop junto com meu amigo mexicano, o Dr. Carlos Sánchez Ortiz, e ele o coordenou no congresso, mas o importante para mim era aparecer, eu queria que quando falassem "octocoral" eu estivesse atrelado a esse termo. O convite de Fautin foi um *latido*³⁶ forte que me fez entender que estava tendo visibilidade, estava fazendo as coisas certas.

O ano 2004 é um marco na minha vida acadêmica já que tenho meu primeiro projeto financiado aprovado, e a partir daí tive ininterruptamente apoio financeiro para minhas pesquisas até hoje, FACEPE, CNPq, Fundação Boticário de Apoio a Natureza, PADI Foundation, edital lançado era edital que pleiteava, Rambo sempre ativo. Meu primeiro edital foi da FACEPE (Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco), o Programa de

³⁶ "Latem Sancho, sinal que cavalgamos", esta frase aparece no Don Quixote de Miguel Cervantes e faz referência que se falam de você é porque está fazendo a coisa certa, então continua no teu caminho.

Desenvolvimento Científico, Tecnológico e Regional, para mim o melhor edital, já que envolvia bolsa de pesquisa e auxílio financeiro. Esse programa é em parceria com o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC), por intermédio do CNPq, e com a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de Pernambuco (SECTI), resumidamente a FACEPE pagava um auxílio de 50.000 reais e o CNPq pagava a bolsa DCR de duração de 36 meses. Nessa época a FACEPE procurava apoiar projetos mais aplicados, e por isso propus o projeto "*Farmacologia, química e toxicologia dos cnidários do Nordeste brasileiro, com potencial aplicação biotecnológica*" montando uma equipe multidisciplinar e interinstitucional, com pesquisadores da química da UFPE e da UFRPE. Não é ao acaso que tive sempre uma vida acadêmica financiada, sempre fui um analisador compulsivo de editais e enxerguei o cenário científico e acadêmico como um jogo, e sempre fui um exímio estrategista (minhas longas noites de T.E.G.³⁷ com Oscar, Hernán e Ignacio foram um excelente treino). O primeiro passo para jogar é conhecer as regras, e elas estavam nos editais. Você tem que escrever o que eles querem ler, simples, fácil; me lembro que uma das primeiras conversas com minha sogra foi nesse âmbito, eu falei para ela que a gente nunca iria discutir porque eu sempre iria falar o que ela queria escutar. A diplomacia com a sogra é sagrada. O segundo passo, uma vez aprovado o projeto, é ajustar as ações, tornar o projeto viável em função dos recursos aprovados e remanejar valores caso necessário. Se o projeto não foi contemplado? Não se abale, recarregue a metralhadora e vá para uma nova guerra. Se você entrar no papo dos colegas incrédulos, "não mando para a FACEPE ou CNPq porque nunca saí para mim", vai estar limitado ou sem recursos, eu pensava, mas como eles esperam ajuda econômica se não enviam nada?? eles mesmo se autoavaliavam e rejeitavam os projetos que não tinham enviado. Menos competição, ótimo.

Também em 2004 publiquei o último trabalho da saga Zamponi, das minhas 79 publicações científicas, 10 foram em coautoria com o eterno Dr. Zamponi, com a descoberta de seis espécies e um gênero; e o último trabalho foi um excelente corolário para nossa parceria: "New records of octocorals from Southwestern Atlantic Ocean. Zoogeographic considerations" (Revista

³⁷ TEG ou *Plan Táctico y Estratégico de la Guerra* é um jogo de tabuleiro de guerra similar ao WAR



Zootaxa). Uma das coisas que mais incorporei de Zamponi foi da valorização da taxonomia, porque geralmente ela é menosprezada pelos próprios taxonomistas. Obviamente filtrando, várias vezes, as idéias zamponianas, eu captava idéias ou pensamentos que faziam sentido. Para que vocês tenham ideia do tipo de filtro, vou contar uma situação que aconteceu. Estamos no LABIC, todos os cinco, golpeiam a porta e aparece um senhor com um vidro na mão, "Dr. Zamponi?", "Sim, em que posso lhe ajudar?" respondeu Zamponi; "queria ver se o senhor poderia me identificar esta anêmona", "Claro que sim, são 500 dólares" falou enfaticamente; o senhor do vidro na mão, ficou pasmo, "mas o senhor não sabe o nome desta espécie? é bem comum"; "Veja bem, eu poderia lhe falar agora mesmo o nome dessa espécie, claro que sei, mas se eu falasse o nome estaria menosprezando a taxonomia, já que faria parecer algo fácil, corriqueiro, assim como você o colocou na sua pergunta, quase como zombando de mim, o senhor não sabe o nome???", bom, o que eu sei que você não sabe o nome, se quiser saber bota 500 dólares e eu falo na hora", o homem bateu a porta e foi embora com o vidro na mão. Eu entendi que os 500 dólares era a valorização de uma identificação, quando você identifica, esta colocando atrás do nome 20 ou 30 anos de experiência, e isso vale; o taxonomista tem que entender que são "eles" que precisam da gente, em qualquer área que seja, "eles" precisam saber o que é cada espécie com a que trabalharam, e só "nós" sabemos. Confesso que demorei em incorporar isso no meu *modus operandi* científico, mas não muito. O primeiro trabalho que fiz em parceria com o Dr. Jorge Palermo da química de Buenos Aires não cobrei os "500 dólares", ele me mandou um material de octocorais antárticos para identificar, eu fiz a identificação e só apareci nos agradecimentos do trabalho. Longe de me sentir gratificado, me senti um estúpido e a partir daí comecei a faturar os "500", no segundo trabalho que realizei com ele, sutilmente respondi o email falando que iria identificar o material e indicava o endereço para colocar na publicação, mensagem subliminar que ele captou e a partir daí sempre fui coautor dos nossos trabalhos, já faturei 1500 dólares. Já escutei de colegas taxonomistas, "não vou pretender ser coautor se eu só identifiquei as espécies", só?? Esse "só" é o que faz aos não-taxonomistas nos menosprezar, até que o taxonomista não enxergue que saber o que é cada coisa é a base para todos os ramos da biologia, não seremos valorizados. Vários de meus

projetos financiados tiveram como foco a farmacologia e em todos justifiquei minha coordenação baseada na necessidade de ter uma boa taxonomia para garantir que os espécimes trabalhados tinham seu status validado; me lembro que em alguma justificativa desses projetos coloquei: "se algum desses organismos é a fonte de algum composto miraculoso que cura o câncer, como iriam atrás dele se não sabem de que bicho foi extraído".

Em 2004 começam a aparecer as oportunidades de concursos, graças à política educacional do governo Lula. O mais concreto foi a vaga na área de Ecologia da UFRPE no início de 2005, eu logo me afastei dessa empreitada, já que ecologia não era minha praia e Paula tinha condições muito melhores de se preparar, e assim foi, passando em primeiro lugar e ficando com o cargo de professor do Depto. de Biologia da UFRPE. Um já estava garantido, a famosa estabilidade. A minha oportunidade chegaria em maio de 2005, data do lançamento do edital nº 13 da UFPE para concurso público para docente do magistério superior, uma vaga do Departamento de Zoologia para a área de Invertebrados Marinhos. O concurso constava de três etapas: a) julgamento de títulos (peso 4) (títulos acadêmicos, atividades didáticas e científicas), b) prova didática (peso 3) e c) prova escrita (peso 3). Essa sim era literalmente minha praia. Eram 11 temas, e fiquei internado na Biblioteca da UFPE umas oito horas por dia durante quarenta dias, preparei os 11 temas tanto para a prova didática quanto para a prova escrita. Sempre meu sistema de estudo foi baseado na memória visual, então fiz apostilas destacando partes importantes com diferentes hidrocores, inclusive colocando desenhos e esquemas. O ponto da prova escrita seria sorteado imediatamente antes do seu início e o ponto da prova didática (uma aula com duração entre 50-60 minutos) 24 horas antes de sua realização. O concurso aconteceu entre 22 e 25 de agosto, não me lembro quantos inscritos tinham, mas acho que eram entre cinco e oito, o tema da prova escrita foi Mollusca: Biologia e Ecologia de Bivalvia. Quando o tema foi sorteado, alguns candidatos se levantaram e se foram. Eles deram uns cinco minutos para você incorporar o tema e se preparar para escrever, nesse momento entrei em desespero, minha mente ficou em branco, mas não sabia que ela estava procurando no meu HD a apostila do tema. Eu literalmente psicografei a apostila, ia passando uma a uma as páginas, incluindo os desenhos e esquemas, foram 23 páginas. Arrasei!! Após o tempo (quatro

horas), cada candidato devia ler a prova e um membro da banca acompanhava a leitura para constatar que estava falando unicamente o que estava escrito. Eu me lembro que durante minha leitura, a Prof. Antonia Cecilia do Amaral, cochilou por uns instantes, então eu fiz uma pausa e uma tossida de leve, olhei para ela e falei "posso continuar", ao qual ela assentiu com a cabeça. Minha nota foi muito boa, 9,5; mas fiquei pensando o que mais se poderia falar de biologia e ecologia de Bivalvia. Antes da leitura outros candidatos desistiram, acho que o momento da leitura causava constrangimento, realmente era um momento muito tenso, hoje em dia não tem mais essa dinâmica. Agora pensem na minha situação, deveria ler uma prova de 23 páginas, com a mochila pesada da banca saber que era argentino; mas, como falei, eu apareço nos momentos mais tensos. Segundo Paula nunca falei mais claro e tranquilo na minha vida como nesse concurso, tanto na prova como na aula didática. Para a prova didática só ficamos eu e André Morgado Esteves, o tema sorteado foi Nematoda: biologia e ecologia, justo o tema que ele trabalhava. Eu sabia que se ministrasse uma aula boa, tinha muitas chances de ganhar o concurso, já que a minha prova tinha sido muito boa e meu curriculum era bastante robusto. Na época tinha 15 publicações científicas, estava coordenando um projeto financiado e recentemente tinha ingressado no Programa de Pós Graduação em Biologia Animal da UFPE, onde já estava orientando meu primeiro mestrando Diego "Bigode" Leonel Costa, além de ter experiência docente desde 2001 nos cursos de graduação e pós graduação do Depto. de Zoologia da UFPE. A minha aula foi muito boa, a sala estava lotada, uma vez mais um bálsamo de tranquilidade liberou uma fala leve e clara. Pronto, tinha certeza que a vaga era minha, foi tal a segurança das pessoas que assistiram todas as etapas, que me lembro de todo mundo vir me abraçar e parabenizar após a aula, inclusive no outro dia meu aluno de mestrado Bigode me deu uma garrafa de vinho para comemorar. Paula foi a única cautelosa, me falava calma, temos que aguardar o resultado. E ela estava certa, na fatídica manhã do dia 25, em uma sala lotadíssima, a banca foi escrevendo no quadro negro com giz as notas de cada etapa, primeiro a prova escrita (saquei mais de dois pontos de vantagem), segunda a aula didática (fomos quase iguais, acho que ele teve uns décimos a

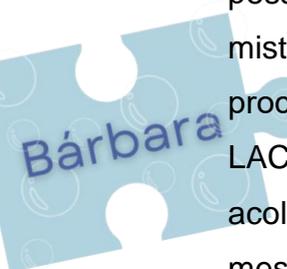


mais), um sorriso vagarosamente ia incrementando em tamanho no meu rosto, mas subitamente todo mudo, a ultima nota divulgada foi a de julgamento de títulos, não me lembro a nota exata, mas eu tirei 5 ou 6, e o outro candidato 8 acho. Quando o membro acabou de escrever minha nota, me levantei impulsivamente e saí do recinto, estava cego, uma raiva incontável me impulsionava a sair, a ir embora; e quase na saída vejo os rostos apenados de dois dos três membros da banca, a Dra. Antonia Amaral (Universidade Estadual de Campinas) e o Dr. Álvaro Migotto (USP), que quase ao unísono me falam: "mas você não tinha mestrado"... como já justificando por que não tinha ganho. Entrei na minha sala, e aí estava na minha mesa, ereta e imóvel, a garrafa de vinho, me afoquei nela e chorei lágrimas de impotência e de indignação. Eu não tinha mestrado, o que significaria essa frase que os membros da banca falaram me consolando? E eu fiquei com o "mas", isso estava indicando que era para ter ganho mas... O barema montado para o concurso pontuava o título de mestrado e o histórico do mestrado, título que eu não tinha, porque na Argentina você faz o doutorado direto. Aí entendi o "mas você não tinha mestrado", ficaram reféns do barema. Falei para Paula que nunca mais faria um concurso, e não faria mesmo. Nunca, mas nunca na minha vida ficou tão claro o meu lema de "*tudo é para o bem*". Vivi um dos piores momentos, e, paradoxalmente, foi fundamental para dar o próximo passo, uma nova oportunidade, fiquei em segundo lugar, mas... com o concurso válido por dois anos.

Ainda nesse ano montei junto com meu ex-colega de laboratório Gabriel Genzano, um projeto de cooperação internacional com a Argentina para estudar as hidromedusas do Nordeste brasileiro. Medusas???? sim leram bem, a Dra. Sigrid Neumann Leitão do Depto de Oceanografia da UFPE me propôs trabalhar em conjunto na identificação das medusas da coleção do departamento, e como eu não era especialista, convidei meu amigo Gabriel para participar. Através de edital de professor visitante do CNPq conseguimos a visita de Gabriel a Recife, treinou uma aluna de iniciação científica (Milena Freire) na identificação de hidromedusas, que rendeu um TCC, duas apresentações a congressos nacionais e uma excelente publicação na revista *Biological Invasions* com o registro da espécie invasora *Blackfordia virginica* no litoral pernambucano. Aproveitando a visita de Gabriel realizamos o primeiro



evento de extensão organizado pelo nosso grupo de pesquisa, o GPA, a I SEMANA URTICANTE, a idéia era reunir todos os pesquisadores que trabalhavam com cnidários em Pernambuco, para dar palestras sobre diferentes temáticas do grupo, tendo como público alvo os alunos da graduação e pós graduação da UFPE, UFRPE e UPE. O evento foi um sucesso com quase 200 alunos participando e com a presença de todos os pesquisadores, Elga Mayal, Fernanda Amaral, Mauro Maida, Paula e eu, além da ilustre participação de Gabriel Genzano; fechando com chave de ouro com Maracatu e patrocínio da cachaça Pitu no hall do Centro de Ciências Biológicas da UFPE. O evento atendeu um dos principais objetivos que era atrair alunos e que conhecessem o que estávamos fazendo. Realizaríamos duas edições mais, uma em 2011 e outra em 2019, mas já com participação de nossos alunos de pós, minicursos e apresentação de trabalhos.



Após Paula tomar posse na UFRPE, fiquei sozinho com a Prof. Elga Mayal no laboratório, e só era questão de tempo até o tsunami acontecer, já que Paula era a solução-tampão do laboratório. Como falei, Elga era uma pessoa bem complicada, você vivia caminhando em um sendeiro de ovos, mistura de paranoia e frustração, era muito difícil o convívio. Então tive que procurar refúgio em outro lugar, e foi o Prof. José Roberto Botelho “Betinho” do LACMAR - Laboratório de Comunidades Marinhas do Depto. de Zoologia que acolheu a mim e meus alunos. Na época, como falei, orientava meu primeiro mestrando, o Bigode, com o uso da baba de boi como bioindicador de metais pesados, e tinha vários alunos de iniciação científica (todos com bolsa) principalmente na ecologia do octocoral *Carijoa riisei* e farmacologia de *Palythoa caribaeorum*, a taxonomia de octocorais a desenvolvia sozinho, não era fácil achar alunos para trabalhar em taxonomia. Mesmo assim, nesse ano publicamos na revista *Zootaxa* a descoberta de uma nova espécie de coral negro, fruto do TCC de Bigode, a qual me permitiu homenagear a minha esposa, *Tanacetipathes paula* Pérez & Costa, 2005; este trabalho foi feito em parceria com o papa dos antipatários, o Dr. Dennis Opresko (University of Miami). 2005 foi um ano bem produtivo, além desse trabalho publiquei mais três, todos frutos dos trabalhos dos alunos de iniciação científica.

Em 2006 fui convidado a participar do corpo docente do Programa de Ecologia Internacional da Université de Sherbrooke através do contato da

coordenadora regional, a Prof. Jarcilene Cortez do Depto. de Botânica da UFPE. A ideia do programa era receber alunos canadenses para trabalhar em projetos em andamento com atividades de campo. O meu primeiro aluno foi Jean-Philippe Naud para trabalhar com ecologia trófica de *C. riisei* em Porto de Galinhas, mas receberia mais quatro alunos até 2010; além disso, fui convidado a ministrar um curso de ecologia recifal na Université de Sherbrooke no Quebec, Canadá. Foi uma experiência muito enriquecedora, e a vinda de alunos de outros contextos acadêmicos e sociais foi muito bom para o crescimento de nosso grupo de pesquisa, inclusive resultou em casamento, minha aluna Bárbara Neves casou com David Bélanger, e moram em Newfoundland, Canadá, até hoje. Ainda nesse ano, obtenho meu primeiro edital Universal do CNPq com o projeto "*Ecologia de cnidários bentônicos do litoral de Pernambuco*" e meu primeiro financiamento internacional da AWARE FOUNDATION, fundação da PADI (*Professional Association of Diving Instructor*), certificadora de mergulho mais reconhecida no mundo, com o projeto "*Biodiversity monitoring in brazilian sunken ships and educational program for divers using recreational habitats*" que visava o levantamento da biodiversidade bentônica de naufrágios artificiais do Parque de Naufrágios Artificiais de Pernambuco (PNAPE), programa iniciado em 2000 com o afundamento de alguns rebocadores para a realização de pesquisas sobre conservação marinha e para que se tornassem pontos para turismo de mergulho.

Em junho de 2006 recebi uma notícia inesperada, o governo Lula, com a política de interiorização da educação, iria criar um campus de interior da UFPE na cidade de Vitória de Santo Antão, inicialmente com três cursos: Bacharelados em Nutrição e Enfermagem e Licenciatura em Ciências Biológicas. A carta que recebi me perguntava se eu queria aceitar fazer parte do curso de biologia, aproveitando que meu concurso ainda estava vigente. Aí entendi que todo o sofrimento que tinha passado no concurso realizado tinha algum sentido, o destino me deparava outro caminho. Vitória de Santo Antão, onde ficava isso? Lembro que cheguei em casa com a notícia, Paula pulou de alegria, as crianças também sem entender nada, e ela com lágrimas nos olhos me falou: *viu que você iria conseguir?* No outro dia pegamos o carro e fomos ver onde ficava o campus; depois de rodar quase duas horas na cidade,

achamos o Centro, na Rua Alto do Reservatório, em frente do Tiro de Guerra, na rua que dava no Zoológico, sim tinha um zoológico com hipopótamo, urso, camelo e leões. Mas não era só aceitar a proposta, era montar de forma urgente um curso de biologia, que teria vestibular específico para o CAV e as aulas começando em agosto de 2006. Fomos contatados pela Prof. Florisbela Campos e nos reunimos em uma sala no Depto. de Nutrição da UFPE. Lá conheci meus primeiros novos colegas, me lembro que estavam Gilmar Farias e Claudia Rohde. Florisbela nos passou o projeto pedagógico do curso para nossa avaliação e possíveis modificações, eu fiquei com a área de Zoologia. Pronto o curso estaria em andamento, um novo mundo para vários professores de concursos vigentes e de outros recantos do país, iríamos construir NOSSO CENTRO, finalmente acharíamos NOSSO LAR.

Nosso Lar

Com meus 39 anos, em 27 de julho de 2006 tomei posse, seria o Decano do curso. Finalmente, tinha entrado no sistema, após 14 anos ininterruptos de bolsas, chegava a tão ansiada estabilidade, com uma boa base para me fazer ainda mais forte, com 20 publicações, projetos financiados, alunos de iniciação científica e de mestrado, comecei minha carreira docente, Professor Adjunto I.

Lembro que fomos convocados para conhecer oficialmente as instalações, aí conheci colegas que posteriormente se tornaram grandes amigos, como Augusto. A infraestrutura era mínima, sabíamos que deveríamos aguentar alguns anos para ter uma estrutura adequada para pesquisa, já que não havia laboratórios, nem sala para os professores. Na época o CAV tinha dois blocos, o administrativo, hoje denominado Tabocas, e o bloco de ensino Pirituba, com as salas de aulas. Mesmo assim, organizamos o 1º Simpósio Integrado de Ciências da Saúde e Biológicas do Centro Acadêmico de Vitória/UFPE, e foi ótimo para conhecer em que trabalhavam nossos colegas. No Bloco Tabocas, cada curso tinha disponível uma sala grande para acomodar os professores, me lembro que a de Biologia, tinha uma mesa grande com cadeiras e eu acho





Angélica

que um computador, o que eu lembro muito bem é do calor, não tinha ar condicionado; minha primeira ação no CAV foi comprar um ar condicionado de 18.000 BTU com os recursos da



Claine

minha bolsa DCR. Além da infraestrutura para pesquisa, eu tinha o problema dos meus alunos, todos eram de Recife; então eu continuei com base de pesquisa no laboratório de Betinho no Depto. de Zoologia da UFPE, até que no ano 2008 se termina o bloco Bela Vista do CAV com mais salas de aula, gabinetes para os professores e laboratórios para aulas práticas e de pesquisa. Cada gabinete comportava dois professores, eu e Angélica ficamos no número 7, faz 16 anos que convivo com minha japa favorita. O CAV era um grande centro de refugiados, provenientes de concursos vigentes e de vários locais longínquos do país; o banzo e pensamento da incerteza de um futuro, foi o segredo para criar uma base forte humana, nos unimos, primeiro focamos em nos fortalecer, em nos organizar. O curso era noturno das 18:30 às 22:00 h, a maioria morava em Recife, organizamos as caronas partindo da reitoria da UFPE; e várias vezes por semana após as aulas íamos jantar ao clone de tilapia e de chope da Peixada do Ailton em Vitória (na época não tinha lei seca, várias aventuras com meu amigo Augusto e seu fusca) ou na Rua Polidoro atrás da UFPE no restaurante Arre Égua e depois incorporamos como base pós-aula a pizzaria Nova Kis.



Erika



Cristiano

Sempre fui uma pessoa muito social, rodeada de amigos, no Brasil, tive muitos colegas, mas poucos amigos. Nunca pensei que aos 40 anos poderia forjar novas amizades, achar amigos reais, mas essa virada do rumo que me depositou em



Xurupita

Vitória, me apresentou a Augusto, Claine, Cristiano, Angélica, Juliana (Xurupita), meus amigos do peito, peças especiais, temos uma cumplicidade única e nos apoiamos sempre, além de Augustinho, Kleber, Emanuel, Érica e André Maurício amigos sempre dispostos. Essas amizades construíram um clima de convívio maravilhoso, onde a gente trabalha com prazer, sem pressões, nem fantasmas, sabendo que contamos sempre com o outro.



Augustinho



Emanuel

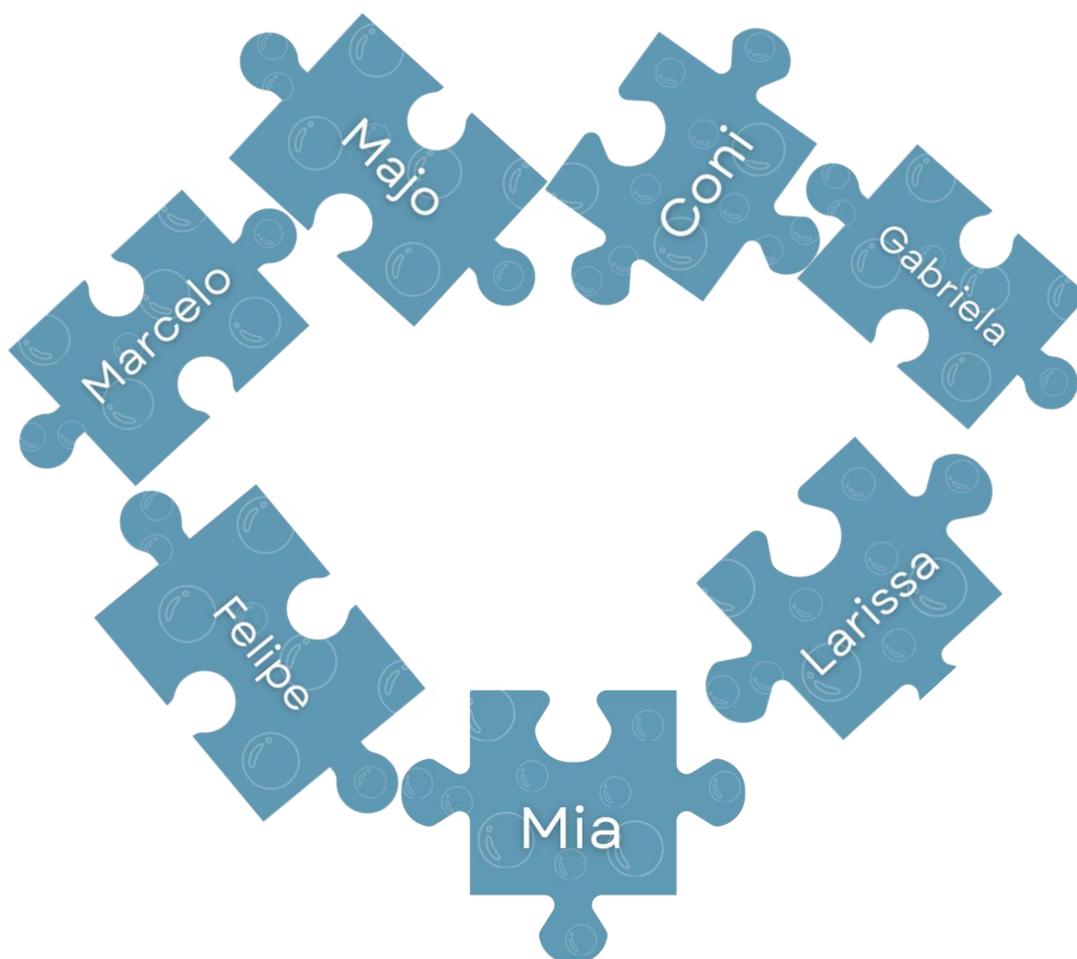


André Mauricio



Kleber

E se falo de amizades não posso deixar de falar de peças muito importantes que tornaram minha vida no Brasil mais aconchegante, é bom se sentir querido, acolhido e apoiado. Uma delas é Jonas, o marido de Andrea, irmã de Paula, parceiro do Galo da Madrugada, é meu casca de bala³⁸; e Bigode, meu primeiro mestrando, um amigo incondicional. E sou muito abençoado por ter um time diferenciado de anjos que sempre me apoiam e torcem por mim, meus sobrinhos, todos bem diferentes, construí com cada um deles uma relação muito especial, conseguimos criar um laço de confiança e cumplicidade, somos *compinches*³⁹ e estou sempre os apoiando e torcendo por eles (Marcelo, Majo, Coni, Gaby, Felipe, Larissa e Mia). Amo vocês!!!



³⁸A expressão é usada para se referir a um amigo próximo, íntimo, que topa qualquer desafio ou comemoração.

³⁹Parceiros divertidos

3. A vida acadêmica

Assim, nesse contexto, construí minha vida acadêmica de professor, a qual irei relatar a partir daqui em forma agrupada por atividade e não mais em forma cronológica para ficar mais organizado. A Constituição Brasileira, em seu artigo 207, estabelece algo chamado de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Isso significa que os professores das instituições de ensino superior devem trabalhar esses três eixos de forma equivalente, e acredito que atendi essa missão, com um balanço nas atividades desenvolvidas ininterruptamente desde que me tornei professor da UFPE.

ENSINO

A primeira turma de biologia do CAV merece uma distinção especial, *Família Canhalidae*, a maioria eram alunos de Recife e criamos uma relação humana muito forte, todos nos conhecíamos, e isso foi incorporado ao curso, foi e é o ponto diferencial com outros cursos, somos uma família, chamamos a todos os alunos por seu nome, não são apenas um número, uma matrícula. Uma coisa que me orgulho é de ter incentivado as aulas de campo, todo semestre tinha uma aula de campo fixa; para se ter uma noção, em Recife cada turma fazia uma ou duas aulas de campo em todo o curso, e nós faríamos no mínimo seis (Taquaritinga do Norte, Tamandaré, Maracaípe, Serra Negra, Buíque, Crato). No Recife, participei da disciplina Sistemática e Biogeografia do Bacharelado de Biologia por seis anos (2001-2006), junto com o Prof. Clemens Schlindwein (um alemão arretado) e a Prof. Luciana Iannuzzi (uma baixinha arretada), e formamos um time arretado logicamente; realizávamos todo semestre aulas de campo, a primeira foi em Buíque, mas depois adotamos Taquaritinga do Norte como padrão. No curso de biologia do CAV eu assumi a coordenação de Sistemática e Biogeografia e dividia a mesma com o Prof. Augusto Santiago e o Prof. Andre Mauricio, e obviamente coloquei a nossa aula de campo do primeiro período para Taquaritinga do Norte. Lá já conhecia a estrutura (no início no Hotel Jorge Eduardo, onde ia com a turma de Recife e depois o Hotel Várzea Grande), nosso guia João "Galego" ou "Jongas" e os locais para visitar, caatinga e brejo de altitude. Inicialmente íamos para a



Pedra da Flexeira, segundo ponto mais alto de Pernambuco a 978 m, mas dado alguns sustos que tomamos, mudamos para a Rampa do Pepê. Além da experiência que outorga as aulas de campo, e o fortalecimento das relações entre os alunos e professores, a dinâmica que construímos no CAV foi de aulas interdisciplinares por período, então a aula não era da disciplina e sim do período. Por exemplo, hoje, Taquaritinga do Norte inclui professores das disciplinas Sistemática e Biogeografia, Fundamentos da Biologia, Estrutura e Dinâmica da Terra e História de Filosofia da Ciências, isto incentiva a ideia de que o curso é integrativo, através de dinâmicas transdisciplinares e não disciplinas isoladas. Nos primeiros anos na área de Zoologia só éramos eu e a Prof. Angélica Uejima, especialista em aves, que iria assumir a coordenação do bloco das zoologias referente a vertebrados, recém no quinto período, mas, na realidade assumiu Zoologia III (Arthropoda) no quarto, e sofreu dividindo comigo Zoo I e Zoo II, onde gentilmente ofereci os temas Protozoa, Nematoda e Lofoforados. As aulas de campo de Zoo I e Zoo II eram em Tamandaré e Maracaípe, respectivamente. Mais tarde criaria a disciplina eletiva Biologia Marinha que ministro de forma concentrada na praia de Serrambi (inicialmente foi em Tamandaré), uma semana com atividades práticas em campo pela manhã e aulas teóricas a tarde. Após o quadro de professores da área de zoologia ficar completo (professores Angélica, Augustinho Menezes, Silvia Schwamborn e eu), assumi a coordenação de Zoologia I, a qual ministro até hoje junto com Sistemática e Biogeografia, Fundamentos da Biologia e Biologia Marinha. Como nosso curso é de licenciatura, criei a iniciativa da SEMATIDAL - Semana de Apresentações de Técnicas Didáticas Alternativas, nesta semana os alunos realizam apresentações usando métodos não convencionais de trabalhos das diferentes disciplinas do curso, geralmente limitados a duas atividades por período. Em Sistemática e Biogeografia, já era um clássico a peça de teatro e em Zoologia I, as paródias musicais; e completavam as apresentações maquetes interativas, jogos educativos, cordéis entre outros. Era uma atividade muito enriquecedora e incentivava a criatividade para ensinar temas de biologia de forma não convencional, e que eles poderiam levar para sala de aula nos seus estágios. Outro diferencial do curso de biologia do CAV em relação a outras licenciaturas, era a estreita relação entre os professores das disciplinas da área da Biologia e as pedagógicas, isso nos

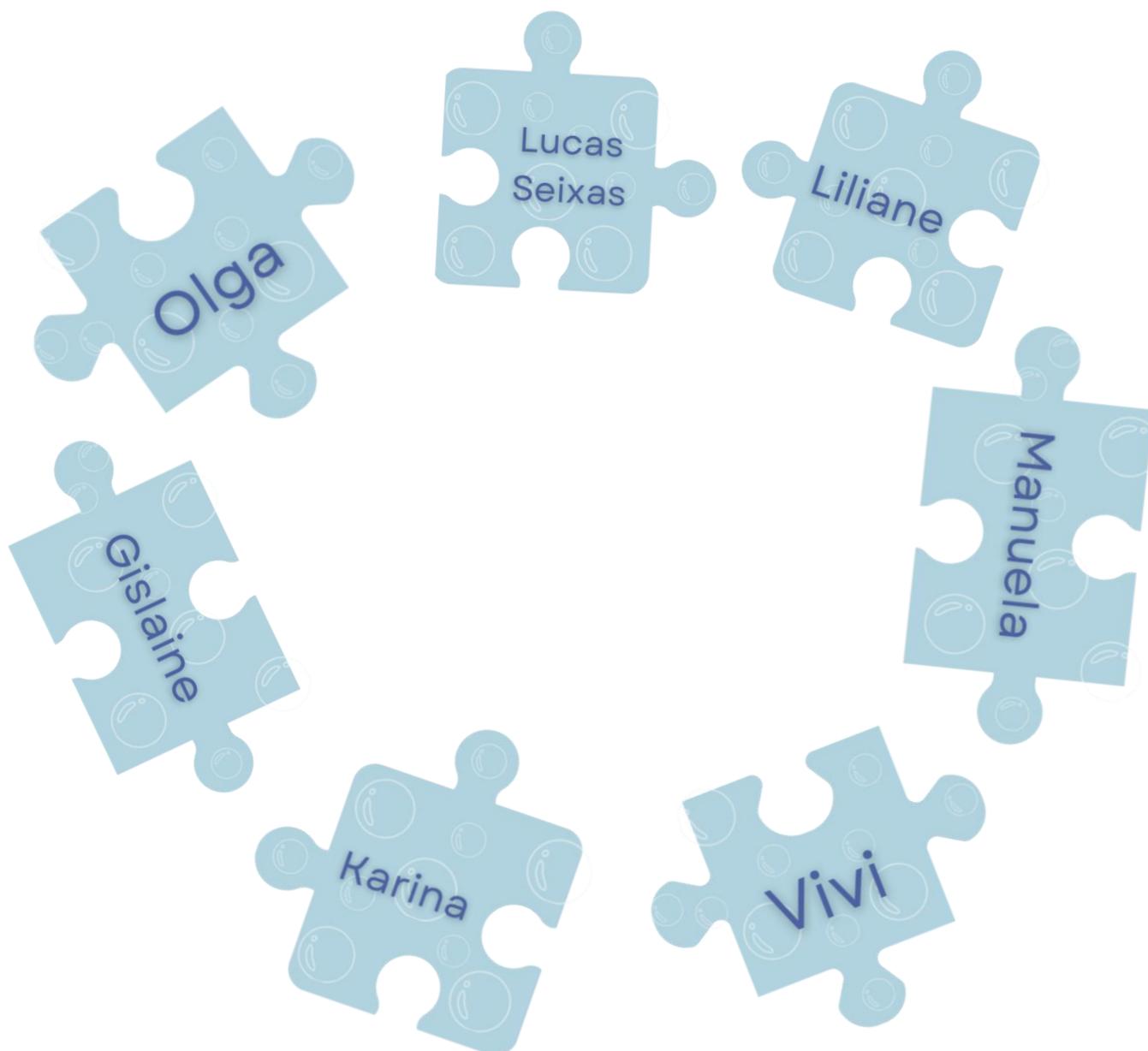
tornou melhores professores, principalmente porque a maioria eramos Bacharéis. Sempre tive um diálogo fluido com os professores Emanuel, Gilmar e Paulo André e me permitiu melhorar minhas aulas, além de que realizei vários cursos de atualização pedagógica ministrados pela UFPE. Aprendi que as aulas não são dadas, as aulas são construídas com os alunos e a avaliação deve ser contínua, não atrelada unicamente a provas escritas. Fui me reinventando ao longo dos anos e hoje construo aulas dinâmicas com os alunos, quero que os alunos procurem o conhecimento, que não tenham medo de errar nem de expressar uma opinião, que defendam suas idéias e que aprendam a trabalhar em grupo. Nesse contexto, uma dinâmica que incentivei em várias disciplinas foi o PBL - Aprendizado Baseado em Problemas; a idéia é lançar um problema e os alunos devem ir atrás das soluções, isto trabalha o espírito crítico, a proatividade e o trabalho grupal. Coordeno a disciplina do primeiro período Fundamentos da Biologia, onde participam mais cinco professores, cada semestre lançamos um problema real que envolve temáticas abordadas por todas as disciplinas do semestre, e através de subprodutos, que apresentam ao longo do período, vão construindo o produto final que entregará uma possível solução, o qual sempre é de um formato diferenciado que eles escolhem (vídeo-documentário, página web, cordel, *Draw mylife*⁴⁰, histórias em quadrinhos, etc).

No ano 2021 foi iniciado o Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, modalidade a distância - EAD, oferecido pelo Pleno dos Cursos de Ciências Biológicas do Centro Acadêmico da Vitória - CAV / UFPE, com o objetivo de formar professores com uma educação inclusiva e com adequada fundamentação teórica-prática na área. Confesso que como nunca tinha tido experiência ministrando aulas na modalidade EAD, demorei um pouco para entender o sistema e achar o método mais adequado para construir o conhecimento com os alunos. Assumi as disciplinas Sistemática e Biogeografia (primeiro período), Zoologia I (segundo período) e Zoologia II (terceiro período). O sistema EAD é outro mundo, um mundo mais frio, sem o contato diário dos olhares dos alunos, dos rostos de preocupação, das risadas envergonhadas; é um mundo solitário que requer muito comprometimento e responsabilidade do

⁴⁰tipo de vídeo do YouTube em que o criador desenha ilustrações em um quadro branco ou tablet enquanto narra a história

aluno, e o professor atua como um orientador, como um facilitador de material para que o aluno consiga chegar até onde ele quiser, só depende dele.

Posso afirmar que hoje sou um professor muito melhor que quando comecei, mas isso é graças aos meus alunos. Tenho uma relação muito especial com eles, falo sua mesma língua, suas gírias, sou mais um deles, isto porque nunca me coloquei como alguém que impõe conhecimento, nunca os olhei de cima, a relação vai além da sala de aula, já fui confidente, conselheiro e amigo. Esses milhares de alunos que construíram milhares de aulas comigo, são peças que me tornaram, não só um professor, mas uma pessoa melhor. E guardo, como medalhas olímpicas, as inúmeras placas de professor homenageado, carícias na alma e ego agigantado.



EXTENSÃO

A extensão universitária sempre foi deixada de lado, e até menosprezada pelos professores, sobretudo por nós, bacharéis; e isso gera um abismo entre a sociedade civil e a acadêmica. O objetivo primordial da universidade é criar conhecimento científico e tecnológico, transmitir o mesmo aos estudantes e divulgar os resultados na comunidade. O objetivo da extensão é criar uma relação entre a sociedade e a universidade. Se o eixo extensionista não funciona de forma adequada, a universidade trabalha como uma bolha endogâmica, gerando conhecimento para ela mesma. Demorei para entender isso, foram bons meus anos de bolsista no campus Recife da UFPE analisando como funcionava o sistema e me preparei para quando fosse professor.

O primeiro projeto que montamos foi o “*Divulgação e melhoria do Zoológico Municipal Melo Verçosa, Município de Vitória de Santo Antão-PE*” no segundo semestre de 2006 coordenado pela Prof. Angélica Uejima, já que o Zoológico não tinha apoio nenhum e só contava com um zelador, Seu Amaro, que trocava palhaçadas com os macacos prego e era atração principal; nós colocamos monitores para acompanhar os visitantes, fizemos oficinas nas escolas para divulgar o zoológico e passar ações de conservação e reciclagem de lixo. No segundo ano compus o projeto, *Conexão Vitoria*, coordenado pelo Prof. César Andrade, com início em julho de 2007 e com a participação de quase todos os professores dos três cursos do CAV (Enfermagem, Nutrição e Biologia), que tinha por objetivo integrar atividades de ensino, pesquisa e extensão, nucleando e agregando ações de segurança alimentar, cultura, educação, saúde e meio ambiente, no município de Vitória de Santo Antão. Foi nosso cartão de visita na cidade, e uma excelente iniciativa para divulgar o que se fazia lá no Alto do Reservatório, a UFPE tinha chegado.

Um dos principais pontos fracos no ensino da biologia das escolas tanto públicas quanto privadas no interior do estado eram as aulas práticas, o contato com os organismos. Mas para isso deveríamos organizar as coleções biológicas no CAV para depois poder auxiliar no ensino das escolas da região. Então decidi unir minha expertise com coleções zoológicas e montei o projeto *As coleções didáticas e sua inserção no Campus de Vitória de Santo Antão da*

UFPE, que coordenei desde 2007 a 2011 apoiado financeiramente pela PROEXT/UFPE e pela excelente iniciativa da PROACAD/UFPE com o Programa de Apoio à Melhoria dos Cursos de Graduação com Funcionamento no Turno Noturno. Conseguimos montar uma boa coleção biológica, e articular com as redes de ensino fortalecendo o estudo das ciências biológicas na região.

Outra iniciativa que coordenei e que me enche de orgulho foi a *Zoologia Multissensorial - uma proposta inclusiva para pessoas com deficiência visual*. A ideia original foi da minha aluna Suellen Tarcyla da Silva (hoje professora da Rede Estadual de Ensino de Pernambuco e do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas-UFPE-CAV-EaD) que eu apoiei desde o início, mas sem saber como colocar em prática. Para implementar a proposta contei com o apoio dos professores da área pedagógica Emanuel e Maria Zélia (professora de libras) e conseguimos realizar um dos projetos mais emocionantes. O projeto tinha duas linhas de abordagem: a primeira focava na criação de modelos e instrumentos didáticos zoológicos para transmitir o conhecimento a alunos com deficiência visual, e a segunda abordagem centralizava na implementação desses instrumentos em escolas com alunos cegos visando a formação dos professores no uso dos modelos criados e testando a viabilidade dos mesmos com os alunos com deficiência visuais. Foi um sucesso graças ao apoio financeiro da PROEXT/UFPE e à visão *holística* da única e incomparável Suellen.

Em duas sessões (2015 e 2017) conseguimos incluir a SEMATIDAL como uma atividade de extensão, levando alunos da rede de ensino pública de Vitória para participarem das atividades interativas apresentadas pelos alunos do curso de biologia do CAV. Nesses momentos eu realmente sentia e vivenciava como deveria ser o fluxo dos três eixos: criar conhecimento com pesquisa, abordar os conteúdos na construção das aulas com os alunos que se tornarão professores, e que eles sejam os condutores do conhecimento para as redes de ensino público e privado, atingindo a comunidade. Ciclo completo, todos os setores da sociedade atingidos com os conhecimentos gerados pela Universidade. E em 2016 montamos uma iniciativa que está ativa até hoje, criada pelo prof. Luis Augustinho Meneses, que justamente tem como objetivo



principal levar o conhecimento as escolas, *Os morcegos vão à escola: aprendendo mais sobre os morcegos e outros bichos*, da mesma participam mais de 30 alunos do curso de biologia, e são realizadas exposições itinerantes pelo estado de Pernambuco, assim como intervenções nas escolas da rede de ensino.

Em 2019 montei o *Projeto Physalis*, originalmente teve início para atender um problema negligenciado no estado de Pernambuco ligado aos acidentes ocasionados com o contato com a caravela portuguesa *Physaliophysalis*. Este animal aparece comumente nas praias do litoral do estado e representa um perigo sério para a saúde dos frequentadores da praia. Através de minhas inúmeras visitas às praias pernambucanas, tanto como turista como com as aulas de campo, fui percebendo que tanto as aparições como os acidentes eram frequentes, e que o desconhecimento sobre o animal, assim como do perigo, era quase total. A pandemia nos obrigou a reinventar os formatos e as dinâmicas, e me submergi no mundo digital das redes sociais, montamos um Instagram (@ProjetoPhysalis) atrelado ao Facebook e posteriormente ao Tik Tok. Bom, “*aramos, dijo el mosquito*”⁴¹, na realidade montei um grupo de alunos incríveis, expertos nas redes sociais e focamos na divulgação dos problemas em um contexto de educação e conservação ambiental. O projeto funciona como uma linha de produção de uma fábrica, com grupo de pesquisa dos temas, de geração de conteúdo, construção do roteiro, diagramação da arte visual e gerenciamento das mídias. Hoje o projeto se ampliou porque percebemos que, assim como a caravela portuguesa, existem outros perigos ocultos, tanto animais como vegetais; assim como organismos etiquetados como perigosos pelo desconhecimento da população.

Nosso grupo de pesquisa, o GPA, também investiu em ações de extensão para divulgar as pesquisas na comunidade estudantil das universidades pernambucanas (alunos de graduação de biologia, ciências ambientais ou afins). As principais foram a SEMANA URTICANTE e o PAPO URTICANTE. A SEMANA URTICANTE como já falei anteriormente, se iniciou em 2005 com o intuito de divulgar as pesquisas com cnidários em

⁴¹ Vem de um ditado popular que dizia “Aramos, dijo el mosquito, al buey que partia el terrón”, referindo-se ao fato do mosquito em cima do boi se responsabilizar por parte do esforço do boi ao arar a terra, e se usa para criticar aqueles que se vangloriam de fazer o trabalho que os outros fazem.

Pernambuco, mas as edições de 2011 e 2019 (realizadas na UFRPE) foram um evento completo, com minicursos ministrados por nossos alunos de pós-graduação, palestras de professores convidados (inclusive de outros estados) e apresentações de trabalhos científicos. Foi uma excelente dinâmica para que os alunos aprendessem a gerir ações extensionistas, desde a sua concepção, passando com a realização e gestão, e prestação de contas e relatórios. Durante a pandemia não queríamos ficar parados e criamos o PAPO URTICANTE, foi uma das experiências que mais me diverti e na qual consegui unir meu lado artístico/humorístico com o científico. O Papo Urticante era uma entrevista realizada via Instagram no modo Live, onde semanalmente batia um papo com algum pesquisador do mundo dos cnidários ou dos ambientes recifais de forma totalmente descontraída, tivemos excelentes papos com professores da USP, da Argentina e até do Canadá.

Realmente ao escrever esta parte do memorial fiquei surpreso e orgulhoso ao mesmo tempo, já que consegui desenvolver um lado que tinha menosprezado, na realidade por minha negligência e real desconhecimento das ações, e entender o valor equânime com os outros dois eixos.

PESQUISA

➤ Projetos coordenados e financiados

Com a construção do Bloco Bela Vista em 2008, obtivemos nosso laboratório de pesquisa, o LABIO - Laboratório de Biodiversidade; um único laboratório para atender as demandas de 10 professores, impossível. O problema do espaço é um tema eterno no CAV. Só funcionava a pesquisa pelos laboratórios satélites de outras instituições onde os professores realizavam as pesquisas. Tempo depois incorporamos o Laboratório de Biodiversidade II, e facilitou a dinâmica, principalmente para os alunos de IC e pós graduação.

No meu caso consegui dar continuidade já que nosso grupo de pesquisa tinha o laboratório de Paula na UFRPE, o LECEM (Laboratório de Ecologia e Conservação de Ecossistemas Marinhos). Com Paula conformamos uma equipe perfeita em todo sentido, mas somos muito bons na elaboração de

projetos, eu sou bom em enxergar o que os editais querem e ela em focar no que realmente podemos fazer. Trabalhamos juntos desde sempre e no que concerne a projetos, posso garantir que tivemos sucesso total, tivemos 17 projetos financiados de forma ininterrupta desde 2004 (9 FACEPE, 5 CNPq e 3 Fundação Boticário). O pano de fundo em todos os projetos que construímos sempre foi a taxonomia, tanto nos ecológicos como nos aplicados (farmacologia e biotecnologia); infelizmente projetos puramente taxonômicos não são aprovados, salvo a saga dos PROTAX- Programa de Capacitação em Taxonomia do CNPq que conseguimos aprovar em 2010 e 2016, este último em uma ação conjunta com a FACEPE. No CNPq seguimos mais o ramo ecológico e na FACEPE mais aplicado, focando nos zoantídeos, principalmente a baba de boi. Justamente o projeto de 2008 (*Estudo ecológico, molecular e farmacológico do zoantídeo Palythoa caribaeorum*) foi de grande importância porque conseguiu nuclear vários pesquisadores do CAV de diferentes áreas e impulsionar as pesquisas no centro, fundamentalmente pela compra de equipamentos e recursos para formar recursos humanos. Minha personalidade sempre foi de agregar pessoas, na família, nos amigos e não poderia ser diferente na pesquisa. Em cada projeto que montamos sempre pensamos nos colegas que podem participar. Acho que o segredo do sucesso é você conhecer suas limitações e procurar quem as pode suprir. Venho da escola *zamponiana* onde os cientistas se achavam donos dos seus grupos. Zamponi achava que só poderiam publicar com cnidários quem trabalhasse com o grupo, caso contrário você estava dando de presente antecedentes curriculares. Minha primeira rixa com Zamponi foi quando quis fazer um estudo filogenético com o gênero *Renillae* procurei o Dr. Federico Ocampo da Universidad de La Plata para participar do artigo, já que eu não sabia fazer as análises. Zamponi falou que Ocampo não poderia ser coautor porque ele só estava fazendo um trabalho técnico, e não houve forma de fazê-lo mudar de opinião, conclusão: publiquei o trabalho em autoria de Ocampo e comprei uma boa briga.

Muitos professores do CAV estavam *melados* com o muco da *Palythoa*, era um desafio porque nenhum tinha trabalhado nunca com bichos do mar, e participaram de vários projetos. Denominei informalmente de *Projeto Palythoma*, porque atacamos a baba de boi de todos os lados, molecular (Jose

Eduardo Garcia), histológico (Cristiano Chagas e Erika Freitas), bioquímico (Jeanne Claine Modesto e Peter Falcão), farmacológico (Noêmia Santos), ecológico (Andre Mauricio Santos), bactérias associadas (Christine Lamenha), estresse oxidativo (Mariana Fernandes), genotoxicidade (Cristiano Chagas) e com certeza eu estou esquecendo de alguém.

Assim foi como coordenei meu primeiro projeto de cooperação internacional, no marco do Edital do CNPq de Cooperação Internacional - Convênios Bilaterais, com a Universidade de Aveiro em Portugal (*Adaptação e sobrevivência a estresse ambiental em ecossistemas Temperado e Tropical*), através do qual visitamos a universidade portuguesa para fortalecer as parcerias e nos empanturrar de frutos de mar (nunca vi tentáculos de polvo tão grandes!!!). Outro projeto que nos abriu muitas portas foi a criação de umas das redes nacionais de biotecnologia marinha. Em 2013 o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação – MCTI e o CNPq lançam um edital cujo objetivo geral era selecionar propostas para apoio financeiro a projetos de pesquisa científica e tecnológica e de inovação que visem estruturar uma Rede de Pesquisa em Biotecnologia Marinha com a finalidade de investigar potenciais usos de bioativos obtidos de organismos marinhos presentes na Zona Costeira e no Oceano Atlântico Sul e Tropical. A proposta devia estar constituída por um Projeto Integrado em Rede de Pesquisa em Biotecnologia Marinha de âmbito nacional, no qual no mínimo deveria ter três Projetos de Pesquisa Associados, provenientes de instituições executoras distintas e sediadas em ao menos duas Unidades da Federação. A priori parecia um edital fora do nosso escopo, mas incorporei meu alter ego Rambo, e montei o Projeto em Rede, *Bioreef - Bioprospecção de compostos bioativos de organismos recifais com potencial aplicação biotecnológica*, com quatro projetos associados: 1. *Taxonomia e ecologia de poríferos e cnidários bentônicos com potencial aplicação biotecnológica* (coordenado por mim), 2. *Bioprospecção de produtos naturais de interesse biotecnológico em micro-organismos e clones metagenômicos associados a cnidários bentônicos, poríferos e sedimento de mangue* (Dra. Rachel Passos Rezende, UESC/BA), 3. *Bioprospecção de peptídeos e proteínas farmacologicamente ativos em cnidários recifais* (Dr. Gandhi Radis, UFC) e 4. *Busca de metabólitos secundários bioativos a partir de organismos recifais com potenciais atividades citostática, anti-herpética,*

antiprotozoária, antibacteriana e antifúngica (Eloir Schenkel, UFSC). Fomos uma das quatro Redes aprovadas, isto fortaleceu as parcerias, a formação de recursos humanos e me permitiu conhecer muitos pesquisadores do país, o que rendeu seus frutos, já que anos depois por iniciativa do CNPq, em julho de 2018, se cria Rede Nacional de Pesquisa em Biotecnologia Marinha (BiotecMar) da qual fazemos parte, integrando iniciativas em conjunto tanto em projetos como em publicações científicas. Alguns exemplos são a minha participação em 2019 do projeto PROANTAR/CNPq coordenado pelo Dr. Fabiano Thompson (UFRJ) ou em 2020 no Programa PELD (Pesquisa Ecológica de Longa Duração) da costa amazônica coordenado pelo Dr. Nils Asp (USPA). Também consegui perfumar minhas pesquisas entrando no mundo da Fundação Grupo Boticário coordenando três projetos, com temas inovadores; dois deles visando a conservação e restauração de corais e outro com o uso de drones para levantamento de dados ecológicos. Após alguns anos, consegui fazer algo que desejava faz tempo, restabelecer o contato científico com a Argentina. Foi a partir do convite de meu amigo o Dr. Gabriel Genzano em 2016 para participar do projeto sobre o levantamento do bentos do Banco Burdwood, localizado ao sul das Ilhas Malvinas, coordenado pela Dra. Laura Schejter (INIDEP), que teve continuidade através do projeto *Poríferos y cnidarios: distribución, biodiversidad y relevancia en las comunidades bentónicas del Atlántico Sudoccidental* aprovado em 2021 e financiado pelo CONICET, que me permitiu fazer um estágio pós-doutoral em 2023 com bolsa da CAPES no âmbito Programa Institucional de Internacionalização - PrInt ligado ao programa de pos-graduação em Biologia Animal da UFPE. .

No ano de 2020, tínhamos planejado realizar nosso tão sonhado pós-doutorado no Smithsonian Institution em Washington D.C., Paula com anêmonas e eu com os octocorais. Obviamente devem estar se perguntando, sério 2020???? Obtive uma bolsa da Capes (PrInt-PPGBA/UFPE) e em fevereiro de 2020 fui para Washington, Paula iria em março com nossa cachorra Nina e ficaríamos um ano. Meu supervisor, o Dr. Stephen Cairns me recebeu na sua sala no National Museum of Natural History, sim o museu do *Tyrannosaurus rex* do filme *Uma noite no museu*. Não acreditava que iria ficar um ano trabalhando NO Museu, meu sonho de criança; e só ficou melhor quando fui ver as coleções de corais que ficavam em um anexo do Museu, o

Museum Support Center. Se bem não tinha o romanticismo do cheiro secular e a névoa empoeirada, a organização e, principalmente, a quantidade de material disponível era um elixir para qualquer taxonomista. Sentia-me em um supermercado, andando pelos corredores com um carrinho pegando os lotes que desejava. No primeiro dia demorei quase duas horas entre as prateleiras, até que o Dr. Cairns apareceu e falou “Are you ok?” e eu respondi “Terrific”. Mas... literalmente ficou terrorífico, a pandemia chegou, por sorte antes de Paula ir com Nina, e meu sonho de criança virou um pesadelo, e em 21 de março consegui voltar ao Brasil, meu *pós-doc* durou 44 dias, foi quase igual ao filme, uma noite. Mas essa noite rendeu um paper e bons contatos, voltaremos em breve.

➤ **Formação de recursos humanos**

A formação de recursos humanos é uma tarefa que implica uma grande responsabilidade, já que o que acarreta a palavra “formação” envolve guiar uma pessoa no caminho que você a vai orientar. Os professores seriam o *Wazedo* caminho acadêmico dos alunos, já que eles escolhem o destino e nós ensinamos o rumo. As pessoas nascem com uma capacidade definida, seríamos como garrafas com um volume certo, e ao longo da vida vamos enchendo com experiências e conhecimentos que vamos adquirindo, a capacidade não está diretamente atrelada a inteligência, por exemplo uma pessoa inteligente poderá fazer alguma tarefa com menos capacidade que outra; mas se você tem a garrafa quase vazia dificilmente consiga usar sua inteligência para resolver algum problema, já que não vai ter as ferramentas que só se obtém com a experiência. Ah, e outra questão é como você enche a garrafa, a qualidade das experiências e conhecimentos é fundamental, porque o volume que você tem é fixo, não pode se dar o luxo de desperdiçar capacidade. Então, a tarefa do orientador, do formador de recursos humanos é tentar injetar qualidade nas garrafas dos alunos, para que se tornem capazes de decidir com melhor qualidade as soluções aos infinitos problemas que irão enfrentar, não só no mundo acadêmico, mas na vida. Fácil né? No meu caso os alunos são filhos que escolhi, o momento mais importante quando decido orientar um aluno é o primeiro encontro, os primeiros segundos; se não sinto uma ligação, uma empatia, esse *feeling* que dá uma sensação de confiança

indescritível, a relação não vai vingar. Porque o mais importante na orientação é ter um bom relacionamento, o trabalho se aprende, o caráter não.

E isto o levamos quando formamos nosso grupo de pesquisa, o GPA; onde criamos um clima descontraído de trabalho, sempre tentei levar alegria por onde passei e achar o momento justo para colocar uma piada ou tirar onda para colocar leveza em todas as ações. Os alunos sempre se estressam com pequenos problemas e sempre tentei tirar essa pressão, inculcando que a ciência é um caminho de erros e acertos, e tinham que aprender a lidar com isso. Formamos uma colônia forte, unida, em base a amizade e trabalho de qualidade, onde todo ano era sagrado nosso churrasco do GPA com o tão esperado *choripan*⁴², iguaria argentina que incorporei no cardápio de todo aluno que passou pela minha orientação.

Na nossa concepção o ideal de um grupo de pesquisa é apontar a formação de uma pirâmide de geração de conhecimento, onde a base deve ser mais larga, e lá se localizam os alunos de iniciação científica, os estagiários, os bolsistas PIBIC; o segundo degrau seriam os mestrandos; o terceiro os doutorandos; o quarto os pós doutorandos e no ápice os líderes do grupo. Claro que para atingir esse nosso ideal é preciso tempo.

Antes de assumir o cargo de professor já tinha orientado 10 alunos de iniciação científica e seis TCC no Depto. de Zoologia da UFPE (no âmbito de minha bolsa de Pesquisador Visitante da FACEPE); e estava no PPGBA desde 2005 orientando dois mestrandos, e posteriormente em 2009 ingresso a PPG em Saúde Humana e Meio Ambiente (primeiro programa de pós-graduação no campus do interior do estado de Pernambuco) e em 2017 no PPG em Biodiversidade (UFRPE).

Um fato importantíssimo na formação dos alunos foi o apoio que sempre obtive das instituições para a outorga de bolsas, todos meus alunos tanto de iniciação científica quanto de pós-graduação sempre tiveram bolsa; obviamente ajudado por minha proatividade na procura delas, é importante destacar o apoio econômico da FACEPE (9 IC, 9 Mestrado, 3 Doutorado), CNPq (15 IC, 1 Mestrado, 2 Doutorado, 1 Posdoc), CAPES (11 Mestrado, 1 Posdoc), UFPE (15

⁴² Tradicional sanduíche de churrasco argentino feito de linguiça grelhada, pão e o clássico molho chimichurri (salsinha picada, orégano, pimenta moída e alho picado misturados com vinagre e óleo vegetal)

IC) e Fundação Boticário (2 IC), para investir recursos para formar recursos humanos.

Basicamente tenho três linhas de formação:

1. **Sistemática e Taxonomia.** Foco prioritário nos octocorais (10 IC, 2 Monografias, 3 Mestrado, 1 Doutorado), mas também formei em zoantídeos (1 IC, 1 Mestrado) e hidróides (4 IC, 1 Mestrado, 1 Doutorado).
2. **Ecologia.** Estudos diversos (fauna associada, crescimento, biologia reprodutiva, ecologia trófica) com octocorais (*Carijoa riisei*) (3 IC, 1 Monografia, 7 Mestrados, 1 Doutorado) e zoantídeos (*Palythoa caribaeorum*) (1 IC, 1 Monografia, 3 Mestrado, 1 Doutorado), também com comunidades bentônicas recifais (10 IC, 2 Monografia, 4 Mestrado e 3 Posdoc) e conservação de corais (2 Mestrados).
3. **Farmacologia.** Diversas abordagens utilizando como espécie alvo *Palythoa caribaeorum* (toxicologia, microbiologia, bioquímica, atividade biológica) (2 IC, 2 Monografia, 3 Mestrado)

Meu primeiro aluno de IC do CAV foi David Rodrigues de Oliveira, bolsista PIBIC FACEPE. Finalmente conseguiria formar um taxonomista em octocorais. Posteriormente faria o mestrado, e junto a Bárbara Neves (mestrado) e Ralf Cordeiro (mestrado, doutorado e professor), fortaleceria a linha de sistemática e taxonomia de octocorais. A linha de taxonomia e ecologia de zoantídeos a assumi em parceria com Paula, pela similaridade com as anêmonas, e investimos nessa área já que não tinha nenhum taxonomista do grupo no Brasil e era dominante nos recifes costeiros. E os hidróides??? Isso merece uma explicação, já que o GPA é Grupo de Pesquisa em **Antozoários**, discriminamos as medusas!! Se bem já tinha tido um namorico fugaz e inconsequente lá em 2005, não estava nos meus planos incluir os hidróides nas minhas linhas de pesquisa. Mas aí chegou um cara muito alto, gente fina, Felipe Ferreira Campos que bagunçou minha vida, e criou o grupo pária GPH, para quem curte o seriado *Game of Thrones*, nosso *John Snow*. Com o apoio do papa dos hidróides no Brasil, o Dr. Antonio Carlos Marques, o Tim, encarei continuar o estudo dos hidróides do Norte-Nordeste que tinha começado a Dra. Elga Mayal (já aposentada), e assim Felipe fez o doutorado

com taxonomia de hidróides e fortaleceu essa linha com a formação de estagiários, mestres e doutores.

Uma coisa que sempre tive claro era que as bolsas dos alunos eram para seus gastos, para sua subsistência, e era minha responsabilidade garantir a viabilidade dos projetos indo atrás de recursos. Então os projetos financiados foram fundamentais para poder realizar a formação dos recursos humanos e um dos programas que permitiu alavancar a formação acadêmica dos alunos foram os editais PROTAX-Programa de Capacitação em Taxonomia, os quais coordenei em 2010 e 2016. Deu um gás nas bolsas que eu tinha disponíveis e permitiu injetar mais recursos e aumentar o número de orientandos.

Por último tem outra via de formação de recursos humanos que vai de mãos dadas com a docência, são as monitorias. Em todas as disciplinas que coordenei (Sistemática e Biogeografia, Zoologia I e Fundamentos da Biologia) sempre tive monitores bolsistas e voluntários. A monitoria não é uma simples atividade de apoio pedagógico para o professor, ela tem como objetivo desenvolver habilidades técnicas e teóricas, favorecendo o aperfeiçoamento acadêmico. Procuo incentivar nos monitores o espírito crítico, a discussão aberta, a oferta de idéias novas e dinâmicas diferentes, e a participação em todas as atividades da disciplina que participam.

Fazendo um balanço das orientações (tanto concluídas como em andamento), percebo que a tendência piramidal de nosso ideal foi atendida: 47 IC, 30 mestrados, 10 doutorados, 3 posdoc.

➤ **Participação em Congressos e Eventos Científicos**

Os eventos e congressos têm a finalidade primária de divulgar o conhecimento gerado, mas também de estreitar vínculos entre os pesquisadores e formar parcerias, e como objetivo oculto conhecer novos locais. Este objetivo é inversamente proporcional ao tempo de carreira, quanto mais velho você é, você escolhe o evento mais pelo local que pelo tema.

Um dos congressos que adotei como o evento para divulgar minhas pesquisas foi o COLACMAR (Congreso Latinoamericano de Ciencia sdel Mar), e foi uma excelente escolha já que na terceira participação conheci a Paula, mas essa história já contei para vocês. O COLACMAR é o evento internacional mais importante das Ciências do Mar na América Latina que se desenvolve a

cada 2 anos e que alternava, no início, uma edição no hemisfério norte e uma no sul, hoje em dia depende da oferta do local que quer organizar.

Particpei de forma presencial de nove edições e em quatro particpei de trabalho apresentado por colegas. Quando analisei minhas participações, as mesmas se explicam perfeitamente olhando o contexto pessoal. O primeiro COLACMAR, foi a IV edição realizada em 1991, que fui como aluno sem apresentar trabalho, meu primeiro trabalho o apresentei no de 1993 em La Paz, México e 1995 o COLACMAR realizado em Mar del Plata, Argentina. Nas edições de 97, 99, 2000 e 2003 não particpei, só apresentei trabalhos que foram expostos por outros colegas, isto se explica porque no ano 96 nos casamos e chegou Macarena e em 2000 Thiago e, como falei, o tempo era exclusivamente deles, e tínhamos alguns apertos econômicos. Retorno a saga em 2005, e aí engatei cinco em fila, 2005 Viñadel Mar, Chile; 2007, Florianópolis; 2009, La Havana, Cuba; 2011, Camboriú; 2013, Puntadel Este, Uruguai e 2015, Santa Marta, Colômbia. Em 2017 foi novamente realizado em Camboriú, e aí perdeu a graça. Três desses COLACMARes merecem distinção especial, o de 96 Mar del Plata, por razões óbvias; o de 2011 realizado em Camboriú, foi o GPA em peso, fomos 18 integrantes!!! Invadimos o COLACMAR apresentando 13 trabalhos científicos; e o de 2013 foi importante porque se realizou o Primeiro Simpósio Latinoamericano de Cnidaria, ao qual fui convidado e realizei quatro apresentações orais.

Uma coisa que vale a pena destacar, e tem a ver com decisões pessoais que seguem meus princípios, nunca gastei um real de meu bolso em nenhum congresso ou evento que particpei, salvo os da **Era Sem Paula**, onde investia minha bolsa na minha formação; os demais sempre foram bancados com ajudas que solicitava no CNPq, FACEPE, CAPES ou UFPE, ou de projetos financiados.

No meu *lattes* constam 75 resumos simples e 30 resumos expandidos publicados em anais de congressos, mas tem eventos que valem a pena destacar, tanto pela importância como pelos locais onde foram realizados.

Em 2013 é realizado em Eilat, Israel, o 8th International Conference on Coelenterate Biology. Eu tinha participado do VI em 1995 realizado na Holanda e o VII foi o de Kansas em 2003, ao qual não consegui participar por falta de recursos, mas igualmente organizei junto com o Dr. Carlos Sanchez o I

Workshop Internacional de Octocorais. Nesta edição fui convidado pelo presidente do evento, o Dr. Yehuda Benayahu, para participar do Comitê Científico Internacional e de assumir como Moderador da Sessão Biodiversidade, Sistemática e Filogenia - Bentos, com, nada mais e nada menos, a Dra. Daphne Fautin (a mesma que em 2003 tinha me proposto a organização do Workshop em Kansas), uma eminência no mundo dos hexacorais. Nessa sessão fui convidado a ministrar uma palestra referente a resultados inéditos, fruto do doutorado de meu aluno Ralf Cordeiro, sobre a descoberta de corais na foz do Rio Amazonas, "*Evidence of mesophotic reef environments in front of the Amazon River mouth (Northern Brazil)*", o que geraria uma publicação de altíssimo impacto na comunidade científica e abriria um leque imenso de novas pesquisas na região. Uma resenha muito boa foi durante a minha palestra, eu não tenho inglês fluente, para falar desenrolo mas tenho dificuldades para entender bem, mas lido muito bem com isso. No congresso estava junto com minha aluna Bárbara que estava fazendo o doutorado no Canadá com taxonomia de octocorais e ela me ajudou bastante no dia prévio, treinando a apresentação. No dia apresentei e o problema foi no momento das perguntas, nesse momento Bárbara tinha ido ao banheiro e um americano levanta a mão e lança uma pergunta, "*Excuse me, can you repeat the question?*" falei calmamente, e obviamente o empático americano falou do mesmo jeito, então falei "perdão, tem alguém na sala que fale espanhol?" tinha umas pessoas na platéia de grosso bigode e apostei que seriam mexicanos, bingo!! Um deles levantou a mão, "*Você poderia me traduzir a pergunta do senhor?*" perguntei. Assumi que seria meu tradutor oficial e consegui responder, bah ele, todas as perguntas; as quais foram muitas já que a novidade de achar corais na foz do Amazonas instigou a curiosidade de grande parte da plateia. Além de apresentar cinco trabalhos do GPA na sessão de pôster e deixar nossas pesquisas visíveis na comunidade de cnidariólogos internacionais, esse congresso me permitiu mergulhar no Mar Vermelho, flutuar no Mar Morto, visitar a cidade de Jerusalém e andar de dromedário na Palestina.

Outro evento especial, que conseguimos ir juntos, Paula e eu, foi o 15th Deep Sea Biology Symposium realizado na cidade de Monterrey na Califórnia, lá apresentei dois trabalhos, conhecemos São Francisco e viajamos de carro

pela Rute 66. No evento me reencontrei com o Dr. Gary Williams, pioneiro do estudo das penas do mar que tinha conhecido na Holanda, com o qual voltaria a trabalhar durante meu breve *pós-doc* em Washington e escreveria um capítulo de livro e publicaria um artigo em coautoria.

E por último o melhor exemplo da estratégia de Rambo. No início de 2019 recebi um email me convidando a um evento a ser realizado na cidade de Qingdao na China, mas o mais surpreendente era o tema do evento, International Conference on Genomics-Ocean (ICG-Ocean). Fiquei sem entender o convite, mas coloquei a faixa vermelha na testa e segurei a metralhadora M60, e respondi que estava interessado e que poderia oferecer uma palestra sobre "*Coral reefs: a living pharmacy*". Conclusão: fui convidado com todas as despesas pagas para dar uma palestra e ficar quatro dias na China, mas quatro dias voando, conheci meu sétimo mar, o Amarelo, comi medusas, além de fazer amizade com Bin, meu fiel cicerone.

O Centro Latino-Americano de Biotecnologia - CABBIO impulsiona suas atividades por meio de chamadas públicas lançadas simultaneamente no Brasil, na Argentina e no Uruguai. No nosso país, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação - MCTI, com o apoio do CNPq, é responsável pela elaboração dos chamamentos públicos para projetos de pesquisa científica, tecnológica e/ou de inovação e projetos de cursos de curta duração na temática de biotecnologia. Em 2010, o Dr. Gandhi Radis (Labomar/UFC) me convida para participar no Curso de curta duração "*WorkTox III: métodos moleculares para investigação da diversidade química e toxicológica de organismos marinhos e terrestres com potencial de aplicação em Biotecnologia*" que seria realizado no Instituto de Ciências do Mar da Universidade Federal do Ceará; nos dois anteriores o foco eram organismos terrestres e dada nossa parceria em alguns trabalhos de bioquímica com a *baba-de-boi*, me convidou para organizar a parte marinha. O diferencial desse curso era a parte prática, os alunos podiam levar suas amostras e trabalhar elas junto com os professores, e também o contato sempre enriquecedor com alunos de outros locais como Uruguai e Argentina, e em 2012 (WorkTox IV) foram paraguaios e colombianos também.

O ano 2007 foi um ponto chave no impulso da biotecnologia marinha no Brasil, fui convidado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia e a Comissão

Interministerial para os Recursos do Mar para a Oficina de Trabalho para a elaboração de uma Proposta Nacional de Trabalho do Programa de Levantamento e Avaliação do Potencial Biotecnológico da Biodiversidade Marinha (BIOMAR), constante no VI Plano Setorial para os Recursos do Mar (PSRM). Estivemos reunidos na Escola Naval do Rio de Janeiro durante três dias (9-11 de maio) trabalhando em grupos temáticos, avaliando o potencial biotecnológico dos organismos marinhos existentes nas áreas marítimas brasileiras, visando fazer um plano de uso sustentável dos ecossistemas e a proteção da diversidade biológica. Isto foi a base para o lançamento futuro da iniciativa do MCT junto ao CNPq, da criação de redes nacionais de biotecnologia (2013) que culminou com a formação da Rede Nacional de Pesquisa em Biotecnologia Marinha - BIOTECMAR em 2018, da qual fazemos parte.

Em 2019 foi criada a rede latinoamericana de pesquisadores que trabalham com cnidários, Latin American Cnidaria Network - LA CNIDA e nosso grupo GPA é participante ativo da Rede. Em 2020 se realizou o evento virtual “Estudios de cnidarios en Latinoamérica”, tendo como lema “¿Qué hacemos loscnidariólogos de Latinoamérica?”, e nosso grupo participou ativamente com palestras e rendeu novas parcerias.

➤ **Produção bibliográfica**

Nunca enxerguei as publicações científicas como a causa da realização de um projeto. As pressões atuais por métricas às vezes distorcem a dinâmica lógica de uma pesquisa, e pretendem que incluamos a vidência como parte do processo científico, inferindo o número de *papers* que o projeto vai produzir. Sinceramente não concordo com o sistema científico atual, onde os números ganham das idéias. O processo científico tem duas coisas que não podem ser negociadas: tempo e erro. A ciência se baseia nos erros, porque são os erros que melhora a pesquisa, mas sem tempo você não pode errar, e se não erra não avança. Isso faz com que cada vez tenham menos projetos inovadores, porque você não pode arriscar, se constroem projetos endogâmicos que não saem da zona de conforto do pesquisador para garantir os números previstos. Não podemos cortar as asas da criatividade e inovação dos nossos alunos, temos que incentivar essa coragem de tentar.

Não estou falando que publicar não é bom, lógico que é. Me lembro quando publiquei meu primeiro trabalho, recebi o pacote com as 50 separatas (antigamente não existia PDF, após o trabalho ser publicado você recebia um número de cópias do trabalho) da Revista Miscel-lània Zoológica (hoje Animal Biodiversity and Conservation de Barcelona, Espanha). Senti que tinha conseguido, saber que meu trabalho tinha sido avaliado e aceito, foi o *10! Felicitado* que as tias colocavam nas provas da escola primária. E cada vez que algum trabalho era aceito no laboratório de Mar del Plata, e a secretaria avisava que tinha correspondência, corria como um menino para ver se algum pacote dizia Carlos Pérez. Eram outras épocas, mais românticas, onde o cientista era quase um naturalista, pesquisávamos por curiosidade, por querer saber, descobrir, não por um número. Não fazia ciência pela separata, a separata chegava pela ciência.

Hoje conto com 80 publicações científicas e oito capítulos de livros, são quase 30 anos desde minha primeira publicação em 1995, isso dá uma produtividade de 2,76 artigos por ano, nada mal. Claro que se faço o cálculo da minha produtividade a partir de 2005, que foi quando ingressei em uma pós-graduação, essa produtividade aumenta para 3,37. Mesmo assim, só consegui a tão ansiada Bolsa de Produtividade do CNPQ no ano 2012, e vinha tentando desde 2007. Obtive o nível PQ N 2 nos períodos 2012-2015 e 2018-2026, incrivelmente no período em que fiquei sem bolsa foi subsequente ao meu melhor ano de produção, 2015 com oito trabalhos e um capítulo de livro.

Mais da metade das minhas produções (45) são com taxonomia e isso reflete claramente a minha linha principal de pesquisa. Obviamente cobram destaque dentro desse grupo as descobertas de novas espécies, foram 14 trabalhos com 18 novas taxa descritos (**ver MyPrecious**). A indicação de que um espécime corresponde a uma espécie ainda não descrita, é uma responsabilidade e requer poder de decisão, e, principalmente, estar convencido da novidade; só assim você poderá justificar sua descoberta. Percebo na maioria de meus alunos taxonomistas o medo por trás dessa descoberta, *e se não for nova? e se a gente errou na identificação?*, a estes questionamentos eu respondo, *você fez tudo o que estava no teu alcance? esgotou todas as possibilidades?*, caso positivo confie em você e deixa a comunidade científica avaliar nossa descoberta; e termino com minha sessão

de *coaching* acadêmico, e se você errou, sabe por que errou?, porque você tentou e disso se trata a ciência.

Um dos pontos mais românticos quando você descreve uma nova espécie, é a parte de atribuir um nome ao novo táxon. Quando Linnaeus falou em 1758, o *nomen est* (em latim o nome é), e criou a nomenclatura binominal, se referia a que os nomes das espécies não necessariamente deveriam refletir características da mesma, já que o nome só é um nome. Então ficamos livres de atribuir o nome que a gente queira a nossas descobertas, e eu incentivo isso para não cair na mesmice de colocar epítetos específicos comuns como *brasiliensis*, *atlantica*, *americana* que posteriormente podem causar homônimas. Geralmente opto por colocar o nome fazendo referência a alguma característica diferencial da espécie ou homenageando alguém. Ter seu nome imortalizado em um coral é demais, ne? Minha primeira homenagem foi em 2005, e foi para ela, Paula, um coral negro, uma joia das profundezas marinhas do Arquipélago de São Pedro e São Paulo, *Tanacetipathes paula*, o coautor era meu aluno Diego “Bigode” (fruto de seu TCC) e fico feliz com minha escolha já que: *quem nao gosta de Paula??* Minha segunda homenagem foi para o Dr. Clovis Barreira e Castro (UFRJ) em 2012, pioneiro nos estudos de octocorais na América do Sul e que me ajudou muito nos meus inícios (mandou uma cópia com fotos originais de sua tese por correio), foi uma pena-do-mar da costa de Pará, *Sclerobelemnon castroi*, fruto do mestrado da minha aluna Bárbara Neves. Em 2017, o hoje Professor Ralf Cordeiro (UFRPE) se encontrava no Smithsonian Institution fazendo o seu doutorado sanduíche com a supervisão do Dr. Stephen Cairns, e um dos lotes que analisou, resultou ser uma nova espécie do octocoral *Radicipes* da costa do Alaska, e a batizamos *R. stonei*, em homenagem a Robert P. Stone, autoridade na taxonomia de esponjas e corais da região do Alaska. Uma homenagem que fiz questão de fazer foi a Dra. Laura Schejter (INIDEP, Argentina), pelo incrível trabalho que realizou gerenciando as campanhas oceanográficas e o material coletado durante vários anos na região do Burdwood Bank, e com a qual fiz uma parceria fantástica com vários frutos científicos, o octocoral que descrevi em parceria com o Dr. Ralf Cordeiro foi *Ideogorgia laurae*. E minha última homenagem foi em 2020 nomeando uma espécie de hidroide da costa de África do Sul, lote achado por meu aluno Felipe Ferreira Campos no Zoologisk

Museum, University of Copenhagen, Dinamarca (ZMUC), durante seu doutorado sanduíche realizado na Itália. A espécie foi nomeada como *Zygophylax naomiae*, em honra a Dra. Naomi A. H. Millard, uma das fundadoras da Zoological Society of South Africa e autoridade mundial na taxonomia de hidróides.

Mas também tive o orgulho de sentir o efeito contrário, de eu ser o homenageado. Meu aluno, já doutor, Ralf Cordeiro se tornou o editor do World Register of Marine Species (WoRMS) e revisando os catálogos achou uma homonímia em uma espécie de octocoral da costa de Djibouti na África e a renomeou como *Dendronephthya perezii* Cordeiro & Ofwegen, 2018. Além do orgulho de ser homenageado, senti que o ciclo tinha se completado, aquele aluno que orientei no mestrado e no doutorado, agora doutor, e posteriormente professor, me homenageava sendo o editor de octocorais do banco de dados mais importante para organismos marinhos. Trabalho feito, dever cumprido.

Uma das coisas que me incentiva a trabalhar com taxonomia, a identificar e descobrir as identidades, é que reflete a responsabilidade do taxonomista, é algo que uma vez me falou minha aluna Bárbara Neves, enquanto realizava seu mestrado com octocorais de várias coletas realizadas por campanhas oceanográfica. Se investem milhões em missões para coletar material que depois fica, muitas vezes, jogado em tonéis de formol ou álcool guardando preciosos dados da biodiversidade brasileira; com nossas publicações contribuimos para aumentar o conhecimento dos cnidários bentônicos do Atlântico Sul Ocidental, e, como falei no início deste memorial, continuarei tentando tirar os véus que escondem os segredos do mar.

➤ **Myprecious**

Tive a honra de descobrir 14 espécies de octocorais (com a descrição de um gênero), um coral negro e dois hidróides.

Octocorais

Renilla musaica Zamponi & Pérez, 1995

Renilla octodentata Zamponi & Pérez, 1995

Stylatula polyzoidea Zamponi & Pérez, 1996

Renilla tentaculata Zamponi, Pérez & Capitoli, 1996

Lignopsis Pérez & Zamponi, 2000

Lignopsis spongiosa Pérez & Zamponi, 2000

Sclerobelemnon castroi Neves & Pérez, 2012

Callogorgia americana Bayer, Cairns, Cordeiro & Pérez, 2014

Callogorgia arawak Bayer, Cairns, Cordeiro & Pérez, 2014

Chrysogorgia tuberculata Cordeiro, Castro & Pérez, 2015

Chrysogorgia upsilonia Cordeiro, Castro & Pérez, 2015

Radicipes kopelatos Cordeiro, Castro & Pérez, 2015

Radicipes stonei Cordeiro, Cairns & Pérez, 2017

Ideogorgia laurae Pérez & Cordeiro, 2019

Plexaurella rastrera Cordeiro, McFadden, Sánchez & Pérez, 2021

Corais negros

Tanacetipathes paula Pérez & Costa, 2005

Hidróides

Zygophylax kakaiba Campos, Marques, Puce & Pérez, 2016

Zygophylax naomia Campos, Pérez, Puce & Marques, 2020

➤ **Inovação**

Na área de Inovação, um dos resultados mais interessantes no qual contribuí foi com a patente de um processo fermentativo para produção de toxina por uma cepa marinha da bactéria *Bacillus thuringiensis* isolada do muco de *Palythoa caribaeorum* com potencial efeito larvicida contra o *Aedes aegypti*. O total mérito desta patente foi de minha eterna aluna Liany Figueiredo Melo que começou a trabalhar com o muco de *Palythoa caribaeorum*, a baba-de-boi em 2004, fez seu TCC, mestrado e doutorado, lutando diariamente contra a

difícil arte de lidar com o muco da baba-de-boi, e em 2017, em colaboração com a Dra. Christine Lamenha (Laboratório de Bioprocessos, CAV), conseguimos o registro da patente no INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial.

No ano 2018 a Fundação Grupo Boticário aprova o projeto *“DronEco: Protocolos operacionais de veículos aéreos não tripulados (VANTs) em benefício da conservação de ambientes recifais”* que visa desenvolver metodologias inéditas e não destrutivas através de metodologias de georreferenciamento de imagens captadas por drones que possam contribuir na conservação e fiscalização de recifes costeiros no Brasil, e que financiou o mestrado de meu aluno Lynick Jones (PPGBA, 2023) e impulsionou o atual projeto de doutorado que desenvolve no PPGBIO, UFRPE incluindo o uso de inteligência artificial nas análises das imagens captadas, o qual irá diminuir o tempo de trabalho e aumentar as áreas amostradas.

➤ **Ad hoc**

Outra fase atrelada à pesquisa é a participação na avaliação das etapas de pesquisa de um professor, avaliar projetos, participar em bancas de concursos e de trabalhos de conclusão, revisar publicações científicas, etc.

Particpei como revisor de vários órgãos de fomento, sobretudo de FAPs, como do Espírito Santo, Bahia, Ceará e principalmente da FAPESP de São Paulo, onde sou revisor desde 2011; e de forma contínua do CNPq e da FACEPE. Também particpei em inúmeras revisões de artigos científicos de revistas nacionais e internacionais, como Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom, Zootaxa, Polar Biology, Marine Ecology. Progress Series e Bulletin of Marine Science, entre outras.

Em relação à participação em bancas, atuei em todos os níveis possíveis, tanto em concursos para professor da UFPE como da UFRPE, em trabalhos de conclusão tanto em qualificações de mestrado e doutorado, como em defesas de dissertações e teses de vários programas de pós graduação tanto da UFPE, como de outras nacionais (UFRPE, UFRJ, UFAL, UFSC, USP, UNESP), e até uma internacional do Doutorado em Life Sciences da Tel-Aviv University de Israel (2016), fruto dos contatos feitos durante minha participação

no 8th International Conference on Coelenterate Biology realizado em Eilat em 2013 (infelizmente não foi presencial, porque lá não tem defesa da tese)

E também participo ativamente nas bancas de trabalhos de conclusão de curso tanto de graduação como também de especialização, especialmente na UFPE, tanto nos cursos de biologia de Recife como do CAV; e também participei em vários da UFRPE.

GESTÃO

No primeiro semestre de 2008 participei da criação do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Meio Ambiente do Centro Acadêmico de Vitória da UFPE, o qual foi aprovado pela CAPES e, em março de 2009, iniciamos a primeira turma do primeiro curso de Pós-Graduação *strictu sensu* da UFPE no interior do Estado, do qual fui membro na qualidade de docente permanente (orientei sete mestres), e posteriormente assumiria a coordenação por dois períodos (2012-2015). Em relação às atividades de gestão, realmente sempre me identifiquei mais com a pesquisa que com a docência, e no cargo de coordenador da pós-graduação realmente achei meu lugar. Foram dois mandatos consecutivos onde a principal luta foi nos encaixar nas áreas da Capes, o curso começou de forma inversa ao ideal, juntou as pessoas e depois tentou encontrar seu escopo, Interdisciplinar, Medicina II e finalmente Biodiversidade. Mas... quando realmente nos achamos e montamos uma equipe forte, como boa produção e formação de recursos humanos, infelizmente fomos fechados. Faltou apoio institucional e coerência nas decisões da Capes. Mas foi um bom impulso para a pesquisa no interior do estado e estabeleceu bases fortes no CAV. Sempre atrelado à pesquisa, participei por vários anos da Comissão interna de bolsas de iniciação científica da UFPE, fui supervisor da Unidade Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do CAV e sou membro permanente do colegiado do PPGBA e da comissão de avaliação docente do PPGBIO (UFRPE).

Em 2020 a UFPE lançou um edital para cadastro de Laboratórios Multiusuários de Pesquisa (LaMPs) que são instalações de pesquisa ou de apoio à pesquisa, de caráter multiusuários, disponíveis para usuários internos e externos à UFPE, que congregam equipamentos de médio e grande porte e

que oferecem serviços de média e alta complexidade aos usuário. No CAV reunimos um grupo de professores e criamos o Parque Multiusuário de Equipamentos Científicos do CAV - ParqCAV que nucleia 13 laboratórios com mais de 40 equipamentos multiusuários e do qual sou o coordenador desde seu início, conformando um dos 14 LaMPs da UFPE. Uma das funções principais de ser coordenador do ParqCAV é ir atrás de recursos e gerenciar eles junto com o Comitê Gestor, e desde seu início já aprovamos três editais internos da Propesqi/UFPE.

Uma tarefa que me enche de orgulho é ser o Curador da Coleção de Cnidaria do Museu de Oceanografia Prof. Petrônio Alves Coelho da UFPE. Nesta função me sinto em casa. Desvendar as identidades ocultas e disponibilizar para a comunidade científica é a principal finalidade de um taxonomista; não é uma tarefa fácil dado o pouco apoio financeiro para a conservação dos acervos, as coleções científicas são as testemunhas das identidades dos organismos, e preservá-las deveria ser um das prioridades das instituições. Mas por enquanto é uma das minhas prioridades e zelo por elas.

Como gestor em docência sou parte desde 2010 do Núcleo Docente Estruturante do curso de licenciatura em ciências biológicas do CAV, trabalhando continuamente para manter o curso atualizado e discutindo novas estratégias para melhoria da qualidade do ensino.

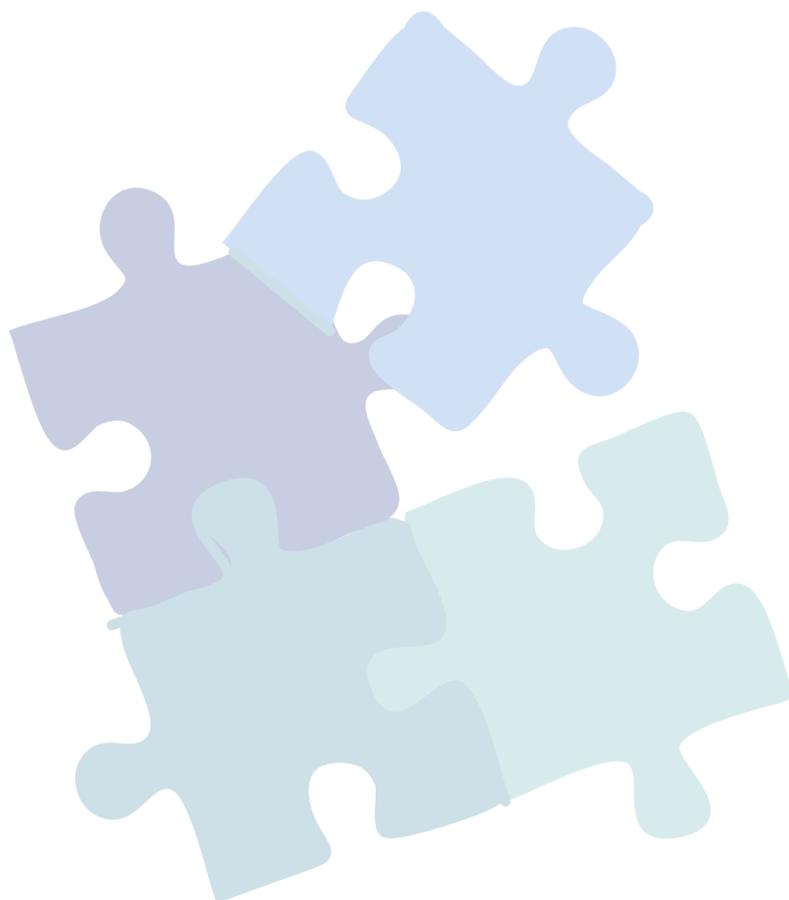
COROLÁRIO

Que prazer imenso foi escrever este memorial, percorrer o caminho que me levou até aqui, lembrar as peças que me permitiram ser quem sou e entender o objetivo de cada uma delas. Agora entendo perfeitamente o meu, às vezes, incompreendido coração, que me guiou sabiamente e foi a chave de meu sucesso.

Sou cientista e professor, adoro meu trabalho e tento melhorar a cada dia. Sei da responsabilidade que representa formar pessoas, mas aceito o desafio, sou docente, colega, confidente, amigo, sou e serei o que eles precisarem.

E assim chegamos ao final deste caminho, desta história, e vocês se perguntarão se finalmente completei meu quebra cabeças, e é uma pergunta que não tem resposta, é impossível, mas tampouco me importa, tampouco me interessa, o único que posso falar para vocês é que fui e sou imensamente feliz, e agradeço a cada uma das peças que tornou isso possível, estou completo ou incompleto, tanto faz, o importante é ser feliz.





“Centrando mi voluntad en la ejecución de los pequeños hechos, di vuelta mi caballo y lentamente me fui para las casas. Me fui como quien se desangra.”⁴³

⁴³ Parágrafo final do livro *Don Segundo Sombra* de Ricardo Güiraldes, dramaturgo argentino. Livro que li na minha adolescência e me marcou profundamente.

ANEXO. Síntese curricular

SÍNTESE CURRICULAR- CARLOS DANIEL PEREZ

Bolsista de Produtividade CNPq Nível 2

Orcid- <https://orcid.org/0000-0002-0866-1183>

Web of Science- ResearchID- G-3887-2010 (**Fator H: 14**; 51 artigos, 576 citações)

Scopus ID- 8694822800 (64 artigos, 744 citações; **Fator H: 15**)

Formação e Bolsas

1995 – 1999- Doutorado em Ciências Biológicas. Universidad Nacional de Mar del Plata, Argentina. Título: Taxonomía, distribución y diversidad de los Pennatulacea, Gorgonacea y Alcyonacea del Mar Epicontinental Argentino y zonas de influencia. Orientador: Mauricio Zamponi. Bolsista do CONICET, Argentina.

2023 – 2023- Pós-Doutorado. Universidad Nacional de Mar Del Plata, Argentina. Bolsista da CAPES, Brasil.

2020 – 2020- Pós-Doutorado. Smithsonian Institution, Estados Unidos. Bolsista do, CNPq, Brasil.

2001-2004- Bolsa de Pesquisador Visitante do CNPQ- atividades na UFPE- Sede
2004-2006- Bolsa DCR Convênio FACEPE/CNPQ- atividades na UFPE- Sede

2012-2015- Bolsista PQ nível 2 CNPq

2018- atual- Bolsista PQ nível 2 CNPq

Docência

UFPE- SEDE- Graduação (2000-2006): Zoologia dos Invertebrados Inferiores; Sistemática e Biogeografia; Celenterologia; Ambientes coralinos, Sistemática Filogenética; Sistemática e Biogeografia; Anatomia Animal Comparada; Venenos Animais.

UFPE- SEDE- Pós-graduação- PPGBA (2001-atualmente): Biologia dos Invertebrados, Sistemática e Evolução; Medusas e Ctenóforos: Biologia e Ecologia do plâncton gelatinoso, Tópicos Especiais em Biologia Animal III; Nomenclatura Zoológica (ministrada de forma regular anualmente desde 2003)

UFPE- CAV- Graduação (2006-atualmente): Zoologia dos Invertebrados II; Artrhopoda; Sistemática e Biogeografia; Zoologia dos Invertebrados I; Venenos Animais; Biologia Marinha

UFPE- CAV- Pós-graduação- PPGSHMA (2009-2018): Tópicos em ecologia; Toxinas animais

UFPE- CAV- Educação a Distância (EAD)- Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas (2020-atualmente): Invertebrados I; Invertebrados II; Sistemática e Biogeografia; Fundamentos em Biodiversidade.

UFRPE- Pós-graduação- PPGBio (2019- atualmente): Aprendizagem baseada em Problemas no ensino da Ecologia

UNMdP (Argentina)- Graduação: Invertebrados I (1992); Biologia de Celenterados (1993-2000)

Gestão

1998-2000- Conselheiro Departamental- UNMdP

2001- presente- Curador do Museu de Oceanografia da UFPE

2021- presente - Supervisor da Unidade Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa do CAV- UFPE

2011- presente - Membro do Núcleo Docente Estruturante.

2014-2017- Membro das Câmaras de Pesquisa e Pós-graduação- UFPE.

2011-2015- Coordenador de Programa de Pós-graduação em Saúde Humana e Meio Ambiente-UFPE

2009-2014- Representante TITULAR do Conselho Coordenador de Ensino Pesquisa e Extensão (CCEPE) e do Conselho Superior da UFPE

2006-2009- Representante Suplente da Câmara de Pesquisa da CCEPE da UFPE.

2007-2008- Membro da Comissão de Iniciação Científica - PIBIC.

2007-2007- Membro do Colegiado do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Extensão

Edital BEX **2009**. Coordenador do projeto: As coleções didáticas e sua inserção no Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão.

Edital BEX **2008**. Coordenador do projeto: As coleções didáticas e sua inserção no Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão.

Edital BEX **2007**. Coordenador do projeto: As coleções didáticas e sua inserção no Centro Acadêmico de Vitória de Santo Antão.

2006-2007- membro colaborador do projeto de extensão Melhoria e divulgação do Zoológico Melo Verçosa de Vitória de Santo Antão, Pernambuco.

2006- Minicurso ministrado: Invertebrados marinhos perigosos para o homem no 1º Simpósio Integrado de Ciências da Saúde e Biológicas do Centro Acadêmico de Vitória/UFPE.

2005- Palestra no evento de extensão Semana Urticante intitulada: Envenenamentos com Cnidários.

2005- Organizador do Evento Semana Urticante realizado no CCB-UFPE.

2004- Palestra durante a IV Semana de Meio Ambiente promovido pela Diretoria General de Agricultura e Meio Ambiente, no Espaço Multicultural de Porto de Galinhas/Ipojuca. Intitulada: Ambiente Recifal

2002- Minicurso: Caravela portuguesa, águas-vivas e outros cnidários perigosos para o homem.

1993-2000- Determinação de exemplares da coleção de cnidários do Museu Argentino de Ciencias Naturales.

1997-2000- Determinação de exemplares de octocorais para o departamento de química da Universidad de Buenos Aires.

Assessorias e Avaliações ad hoc

2005- Assessor Ad hoc do XXVI Congresso Brasileiro de Zoologia, Londrina.

2005- Avaliador de trabalhos do Boletim do Museum Nacional do Rio de Janeiro.

2005- Avaliador de propostas apresentadas ao National Undersea Research Center da University of North Carolina Wilmington (NURC/UNCW) financiados pela NOAA (National Oceanic & Atmospheric Administration) U.S.A. Departement of Commerce.

2005- Avaliador de projeto do Edital MCT/CNPq nº 56/2005 - Programa Arquipélago e Ilhas Oceânicas / Demanda Espontânea.

2003-2004- Consultor da Fundação do Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM).

2005- atual: Revisor de diversas revistas científica. Ex: Zootaxa. Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom, Check List (UNESP), Polar Biology, Helgoland Marine Research, Latin American Journal of Aquatic Research, Marine Ecology. Progress Series (Halstenbek), Zoological Journal of the Linnean Society, Bulletin of Marine Science, Journal of Coastal Research, New Zealand Journal of Marine and Freshwater Research, etc

Projetos de Pesquisa

2023 – presente - Taxonomia e ecologia dos corais da costa do Nordeste. Coordenador. Financiamento: UFPE

2022-2023- Diagnóstico do estado de conservação da biodiversidade dos recifes da costa de Pernambuco e do Arquipélago de Fernando de Noronha: passado, presente e futuro. Coordenador. Financiamento: FACEPE

2021 – presente - Poriferos y Cnidarios: Distribución, Biodiversidad y Relevancia en Las Comunidades Bentónicas del Atlántico Sudoccidental. Colaborador. Financiamento: CONICET, Argentina

2020 – 2023- Biodegradação, biorremediação e monitoramento de derrames de petróleo em sistemas marinhos da Amazônia Azul. Colaborador. Financiamento: CNPq

2020 – presente - Censo de cnidários antozoários do continente sul-americano. Coordenador.

2020 – presente - Pesquisa Ecológica de Longa Duração (PELD) do Sistema de Recifes mesofóticos da Foz do Rio Amazonas (GARS): Biodiversidade, funcionalidade, impactos e sustentabilidade da pesca. Colaborador. Financiamento: CNPq.

2019 – 2023- Impacto do óleo nos grupos funcionais tróficos dos manguezais e recifes de corais de Pernambuco e sua consequência nos serviços ecossistêmicos. Coordenador. Financiamento: FACEPE

2019 – 2023- Esponjas como biosensores de mudanças globais e como fonte para inovação em biotecnologia (PROANTAR-CNPq). Colaborador. Financiamento: CNPq.

2019 – 2022- Restaurando Corais: Aumentando a resiliência da Sociedade Brasileira às Mudanças Climáticas e garantindo o futuro da Biodiversidade Marinha. Colaborador. Financiamento: Associação WWF do Brasil - Fundo Mundial para a Natureza

2019 – Atual- Red Latinoamericana de Especialistas en Cnidarios. Colaborador.

2018 – 2024- Restauração e conservação das populações do coral endêmico *Mussismilia harttii* (Verrill, 1868) no Brasil. Coordenador. Financiamento: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza

2018 – 2024- DronEco: Protocolos operacionais de veículos aéreos não tripulados (VANTs) em benefício da conservação de ambientes recifais. Coordenador. Financiamento: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza

2018 – Atual- Rede Nacional de Pesquisa em Biotecnologia Marinha (BiotecMar). Colaborador.

2016 – 2021- Taxonomia integrativa dos cnidários bentônicos do Norte-Nordeste do Brasil. Inventário faunístico e coleções de referência. Coordenador. Financiamento: FACEPE

2015 – 2017- Avaliação do estado de conservação do coral endêmico *Mussismilia harttii* (Verrill, 1868) (Cnidaria: Anthozoa) no Brasil. Coordenador. Financiamento: Fundação O Boticário de Proteção à Natureza

2013 – 2018- BioReef- Bioprospecção de compostos bioativos de organismos recifais com potencial aplicação biotecnológica. Coordenador. Financiamento: CNPq

2012 – 2015- Inventário faunístico e revisão taxonômica com aplicação de técnicas morfo-moleculares dos cnidários antozoários do norte/nordeste brasileiro. Coordenador. Financiamento: FACEPE

2012 – 2013- Poríferos e Cnidários do Norte-Nordeste do Brasil. Coordenador. Financiamento: FACEPE

2011 – 2013- Adaptação e sobrevivência a estresse ambiental em ecossistemas Temperado e Tropical. Coordenador. Financiamento: CNPq- Colaboração Internacional

2010 – 2015- Poríferos e Cnidários do Norte-Nordeste do Brasil. Inventário faunístico e revisão taxonômica com aplicação de técnicas morfo-moleculares. Coordenador. Financiamento: CNPq

2010 – 2012- Ecologia da macrofauna bentônica na análise dos impactos ambientais associados ao turismo em Porto de Galinhas (PE): subsídios para a gestão dos ecossistemas recifais. Colaborador. Financiamento: FACEPE

2009 – 2010- EDITAL PQ-Multiusuários-PROPESQ-UFPE. Coordenador. Financiamento: UFPE

2008 – 2011- Estudo Ecológico, Molecular e Farmacológico do Zoantideo *Palythoa caribaeorum* (Cnidaria, Anthozoa). Coordenador. Financiamento: FACEPE

2008 – 2010- Estudo ecológico integrado dos cnidários bentônicos do litoral de Pernambuco. Coordenador. Financiamento: CNPq

2007 – 2009- Invertebrados marinhos do Projeto REVIZEE-NE (I-IV). Coordenador. Financiamento: Petrobrás

2007 – 2009- Ecologia e toxinologia de invertebrados marinhos do nordeste brasileiro. Colaborador. Financiamento: FACEPE

2006 – 2008- Biodiversity monitoring in brazilian sunken ships and educational program for divers using recreational habitats. Coordenador. Financiamento: AWARE Foundation

2006 – 2008- Ecologia de cnidários bentônicos do litoral de Pernambuco. Coordenador. Financiamento: CNPq

2005 – 2008- Hidromedusas do NE Brasileiro, taxonomia e distribuição das principais espécies. Coordenador.

2004 – 2006- Farmacologia, química e toxicologia dos cnidários do Nordeste brasileiro, com potencial aplicação biotecnológica. Coordenador. Financiamento: FACEPE e CNPq

2004 – 2005- Projeto Multidisciplinar e Integrado dos Zoantídeos (Cnidaria, Anthozoa) do Litoral Pernambucano Biodiversidade, Farmacologia e Impacto Ambiental. Coordenador. Financiamento: FACEPE

2002 – Atual- Octocorais da coleção de invertebrados do Departamento de Oceanografia da UFPE. Coordenador.

1995 – Atual- Sistemática e taxonomia dos octocorais do Atlântico Sul-ocidental. Coordenador.

Projetos de Extensão

2019 – Atual- Projeto Physalis. Coordenador

2016-2017 e 2018 – Atual- Os morcegos vão à escola: aprendendo mais sobre os morcegos e outros bichos. Colaborador. Financiamento: UFPE

2015, 2017 - SEMATIDAL - Semana de Apresentações de Técnicas Didáticas Alternativas. Coordenador e Colaborador. Financiamento: UFPE

2014 – 2015- Zoologia Multissensorial: Otimização e implementação de modelos didáticos para deficientes visuais. Coordenador. Financiamento: UFPE

2013 – 2014- Zoologia Multissensorial - uma proposta inclusiva para pessoas com deficiência visual. Coordenador. Financiamento: UFPE

2008 – 2010- As coleções didáticas e sua inserção no Campus de Vitória de Santo Antão da UFPE. Coordenador. Financiamento: UFPE

2007 – 2008- Conexão Vitória. Coordenador.

2006 – 2007- Divulgação e melhoria do Zoológico Municipal Melo Verçosa, Município de Vitória de Santo Antão-PE. Coordenador.

Produção Científica- Artigos (nomes dos discentes em negrito)

2024

Campos, F. F.; Moura, A. C.; Fernandez, M. O.; Marques, A. C.; **Perez, C D.** Hydroids from a reef system under the influence of the Amazon River plume, Brazil. Marine Environmental Research.

Oliveira, U. D. R.; Dobrovolski, R.; Barros, F.; **Perez, Carlos D.;** Silva, B. V. M. E. Using fossil records to predict short-term changes in niche and spatial dynamics in a broadly distributed coral reef: Niche conservatism and adaptation. *Journal of Biogeography*.

Corrêa, A M.; **Campos, F F.;** Tenório, M F.; Rodrigues, A M.S.; **Pérez, C D.;** Thompson, F; Batista, A S.; Gatts, Pedro V.; De Rezende, C E.; Leal, K Z.; Bernardes, M C. Hydrocarbon composition of oils spilt on the Brazilian coast in 2019 and 2022. *Marine Pollution Bulletin*.

Campos, F. F.; Tonon, L.; Davolos, C.; Lemos, L.; Luna-Finkler, C.; Garcia, J. E.; **Pérez, Carlos D.** Culturable bacteria associated with the mucus of the zoanthid *Palythoa caribaeorum* (Cnidaria, Anthozoa) from Northeast of Brazil. *Revista de Biologia Marina Y Oceanografia*

Moura, A. C.; **Campos, F. F.;** **Oliveira, U. D. R.;** Marques, A. C.; **Perez, Carlos D.** Hydroids (Cnidaria, Hydrozoa) from the Northern and North-eastern coast of Brazil: addressing knowledge gaps in neglected regions. *Marine Biodiversity*

2023

Silva, M; Campos, T A; Cavalcanti, I MF; Oliveira, I S; **Pérez, C D;** Silva, R A Da; Wanderley, MSO; Santos, NPS. Proteomic characterization and biological activities of the mucus produced by the zoanthid *Palythoa caribaeorum* (Duchassaing & Michelotti, 1860). *Anais da Academia Brasileira de Ciências*

2022

Moura, A. C.; Campos, F. F.; **Perez, Carlos D.** Rediscovery and redescription of *Callicarpa chazaliei* Versluys, 1899 (Cnidaria: Hydrozoa) in the southwestern Atlantic Ocean. *Zootaxa*

Lima, E. P.; Vila-Nova, D.; **Perez, Carlos D.;** Gomes, P. B. Update on the distribution of *Isaurus tuberculatus* Gray, 1828 (Cnidaria, Zoantharia) and first insight into the microanatomy and cnidom of South Atlantic populations. *Check List, Journal of Species List and Distribution*

Santos, J. A. A.; Moura, B. K. A.; **Pérez, C. D.;** Cavalcantie, I. D. L.; Nogueira, M. C. B. L.; Ximenes, R. M.; Aguiar Junior, F. C. A.; Santos, N. P. S. Protective mucus effect of the crude fraction of the mucus produced by the zoanthid *Palythoa caribaeorum*. *Tissue & Cell*

Cordeiro, R T.S.; Carpinelli, A. N.; Francini, R.; **Neves, B. M.;** **Pérez, C.D.;** Oliveira, U. D. R.; Sumida, P. Y. G.; Maranhão, H.A.; Monteiro, L. H.; Carneiro, P.; Kitahara, M. V. *Neospongodes atlantica*, a potential case of an early biological introduction in the Southwestern Atlantic. *PeerJ*

2021

Cordeiro, R T. S.; McFadden, C. S.; Sánchez, J. A.; **Perez, C.D.** Revision of the genus *Plexaurella* Kölliker, 1865 (Anthozoa: Octocorallia) and resurrection of Plexaurellidae Verrill, 1912 new rank. *Invertebrate Systematics*

Perez, C.D.; **Cordeiro, R.;** Williams, G. C.; Gomes, P. B. Revised nomenclature of the sea pen genus *Balticina* Gray, 1870 (= *Halipteris* Kölliker, 1870) (Anthozoa: Octocorallia). *Zootaxa*

Schejter, L.; Mauna, C.; **Pérez, CD.** New record and range extension of the primnoid octocoral *Verticillata castellviae* in the Southwest Atlantic Ocean. *Marine and Fishery Sciences (MAFIS)*

Padua, S. M. F.; Botter, M.; Gomes, P. B.; Oliveira, C. S.; Santos, J.C.P.; **Pérez, CD.** The alien octocoral *Carijoa riisei* is a biogenic substrate multiplier in artificial Brazilian shipwrecks. *Aquatic Ecology*

2020

Schejter, L.; Genzano, G. N.; Gaitan, E.; Bremec, C.; **Perez, C.D.** Benthic communities in the Southwest Atlantic Ocean: Conservation value of animal forests at the Burdwood Bank slope. *Aquatic Conservation* (ONLINE)

Campos, F. F.; Marques, A. C.; Puce, S.; **Perez, C.D.** A new species of *Zygophylax* (Quelch, 1885) (Cnidaria, Hydrozoa) from South Africa, with taxonomic notes on the southern African species of the genus. *Zootaxa* (ONLINE)

Cordeiro, Ralf T. S.; **Neves, B. M.**; Kitahara, M. V.; Arantes, R.; **Perez, C.D.** First assessment on Southwestern Atlantic equatorial deep-sea coral communities. *Deep-Sea Research Part I-Oceanographic Research Papers*

Schejter, L.; Genzano, G.; **Pérez, C.D.**; Acuña, F.; **Cordeiro, R.T.S.**; Silva, R.A.; Garese, A.; Bremec, C.S. Checklist of Benthic Cnidaria in the SW Atlantic Ocean (54°S-56°S). *Zootaxa* (ONLINE)

2019

Lhullier, C.; Reginatto, F. H.; Schneider, N. F. Z.; Moraes, M. H.; Steindel, M.; Pinheiro, U. S.; **Perez, C.D.**; Simoes, C. M. O.; Schenkel, E. P. Biological activities of marine invertebrates extracts from the northeast brazilian coast. *Brazilian Journal of Biology*

Assis, J. E.; Souza, J. R. B.; **Menezes, M.**; **Lima, G. V.**; **Cordeiro, R.**; **Pérez, C. D.** Association between deep-water scale-worms (Annelida: Polynoidae) and black corals (Cnidaria: Antipatharia) in the Southwestern Atlantic. *Zoologia*.

Oliveira, U. D. R.; **Lima, G. V.**; **Cordeiro, Ralf T.S.**; Gomes, P. B.; **Pérez, C. D.** Modeling impacts of climate change on the potential habitat of an endangered Brazilian endemic coral: Discussion about deep sea refugia. *PLoS One*

Menezes, M.; **Cordeiro, R.**; **Perez, C.D.** Black Corals (Anthozoa: Antipatharia) from the Southwestern Atlantic. *Zootaxa* (ONLINE)

Pérez, C D.; **Cordeiro, Ralf T. S.** *Ideogorgia laurae*, an uncommon new octocoral species (Alcyonacea: Keroeidae) from a newly established Marine Protected Area at Burdwood Bank, Argentina. *Polar Biology*

2018

Patino, L.; Manfredi, R. Q.; Perez, M.; Garcia, M.; Blustein, G.; **Cordeiro, R.**; **Perez, C.D.**; Schejter, L.; Palermo, J. Isolation and antifouling activity of azulene derivatives from the Antarctic Soft Coral *Acanthogorgia laxa*. *Chemistry & Biodiversity*.

Guarnieri, M. C.; Albuquerque, J. C.; **Perez, C.D.**; Ottaiano, T. F.; Ferreira, R. S. Batista, F. F.; Brito, M. V.; Campos, I. H. M.; Oliva, M. L. V. Zoanthid mucus as new source of useful biologically active proteins. *Toxicon*

Morlighem, J.; Huang, C.; Liao, Q.; Gomes, P. B.; **C D Pérez**; Prieto, A. R. B.; Lee, S.; Rádis, G. The Holo-Transcriptome of the Zoantharian *Protopalythoa variabilis* (Cnidaria: Anthozoa): A Plentiful Source of Enzymes for Potential Application in Green Chemistry, Industrial and Pharmaceutical Biotechnology. *Marine Drugs*

Thompson, F.; Kruger, R. H.; Thompson, C. C.; Berlinck, R. G. S.; Coutinho, R.; Landell, M. F.; Pavao, M. S.; Mourao, P. A. S.; Salles, A.; Negri, N.; Lopes, F. A. C.; Freire, V. F.; Macedo, A. J.; Maraschin,

M.; **Perez, C D.**; Pereira, R. C.; Rádis, G.; Rezende, R. P.; Valenti, W. C.; Abreu, P. C. Marine Biotechnology in Brazil: Recent Developments and Its Potential for Innovation. *Frontiers in Marine Science*

Schejter, Laura ; Acuna, F. H. ; Garese, A. ; **Cordeiro, R.** ; **Pérez, CD.** Sea pens (Cnidaria: Pennatulacea) from Argentine waters: new distributional records and first report of associated sea anemones. *Pan-American Journal of Aquatic Sciences*

2017

Huang, C.; Morlighem, J.; Lee, S.; Liao, Q.; **Perez, C.D.**; Gomes, P. B.; Guo, M.; Rádis, G.; Li, C. Identification of long non-coding RNAs in two anthozoan species and their possible implications for coral bleaching. *Scientific Reports*

Cordeiro, R. T.S.; Cairns, S.D.; **Perez, C.D.** A revision of the genus *Radicipes* Stearns, 1883 (Anthozoa: Octocorallia: Chrysogorgiidae). *Zootaxa*

2016

Campos, F. F.; Marques, A. C.; Puce, S.; **Perez, C.D.** *Zygophylax kakaiba*, a new species of hydroid (Cnidaria: Hydrozoa: Zygophylacidae) from the Philippine Islands. *Zootaxa* (Online)

Schejter, L.; Rimondino, C.; Chiesa, I.; Astarloa, J. M. D.; Doti, B.; Elias, R.; Escolar, M.; Genzano, G. N.; Gappa, J. L. ; Tatian, M.; Zelaya, D.; Bremec, C.; Cristobo, J.; **Perez, Carlos D.**; **Cordeiro, R.** Namuncurá Marine Protected Area: an oceanic hot spot of benthic biodiversity at Burdwood Bank, Argentina. *Polar Biology* (Print)

Huang, C.; Morlighem, J.; Zhou, H.; **Lima, E. P.**; Gomes, P. B.; Lou, I.; **Perez, C D.**; Lee, S.; Rádis, G. The transcriptome of the zoanthid *Protopalythoa variabilis* (Cnidaria, Anthozoa) predicts basal toxinlike and venomauxiliary polypeptides. *Genome Biology and Evolution*

2015

Campos, F. F.; Garcia, J. E.; Luna-Finkler, C.; Davolos, C. C.; Lemos, M. V. F.; **Perez, C.D.** Alcanivorax dieselolei, an alkane-degrading bacterium associated with the mucus of the zoanthid *Palythoa caribaeorum* (Cnidaria, Anthozoa). *Brazilian Journal of Biology*

Santana, E. C.; Alves, A. L.; Santos, A. M.; Cunha, M. G. G. S.; **Pérez, C.D.**; Gomes, P. B. Trophic ecology of the zoanthid *Palythoa caribaeorum* (Cnidaria: Anthozoa) on tropical reefs. *Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom* (Print)

Silva, J. F.; Gomes, P. B.; Santana, E. C.; Silva, J. M.; Lima, E. P.; Santos, A. M.; **Pérez, C. D.** Growth of the tropical zoanthid *Palythoa caribaeorum* (Cnidaria: Anthozoa) on reefs in northeastern Brazil. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*

Pérez, C. D.; Farrapeira, C.M.R.; **Lima. S.T.S.**; **Cordeiro, R.** Is the octocoral *Erythropodium caribaeorum* (Cnidaria: Anthozoa) a folkloric species from Brazil? *Pan-American Journal of Aquatic Sciences*

Cordeiro, R.; Castro, C. B. E.; **Pérez, C. D.** Deep-water octocorals (Cnidaria: Octocorallia) from Brazil: Family Chrysogorgiidae Verrill, 1883. *Zootaxa* (Online)

Almeida, A.; Santos, P.; Guidomar, S.; Santos, J.; **Pérez, C. D.** New invertebrate host records (Porifera and Cnidaria) for some caridean shrimps in estuaries of north-eastern Brazil. *Marine Biodiversity Records*

Bayer, FM.; Cairns, SD.; **Cordeiro, RTS; Pérez, CD.** New records of the genus *Callogorgia* (Anthozoa: Octocorallia) in the western Atlantic, including the description of a new species. Journal of the Marine Biological Association of the UK (Online)

Cordeiro, R.; Neves, B. M.; Rosa Filho, J.S.; **Perez, C.D.** Mesophotic coral ecosystems occur offshore and north of the Amazon River. Bulletin of Marine Science

2014

Freire, M. S. V.; Genzano, G. N.; Leitao, S. N.; **Pérez, CD.** The non-indigenous medusa *Blackfordia virginica* (Hydrozoa, Leptothecata) in tropical Brazil: 50 years of unnoticed presence. Biological Invasions

Barbosa, T. M.; Gomes, P. B.; **Bergeron, A-S;** Santos, A. M.; Chagas, C. A.; Freitas, E. M. S.; **Pérez, C.D.** Comparisons of sexual reproduction in *Carijoa riisei* (Cnidaria, Alcyonacea) in South Atlantic, Caribbean, and Pacific areas. Hydrobiologia (The Hague. Print)

Rojo De Almeida, MT; Moritz, MIG; Capel, KC; **Pérez, CD;** Schenkel, EP. Chemical and Biological Aspects of Octocorals Reported on the Brazilian Coast. Revista Brasileira de Farmacognosia (Impresso)

Bruto-Costa, L. V.; Bezerra, L.E.; **Pérez, C.D.** The octocoral *Carijoa riisei* (Cnidaria, Anthozoa) as a macro-epibiont of the crab *Mycrophrys interruptus* (Crustacea, Brachyura, Majidae) in northeastern Brazil. Pan-American Journal of Aquatic Sciences

Costa, DL; Santos, AMM; Da Silva, **AF; Padilha, RM; Nogueira, V;** Wanderlei, EB; **Bélangier, D;** Gomes, PB; **Pérez, CD.** Biological Impacts of the Port Complex of Suape on Benthic Reef Communities (Pernambuco-Brazil). Journal of Coastal Research

2012

Gomes, P. B.; **Lira, A. K. F.;** **Naud, J.;** Santos, A. M.; **Perez, C.D.** Prey selectivity of the octocoral *Carijoa riisei* at Pernambuco, Brazil. Anais da Academia Brasileira de Ciências

Melo, L. F. A.; Camara, C.; Silva, L. L. D.; Albuquerque, J. C.; **Perez, C.D.** Toxicity against *Artemia salina* of the zoanthid *Palythoa caribaeorum* (Cnidaria: Anthozoa) used as folk remedies in coastal Pernambuco, Brazil. Biotemas (UFSC)

Cordeiro, R.; Maranhão, H.A.; **Lima. S.T.S.;** **Perez, C.D.** First Record of *Stichopathes occidentalis* (Gray, 1860) and range extensions of *Antipathes atlantica* Gray, 1857 (Cnidaria: Anthozoa: Antipatharia) in the Southwestern Atlantic. Check List (São Paulo. Online)

Pérez, C. D.; Gomes, P. B. First record of the fireworm *Hermodice carunculata* (Annelida, Polychaeta) preying on colonies of the fire coral *Millepora alcicornis* (Cnidaria, Hydrozoa). Biota Neotropica (Online. Edição em Inglês)

Neves, B. M.; **Pérez, C. D.** A new species of *Sclerobelemnon* Kölliker, 1872 from Brazil (Octocorallia: Pennatulacea: Kophobelemnidae). Cahiers de Biologie Marine

2011

Pérez, CD; Neves, BM; Oliveira, DHR. New records of Octocorals (Cnidaria: Anthozoa) from the Brazilian coast. Aquatic Biology

Costa, D.H.L.; Gomes, P.B.; Santos, A.M.; **Valença, N;** **Vieira, N.;** **Perez, C.D.** Morphological plasticity in the reef zoanthid *Palythoa caribaeorum* as an adaptive strategy. *Annales Zoologici Fennici*

2010

Silva, J. F.; Lima, C.A.; **Pérez, C. D.;** Gomes, P. B. First record of the sea anemone *Nematostella vectensis* (Actiniaria: Edwardsiidae) in Southern Hemisphere waters. *Zootaxa*

Rojo de Almeida, MT; Siless, GE; **Perez, CD;** Veloso, MJ; Schejter, L; Puricelli, L; Palermo, JA. Dolabellane Diterpenoids from the South Atlantic Gorgonian. *Journal of Natural Products*

2009

Lira, A.K.F.; **Naud, J-P;** Gomes, P B.; Santos, A M; **Perez, C D.** Trophic ecology of the octocoral *Carijoa riisei* from littoral of Pernambuco, Brazil. I. Composition and spatio-temporal variation of the diet. *Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom*

2007

Neves, B. M.; Lima, E. J. B.; **Pérez, C. D.** Brittle stars (Echinodermata: Ophiuroidea) associated with the octocoral *Carijoa riisei* (Cnidaria: Anthozoa) from the littoral of Pernambuco, Brazil. *Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom*

Pérez, C. D.; **Neves, B. M.** Cnidaria, Anthozoa, Octocorallia, Anthotelidae, *Tripalea clavaria* (Studer, 1878): distribution extension, first record for sub-tropical waters, Bahia, Brazil.. *Check List*

Souza, J. R. B.; Rodrigues, H. A.; **Neves, B. M.;** **Pérez, C. D.** First report of bristleworm predator of the reef octocoral *Carijoa riisei*. *Coral Reefs*

2006

Soares, C. L. R. S. ; **Pérez, C. D. ;** Maia, M. B. ; Silva, R.S. ; **Melo, L. F. A.** Avaliação da atividade antiinflamatória e analgésica do extrato bruto hidroalcoólico do zoantídeo *Palythoa caribaeorum* (Duchassaing & Michelotti, 1860). *Revista Brasileira de Farmacognosia*

2005

Pérez, C. D.; **Vila-Nova, D.;** Santos, A. M. Associated community with the zoanthid *Palythoa caribaeorum* (Duchassaing & Michelotti, 1860) (Cnidaria, Anthozoa) from littoral of Pernambuco, Brazil. *Hydrobiologia*

Pérez, C. D.; **Costa, D. L.;** Opresko, D. A new species of *Tanacetipathes* from Brazil, with a redescription of the type species *T. tanacetum* (Pourtales) (Cnidaria, Anthozoa, Antipatharia). *Zootaxa*

Almeida, L.V.; **Pérez, C.D.;** **Silva, B.G.S.T.** Octocorais (Cnidaria, Anthozoa) do Litoral Maranhense, Brasil. *Tropical Oceanography*

Pérez, C. D. Primeiro registro de *Leptogorgia punicea* (Milne-Edwards & Haime) (Cnidaria, Octocorallia) para o Estado do Maranhão, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*

2004

Pérez, C. D.; Zamponi, M. O. New Records of Octocorals (Cnidaria, Anthozoa) from Southwestern Atlantic Ocean. Zoogeographic Considerations. Zootaxa

2003

Pérez, C. D.; **Silva, B. G. S. T.** Taxonomic Status of *Pennatula argentina* Acuña & Zamponi, 1992 (Cnidaria:Octocorallia). Zootaxa

2002

Silva, B. G. S. T. ; Pérez, C. D. Diagnósis del conocimiento de la fauna de octocorales (Cnidaria, Anthozoa) de la región nordeste de Brasil. Tropical Oceanography

2001

Pérez, C. D.; Ocampo, F. Cladistic analysis of the pennatulacean genus *Renilla* Lamarck, 1816 (Cnidaria,Octocorallia). Journal of Natural History

2000

Pérez, C. D.; Zamponi, M. O. A New Briareidae Gray, 1859 (Octocorallia, Gorgonacea) from South Georgias Islands (Argentine). Russ J Mar Biol

Pérez, C. D.; Zamponi, M. O. La presencia de una anomalia estructural en *Renilla muelleri* Kolliker, 1872 (Cnidaria, Octocorallia) del sur de Brasil. Biociências

1999

Pérez, C. D.; Zamponi, M. O. El Caso *Renilla chilensis* Phillippi, 1892 (Octocorallia, Pennatulacea). Revista de Investigaciones Marinas

1997

Zamponi, M. O.; **Pérez, C. D.** Comparative morphological study of different Actiniaria species between the intertidal zones of Mar del Plata and Santa Clara del Mar (Argentine). II. *Aulactinia marplatensis* (Zamponi, 1977) and *Aulactinia reynaudi* (Milne-Edwards, 1857) (Cnidaria, Actiniaria). Biociências

Zamponi, M. O.; **Pérez, C. D.;** Capitoli, E. El Genero *Renilla* Lamarck, 1816 (Anthozoa, Pennatulacea) en Aguas de Plataforma del Sur Brasileiro. Annali del Museo Civico di Storia Naturale Giacomo Doria

1996

Zamponi, M. O.; **Pérez, C. D.** oComparative morphological study of different Actiniaria species between the intertidal zones of Mar del Plata and Santa Clara del Mar (Argentine).I. *Phymactis clematis* Dana, 1849 (Cnidaria, Actiniaria). Biociências

Acuna, F. H.; Zamponi, M. O.; **Pérez, C. D.** Metodología para la cuantificación de algunas estructuras de valor taxonomico en Actiniaria (Cnidaria, Anthozoa). Iheringia. Série Zoologia

Zamponi, M. O.; **Pérez, C. D.** La Presencia de la Familia Virgulariidae Verrill, 1868 (Octocorallia, Pennatulacea) en aguas de Plataforma Continental Argentina. Annali del Museo Civico di Storia Naturale Giacomo Doria

Pérez, C. D. Presencia de *Renilla octodentata* Zamponi y Perez, 1995 (Pennatulacea, Renillidae) en la bahía de Valparaíso (33S-72W). Revista de Investigaciones Marinas

Genzano, G. N.; Excoffon, A. C.; Acuna, F. H.; **Pérez, C. D.** Cnidarios bentónicos de la Provincia de Buenos Aires. Actas VI Jornadas Pampeanas de Zoología

1995

Zamponi, M. O.; **Pérez, C. D.** Revision of the genus *Renilla* Lamarck, 1816 (Octocorallia, Pennatulacea), with descriptions of two new species from the Sub-Antarctic region. Animal Biodiversity and Conservation

Capítulos de livros

Schejter et al. Comunidades bentónicas del Banco Burdwood y áreas adyacentes: Generalidades, Ecosistemas Marinos Vulnerables y biodiversidad de cnidarios, poliquetos y esponjas. In: Antonio Curtosi. (Org.). Tercer taller científico sobre el área marina protegida Namuncurá - banco Burdwood. 1ed. Buenos Aires: Parques Nacionales, 2024, v. 1, p. 35-38.

Perez et al. Biodiversidade de invertebrados marinhos com potencial biotecnológico. In: Fabiano Thompson; Cristiane Thompson. (Org.). Biotecnologia Marinha. 1ed. Rio Grande: FURG, 2020, v. 1, p. 229-254.

Sánchez et al. Gorgonian Corals. Coral Reefs of the World. 1ed.: Springer International Publishing, 2019, v. , p. 729-747.

Perez, C.D. Recifes e/ou ambientes coralíneos de Suape a Porto de Galinhas (PE). In: Laborel-Deguen, F.; Castro, C.B; Nunes, F., Pires, D.O.. (Org.). Recifes brasileiros: o legado de Laborel. 1ed. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2019, v. 1, p. 156-159.

Gomes et al. Diversity and Distribution of Actiniaria. In: Stefano Goffredo ; Zvy Dubinsky. (Org.). The Cnidaria, Past, Present and Future: The world of Medusa and her sisters. 1ed. Nova Iorque: Springer International Publishing, 2016, v. 1, p. 125-138.

Perez et al. Diversity and Distribution of Octocorallia. In: Stefano Goffredo; Zvy Dubinsky. (Org.). The Cnidaria, Past, Present and Future: The world of Medusa and her sisters. 1ed. Cham: Springer International Publishing Switzerland, 2016, v. 1, p. 109-123.

Perez et al. Cnidários. In: Jessor Fidelis de Souza Filho. (Org.). Guia biológico do litoral de Pernambuco. 1ed. Ipojuca: Petrobras, 2015, v. 1, p. 28-51.

Perez CD. Octocorais (Cnidaria, Octocorallia) do litoral de Pernambucano (Brasil). In: M. Tabarelli; J. M. C. Silva. (Org.). Diagnostico da Biodiversidade de Pernambuco. 1ed. Recife: Sectma (Governo Do Pernambuco) Ed. Massangana, 2002, V. li, P. 365-368.

Síntese das demais produções científicas

Resumos Expandidos publicados em anais de eventos- 30 resumos (29 com discentes)

Resumos Simples publicados em anais de eventos- 75 resumos (65 com discentes)

Patente

Melo, L. F. A.; Luna-Finkler, C.; **Pérez, C.D.;** Souza, I. A. Processo Fermentativo para produção de toxinas pela cepa marinha *Bacillus thuringiensis* Bcltrh-01 com potencial larvicida contra *Aedes*

aegypti. 2017, Brasil. Patente: Privilégio de Inovação. Número do registro: BR10201701824, Instituição de registro: INPI - Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Depósito: 25/08/2017.

Participação em Eventos (com apresentação de trabalhos/oficinas/simpósios/minicursos) - 33

Organização de Evento Científico- 9 (2 internacionais)

Participação em Bancas Examinadoras

Bancas de Monografias ou Trabalhos de Conclusão de curso- Graduação- 30

Bancas de Mestrado- 34

Bancas de Doutorado- 8

Bancas de Qualificação de Mestrado- 2

Bancas de Qualificação de Doutorado- 8

Bancas de Concurso para Docente de Magistério Superior- 2

Formação de Recursos Humanos- concluído (em andamento)

Orientação de trabalho de conclusão de curso de Graduação- 19 (01)

Orientação de trabalho de conclusão de curso de Especialização- 01

Orientação de Iniciação Científica- 45 (02)

Orientação de Mestrado- PPGBA-UFPE- 18 (01)

Orientação de Mestrado- PPGSHMA (CAV-UFPE) - 03

Orientação de Mestrado- PPGBio-UFRPE- 07 (01)

Orientação de Doutorado- PPGBA-UFPE- 05 (02)

Orientação de Doutorado- PPGBio-UFRPE- (02)

Supervisão de Pós-doutorado- 03

